

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Identities Espaço-temporais em Terra de Areia/RS:  
um estudo sobre o tempo e a Geografia

FÁBIO GUADAGNIN

ORIENTADOR: PROF. DR. PAULO R. R. SOARES

PORTO ALEGRE, JULHO DE 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Identities Espaço-temporais em Terra de Areia/RS:  
um estudo sobre o tempo e a Geografia

FÁBIO GUADAGNIN

Orientador: Prof. Dr. Paulo R. R. Soares

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Gláucio Marafon (PPG em Geografia/UERJ)

Prof. Dr. Luis F. Mazzini Fontoura (PPG em Geografia/UFRGS)

Prof. Dr. Nelson Rego (PPG em Geografia/UFRGS)

**Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-graduação  
em Geografia como requisito  
para obtenção do título de  
Mestre em Geografia.**

PORTO ALEGRE, JULHO DE 2008

Guadagnin, Fábio

Identities Espaço-temporais em Terra de Areia/RS: um estudo sobre o tempo e a Geografia. / Fábio Guadagnin - Porto Alegre : UFRGS/PPGEA, 2008.

[132 f.] il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS - BR, 2008.

1. Tempo e Geografia. 2. Espaço-Tempo. 3. Temporalidade. 4. Velocidade de Fluxos. 5. Terra de Areia, RS. I. Título.

---

Catálogo na Publicação  
Biblioteca Geociências - UFRGS  
Renata Cristina Grun CRB10/1113

## **Agradecimentos**

Não podemos chegar ao final de uma longa jornada e esquecer daqueles que estiveram ao nosso lado durante cada passo. Por isso, agradeço e dedico esta dissertação, antes de qualquer outra pessoa, aos meus pais. São minha referência constante, mesmo um pouco distantes.

É preciso agradecer também a todos que agüentaram meu mau humor nos últimos dois anos e meio. Meus alunos queridos que suportaram minhas aulas chatas e a demora em corrigir as provas porque eu precisava “dissertar”. Meu diretor e supervisora, sempre muito compreensivos diante de minhas faltas. Minha irmã, que mesmo sem saber foi importante para me manter focado no meu trabalho. Meu orientador, professor Paulo, com quem divido a paixão pelo cinema e que foi, antes de tudo, um parceiro de longas e boas conversas. Meus amigos, que lá no início da graduação foram fundamentais para a escolha do tema desta dissertação. E a Laura, que me agüentou esse tempo todo, estando do meu lado nos bons e maus momentos, se esforçando ao máximo para tentar manter minha saúde física e sanidade mental.

É fundamental também agradecer à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a todos os seus professores e funcionários que não cessam a luta por uma Universidade pública, gratuita e de mais qualidade.

A todos vocês, muito obrigado.

*Ticking away the moments that make up a dull day  
    You fritter and waste the hours in an off hand way  
    Kicking around on a piece of ground in your home town  
    Waiting for someone or something to show you the way*

*Tired of lying in the sunshine staying home to watch the rain  
    You are young and life is long and there is time to kill today  
    And then one day you find ten years have got behind you  
    No one told you when to run, you missed the starting gun*

*And you run and you run to catch up with the sun, but it's sinking  
    And racing around to come up behind you again  
    The sun is the same in the relative way, but you're older  
    Shorter of breath and one day closer to death*

*Every year is getting shorter, never seem to find the time  
    Plans that either come to naught or half a page of scribbled lines  
    Hanging on in quiet desperation is the english way  
    The time is gone, the song is over, thought I'd something more to  
    say*

Time - Pink Floyd

## **Resumo**

A utilização do conceito de tempo como uma categoria de análise em Geografia não é tão rara quanto se imagina, mas tampouco é tão presente e reflexiva quanto se gostaria. Ainda mais raros são os trabalhos de pesquisa que incluem de maneira efetiva a dimensão espaço-temporal na análise geográfica. Esta pesquisa apresenta, portanto, uma discussão em torno de autores que analisam esta perspectiva, na tentativa de construir os conceitos de espaço-tempo, temporalidade (velocidade de transporte de matéria e informação) e identidade espaço-temporal, ao mesmo tempo em que tenta articulá-los ao universo conceitual da Geografia. Adicionalmente, esta pesquisa também tenta demonstrar uma possibilidade de uso efetivo destes conceitos na análise de um recorte espacial específico. O trabalho de campo experimental foi desenvolvido na cidade de Terra de Areia, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, onde diversos fluxos lentos e rápidos convivem proximamente, gerando conflitos temporais manifestados nos hábitos, gestos e sentimentos dos habitantes da localidade.

**Palavras-chave:** tempo e geografia, espaço-tempo, temporalidade, velocidade de fluxos.

## **Abstract**

The use of the concept of time as a category of analysis in Geography is not as rare as we imagine, but neither is as reflexive or common as we would like it to be. Even more rare are the scientific works that include in an effective way the space-time dimension in geographical analysis. This research presents, therefore, a discussion about authors who discuss this perspective, in trying to build the concepts of space-time, temporality (matter and information transport speed) and spatial-temporal identity at the same time that tries to link them to the conceptual universe of Geography. Also, this research tries to demonstrate a possibility of effective use of these concepts in the analysis of a specific portion of space. The experimental field work was developed in the city of Terra de Areia, in the northern coast of Rio Grande do Sul/Brazil, where several flows with different speeds live closely, generating temporal conflicts manifested in habits, gestures and feelings of the inhabitants of the town.

**Key-words:** time and geography, space-time, temporality, speed of flows.

## Lista de ilustrações

Figura 1 – Representação dos diferentes sistemas técnicos ao longo da história .....	19
Figura 2 – Carroça de um catador de materiais recicláveis .....	37
Figura 3 – Protesto de associação de catadores de papel na cidade de São Paulo .....	38
Figura 4 – Esquema representando o processo de materialização do tempo .....	52
Figura 5 – Diferentes sistemas técnicos simultâneos ao longo do tempo .....	53
Figura 6 – Pista de <i>skate</i> no centro de Terra de Areia, em 2003 .....	74
Figura 7 – Cruzamento entre a BR-101 e uma via secundária, em Terra de Areia .....	75
Figura 8 – Aglomerações urbanas do Rio Grande do Sul .....	76
Figura 9 – Localização de Terra de Areia .....	78
Figura 10 – Mapa rodoviário do Litoral Norte do Rio Grande do Sul .....	81
Figura 11 – Organograma de emancipação de Terra de Areia .....	82
Figura 12 – Igreja Matriz de Terra de Areia e torre de telefonia celular .....	85
Figura 13 – Bazar “Tempos Modernos”, construção com mais de duas décadas .....	88
Figura 14 – Estabelecimento comercial construído há mais de três décadas .....	89
Figura 15 – Estabelecimento comercial construído recentemente .....	89
Figura 16 – Lanhouse em Terra de Areia, com acesso à Internet e jogos em rede .....	91
Figura 17 – Lanhouse em Terra de Areia, com acesso à Internet e locação de filmes .....	92
Figura 18 – Núcleo de Educação a Distância da Universidade de Caxias do Sul .....	93
Figura 19 – Charrete movida por tração animal, em deslocamento por via secundária .....	94
Figura 20 – Bicicleta estacionada em frente a estabelecimento comercial .....	95
Figura 21 – Trecho da rodovia BR-101 cortado por via secundária .....	96
Figura 22 – Via secundária não asfaltada de acesso à BR 101 .....	96
Figura 23 – Trecho da BR-101 que apresenta conflito com fluxos mais lentos .....	97
Figura 24 – Via secundária que liga a BR-101 à RS-486 (Rota do Sol) .....	97
Figura 25 – Trecho da BR-101 em duplicação, no município de Terra de Areia .....	98
Figura 26 – Propriedade rural no interior de Terra de Areia .....	101
Figura 27 – A agricultora Rosiléia, vendendo sua produção na praça central da cidade ...	107
Figura 28 – Produção de abacaxis de Rosiléia .....	108
Figura 29 – Professora Maria Helena, durante entrevista em uma das escolas que atua ....	110
Figura 30 – Evandro, funcionário de uma das lanhouses de Terra de Areia .....	111

## **Lista de tabelas**

Tabela 1 – Períodos técnicos segundo B. M. Gros .....	41
Tabela 2 – Estimativas populacionais de Terra de Areia .....	84
Tabela 3 – Fases de ocupação do Litoral Norte do RS .....	88

## Sumário

### APRESENTAÇÃO

A escolha do tema e os primeiros passos .....	10
Organização dos capítulos .....	12

### INTRODUÇÃO

A técnica e o tempo .....	14
Sistemas técnicos e a divisão do tempo .....	19
Objetivos específicos .....	21

### 1. METODOLOGIA DE PESQUISA

1.1 Método em Geografia .....	22
1.2 Procedimentos metodológicos .....	24
1.3 A complexidade temporal e uma visão pós-moderna .....	26

### 2. O TEMPO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE

2.1 O tempo, resgate (ou engate?) de uma categoria de análise .....	29
2.2 O tempo ao longo da história .....	30
2.3 Conceituando o tempo em Geografia .....	33

### 3. PERIODIZAÇÃO DO TEMPO

3.1 O tempo dividido e cristalizado .....	39
3.2 Os diferentes sistemas técnicos: uma periodização possível .....	42

### 4. MATERIALIZAÇÃO DO TEMPO

4.1 Materialização do tempo sob interação de múltiplas escalas .....	50
4.2 Espaço urbano: mosaico de temporalidades .....	53

### 5. TEMPO VIVIDO: IDENTIDADE ESPAÇO-TEMPORAL

5.1 O tempo relativizado .....	56
5.2 O espaço-tempo no ambiente urbano .....	61
5.3 Espaço amnésico e tempo efêmero .....	63

### 6. INFLUÊNCIA DO TEMPO-MATERIAL NA VIDA COTIDIANA

6.1 Ritmos de vida em rede .....	66
6.2 A imposição das Redes Técnicas .....	69

### 7. TERRA DE AREIA, AREIA DO TEMPO

7.1 A escolha do local para observação das variáveis temporais .....	73
7.2 Localização e breve histórico do município .....	77
7.3 Reconhecimento do espaço local e suas temporalidades .....	84

7.4 As três dimensões do tempo em Terra de Areia .....	86
7.4.1 O tempo linear .....	86
7.4.2 O tempo técnico .....	87
7.4.3 A temporalidade .....	98
7.5 Entrevistas com os moradores realizadas em 2003 .....	99
7.6 Entrevistas com os moradores realizadas em 2008 .....	105
<b>REFLEXÕES FINAIS</b>	
Revalorização do espaço urbano .....	113
Identidades temporais .....	115
A aceleração do tempo e o colapso do futuro .....	117
Contribuições .....	122
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	126

## APRESENTAÇÃO

### **A escolha do tema e os primeiros passos**

A idéia inicial para esta dissertação surgiu durante um trabalho de campo da disciplina *Geografia Cultural*, cadeira obrigatória do currículo do curso de graduação em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Durante a atividade de campo, sob orientação dos professores Dr. Álvaro Heidrich e Dra. Rosa Maria Viera Medeiros, observamos a paisagem cultural e conversamos com moradores de Terra de Areia, município do Litoral Norte do estado. Meus colegas e eu tivemos a oportunidade de conversar com três gerações de uma mesma família, três habitantes de uma mesma porção do espaço mas que conviviam com temporalidades (velocidade de fluxos) muito distintas. Esta primeira experiência no município foi então relatada por escrito e mais tarde apresentada em alguns eventos científicos. De início, é preciso destacar e agradecer a todos os colegas que construíram comigo aquele relatório e que, mesmo sem saber, tiveram grande influência na escolha do tema e elaboração desta dissertação. Ainda é preciso destacar que este relatório foi apresentado pelos autores e bem recebido pelos participantes do 1º Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades, realizado em Canoas/RS, e do XVII Encontro Nacional de Geografia Agrária, realizado em Gramado/RS, ambos em 2004.

De uma certa maneira, esta atividade de campo configurou-se quase como uma desculpa para que fosse possível discutir temas mais amplos e que permearam minha curta vida acadêmica. Pode-se dizer que esta dissertação é a síntese de quatro ou cinco diferentes focos de interesse que guardam certa independência, mas que, em última instância, são variações do mesmo tema: a temporalidade do espaço. Ao longo dos últimos anos, circudei

este tema com aproximações em diversas direções, e agora acredito que todas estas aproximações tenham amadurecido e me sinto capaz de visualizar um elo comum a todas. Em resumo, este trabalho é o produto de minhas inquietações ao longo da minha trajetória dentro da universidade.

Diversos autores se mostraram importantes ao longo desta caminhada, mas não há dúvida de que Milton Santos está em posição de destaque no que diz respeito à temática deste trabalho. No capítulo 18, intitulado “A noção de tempo nos estudos geográficos”, de seu livro “Por uma Geografia Nova” (1978), ele já deixava clara a importância de se trabalhar com o tempo como uma categoria de análise em Geografia, mais do que isso, nos mostra a importância de incorporar em nossa análise o conceito de *espaço-tempo*. Em 1996, quase vinte anos depois, na que talvez seja sua obra mais completa, “A Natureza do Espaço”, Milton Santos reforça esta idéia no capítulo 6, intitulado “O tempo (os eventos) e o espaço”, deixando clara a necessidade e a igual incapacidade da maior parte dos autores brasileiros em conseguir conciliar estas duas dimensões e tratá-las como uma só.

Há que se reconhecer, entretanto, que o próprio Milton Santos é um tanto vago no que diz respeito à aplicabilidade prática desta conjunção de espaço e tempo em trabalhos de pesquisa em Geografia (talvez porque este nunca tenha sido seu propósito), especialmente em trabalhos de pesquisa que estejam preocupados com escalas menores de análise. Discussões sobre a evolução temporal (ou técnica, termo mais comum) de regiões continentais ou mesmo de países são relativamente recorrentes, mas a análise dos efeitos da aceleração do tempo em pequena escala, com destaque para os efeitos desta aceleração na vida cotidiana das pessoas, nos parece incomum dentro da Geografia. E é para pretensiosamente tentar preencher esta lacuna que esta dissertação foi elaborada. Em verdade, ela nada mais apresenta do que uma discussão em torno da perspectiva espaço-temporal em Geografia, sustentada por alguns autores que já tratam do tema, e uma proposta metodológica para tentar apontar uma direção

que possa nos levar à incorporação desta perspectiva em nossos estudos geográficos em pequena escala, investigando o universo pessoal de reações e sensações diante da aceleração do tempo. Para tanto, e como o terreno por onde caminhamos é um tanto desconhecido, além de propor alguns passos metodológicos, também nos propusemos a testá-los em campo. Esta experiência prática, que aqui também encontra-se descrita, foi elaborada ao longo do último ano, no município de Terra de Areia, cuja diversidade espaço-temporal nos chamou a atenção e nos fez acreditar que naquele município poderíamos analisar com bastante clareza as influências de espaço e tempo, e suas interações, na vida de seus habitantes.

### **Organização dos capítulos**

Esta pesquisa está organizada em cinco capítulos, cada um tratando de um sub-tema fundamental para a construção de uma noção espaço-temporal em estudos geográficos. Antes, porém, discutimos o papel da técnica nas modificações sociais, elemento fundamental para a construção da noção de temporalidade. Em seguida, apresentamos nossa postura diante do método e da metodologia adotados nesta pesquisa, aqui referidos como método de interpretação e método de pesquisa. Logo se seguem os cinco capítulos principais desta dissertação, nos quais discutimos, em ordem, o tempo enquanto categoria de análise em Geografia, propondo inclusive a tipificação do tempo em categorias específicas; a periodização do tempo, propondo uma divisão dos sistemas técnicos ao longo da história; a materialização do tempo e as combinações espaços-temporais que daí se despreendem; a influência do tempo espacial na vida dos habitantes de um determinado espaço, partindo da visão comum de tempo e seus desdobramentos, em especial em ambientes urbanos; e as formas de adaptação dos indivíduos sob influência de uma temporalidade, construindo uma

noção de ritmo de vida e destacando o papel das redes técnicas na disseminação de novas temporalidades.

A partir desta construção teórica, apresentamos um estudo de caso, desenvolvido no município gaúcho de Terra de Areia, no penúltimo capítulo desta pesquisa. Este inclui um breve histórico do município e discute as múltiplas temporalidades vigentes em seus espaços urbanos e rurais, traduzidos na forma dos conflitos identificados nas entrevistas com seus moradores.

Por fim, o último capítulo traz as reflexões finais a respeito dos conflitos espaço-temporais dos indivíduos identificados no estudo de caso, analisados sob a perspectiva da construção teórica anterior e das observações empíricas realizadas durante os trabalhos de campo.

## INTRODUÇÃO

### **A técnica e o tempo**

É trabalho da Geografia preocupar-se com os acontecimentos que guardam uma posição espacial, suas causas e conseqüências. Mas não são todos os fenômenos espaciais que nos interessam diretamente, apenas aqueles que guardam relação direta com a atuação humana sobre o espaço, seja influenciando ou sendo influenciados pela ação humana. Ao relacionar-se com o espaço circundante, o homem não modifica apenas a *natureza*, mas também sua condição humana. A evolução do homem em interação com a natureza se dá em uma espiral ascendente de mútua influência que jamais retrocede ou mesmo se repete. Esta concepção filosófica da realidade, defendida já na Grécia antiga por Heráclito de Éfeso (aprox. 540-280 a.C.), define esta forma de interação entre espaço e homem e pode ser bem caracterizada pela célebre afirmação de que nenhum homem pode banhar-se por duas vezes no mesmo rio.

De início, é mais importante tratarmos das formas de atuação humana responsáveis pelas modificações espaciais. A principal forma de modificação do espaço, segundo Friederich Engels, no clássico “A Dialética da Natureza” (originalmente publicado em 1883), é o trabalho humano. Através da utilização de instrumentos, o homem modificaria a natureza e a si mesmo, sendo, portanto, produtor e produto do meio em que vive. Este é um dos fundamentos de uma perspectiva contemporânea em relação ao materialismo histórico, a aceitação de que o meio material tem forte influência sobre o desenvolvimento da sociedade, mas não o determina, pois, em última instância, o homem também tem forte influência sobre

o meio. E nos parece que investigar quem tem influência maior é tão útil quanto investigar se o ovo é de fato mais velho do que a galinha. Nas palavras de Ruy Moreira,

a relação homem-meio não é só movimento temporal, mas movimento dialético de transformação recíproca de conteúdo e forma, equivalentes de tempo e espaço, porque de continuidade e descontinuidade. Esse caráter dialético é que faz compreender as leis de movimentos da relação homem-meio como formação espacial. É através da dialética do espaço-tempo que podemos acompanhar os processos e os estágios de desenvolvimento das formações espaciais enquanto estágios diferentes da relação homem-meio no tempo. Sem ela, a noção de arranjo espacial torna-se estática, meramente uma estrutura formal da formação econômico-social. (MOREIRA, 2007, pág. 66-67)

O que importa para o que pretendemos demonstrar é que o trabalho humano, o trabalho social, em especial, possui uma eficiência na transformação da natureza equivalente ao estágio de desenvolvimento técnico de uma determinada sociedade. Em outras palavras, quanto mais avançadas as *técnicas produtivas* de uma sociedade, mais intensa será a humanização da natureza e maiores serão as necessidades de adaptação à nova realidade, impulsionando, dialeticamente, o desenvolvimento tecnológico de adaptação/modificação ao/do meio. Sendo que as técnicas produtivas de uma sociedade nada mais são do que o conjunto do conhecimento técnico e dos meios materiais de produção, na definição de E. K. Hunt (1981, pág. 25). O conjunto de técnicas produtivas, a tecnologia, por sua vez, é definida por Amílcar Herrera como

o conjunto de ferramentas materiais, conhecimentos e habilidades usados para satisfazer as necessidades da sociedade, e assegurar seu controle sobre o meio ambiente físico. Condiciona o “que fazer” e “como fazer” de uma sociedade. A tecnologia baseada na ciência resulta da utilização de conhecimentos científicos para fins práticos. (HERRERA in DAGNINO, 2000, pág. 153-154)

O conjunto de técnicas empregadas por uma sociedade para se reproduzir é, portanto, influente sobre a velocidade de transformação da natureza e do próprio homem. Pierre George caracteriza bem este equilíbrio dinâmico afirmando que

quanto mais antiga a primeira ocupação do solo, mais heranças o espaço terá acumulado. O espaço aparece ao mesmo tempo como criação humana e dado natural. Esta criação vai se liberando cada vez mais dos dados naturais à medida que as técnicas aplicadas à domesticação do espaço vão se tornando mais refinadas. (...) As “revoluções” técnicas introduzem novas relações entre espaço e sociedade, modificando os respectivos valores das diversas frações do espaço. (GEORGE, 1974, pág. 33)

É deste contínuo processo de (re)adaptação entre sociedade e natureza que se desprendem os conceitos marxistas de *primeira natureza* e *segunda natureza*. Em verdade, a continuidade do processo não permite a cristalização de dois momentos historicamente definidos. São muitas as naturezas e não apenas duas. A cada passo de interação, uma nova configuração espacial se verifica. No entanto, a velocidade de sofisticação das técnicas de produção avança junto com a espécie humana, mais uma vez, influenciada e influenciando. Assim, para entendimento da evolução da natureza, Marx definiu duas etapas amplas desta espiral evolutiva. O que nos leva a um questionamento inexorável: aceita a existência de uma natureza humanizada através de nossas técnicas de (re)produção e historicamente construída, e aceita a influência desta nova configuração sobre o homem, não estaríamos diante de uma nova etapa de evolução do próprio homem? Talvez o homem seja tão infinitamente múltiplo quanto a natureza. E talvez por isso também Erich Fromm tenha proposto a existência do *Homo consumens*, uma nova etapa evolutiva de um homem que hoje encontra-se subjugado pela organização produtiva capitalista e reduzido a um dente de engrenagem. (FROMM, 1975, pág. 53)

As técnicas humanas modificam o espaço e impõem sobre ele um tempo próprio, inerente à própria natureza da técnica, historicamente definida. Cada momento histórico possui um conjunto de técnicas que é utilizado para criar as condições de (re)produção social. Nas palavras de David Harvey, “de uma perspectiva materialista, (...) podemos afirmar que as concepções do tempo e do espaço são criadas necessariamente através de práticas e processos materiais que servem à reprodução da vida social”. (HARVEY, 1999, pág. 189)

Com esta intenção, o homem modifica o espaço e tolhe suas características originais de acordo com as necessidades sociais e produtivas. O espaço passa a ter um tempo próprio, uma função atribuída artificialmente que passa a determinar a lógica de utilização deste novo espaço. O espaço passa a ter uma nova *forma* material (sua realidade física imediata) e uma nova *função* social (a função para a qual o espaço foi adaptado), passa a fazer parte de uma nova *estrutura* espacial mais ampla (urbano-industrial, por exemplo) e fica sob a influência de um *processo* histórico em curso (expansão urbana ou da fronteira agrícola). (SANTOS, 1985, pág. 50)

“As técnicas são um fenômeno histórico. Por isso, é possível identificar o momento de sua origem. Essa datação é tanto possível à escala de um lugar, quanto à escala do mundo.” É assim que Milton Santos responde à sua própria questão adjacente: “Pode-se falar em ‘idade’ de um lugar?” (2004a, pág. 56). Concordamos com Milton Santos quanto à possibilidade de medir o tempo dos objetos e dos lugares, e também concordamos com a variável que determinaria esta idade

há uma idade científica das técnicas, a data em que, num laboratório, elas são concebidas. Mas isso pode ter apenas importância para a história da ciência. E, ao lado dessa idade científica, há uma idade propriamente histórica, a data em que, na história concreta, essa técnica se incorpora à vida de uma sociedade. Na realidade, é aqui que a técnica deixa de ser ciência para ser propriamente técnica. Esta somente existe quando utilizada. Sem o sopro vital da sociedade que a utiliza, o que há é talvez um objeto, uma máquina, mas não propriamente uma técnica. De um ponto de vista propriamente histórico é esta a data que conta: é aí que se estabelece a certidão de batismo universal da nova técnica. (SANTOS, 2004a, pág. 57)

Mas podemos ir além: os objetos e os lugares possuem uma idade técnica-conceitual, definida por Milton Santos, e também possuem um tempo interno, um tempo determinado pelas modificações espaciais impostas pelas técnicas de (re)produção social. Os objetos e lugares adquirem características materiais e subjetivas que possuem uma velocidade intrínseca de transcorrência dos eventos, ou melhor, de transporte de matéria e de informação. Em qualquer cidade, um espaço temporalmente heterogêneo, é possível identificar

compartimentos que nos remetem a outros momentos históricos. E sempre que uma porção do espaço já não estiver em acordo com a velocidade dos fluxos materiais e subjetivos atuais, facilmente será observado que tal porção do espaço entra em conflito com o entorno (espaços diacrônicos), passando, mais cedo ou mais tarde, por um processo de deterioração até um ponto extremo, quando esta porção do espaço passa por uma revitalização completa e volta a integrar o espaço-tempo urbano em curso (espaços sincrônicos). Esta é a expressão prática e material da inércia dinâmica das formas urbanas herdadas de outros sistemas técnicos. (SANTOS, 2004a, pág. 43)

Em nosso país já há uma certa bagagem epistemológica (em grande parte fruto dos trabalhos do próprio Milton Santos) em torno da interação entre espaço e tempo. No entanto, ainda há uma certa “frouxidão conceitual, com abundância de circunloquções e tautologias”. É por isso que Milton Santos nos leva a uma série de questões que tentam incitar a reflexão sobre o espaço-tempo e sua utilização prática: “Como ultrapassar o enunciado gratuito de um tempo unido ao espaço, mediante a relativização de um e de outro? Como traduzir em categorias analíticas essa mistura, que faz com que o espaço seja também o tempo e vice-versa?”. (SANTOS, 2004a, pág. 50)

É para contribuir com esta discussão que esta pesquisa foi idealizada. Para contribuir e investigar na prática, através de um exemplo, como se dá esta mútua influência entre tempo e espaço. Já que podemos falar em tempo dos lugares e tempo dos fluxos, o que nos interessa, especificamente, são as ações e sentimentos das pessoas que (inter)agem com o espaço em uma temporalidade (uma velocidade de fluxos materiais e subjetivos) enquanto habitam porções do espaço que possuem uma temporalidade própria, diferente daquela de seus habitantes. Caso esta falta de sincronia dê origem a algum tipo de conflito, nos interessa também que conseqüências espaciais eles impõe. Responder estas e outras tantas perguntas foi

o ponto de partida de um longo caminho que percorremos na tentativa de caracterizar como o tempo dos lugares influencia no tempo e na vida das pessoas.

### **Sistemas técnicos e a divisão do tempo**

É quase impossível dividir um fluxo contínuo e constante como o tempo em partes diferenciadas. No entanto, foi fundamental para o sucesso desta pesquisa a adoção ou proposição de uma periodização, não do tempo em si, mas das técnicas sociais de (re)produção ao longo do tempo (o que Milton Santos chamaria de *sistemas técnicos*), representada pelo esquema a seguir, onde cada crista representa a predominância de um novo sistema técnico.

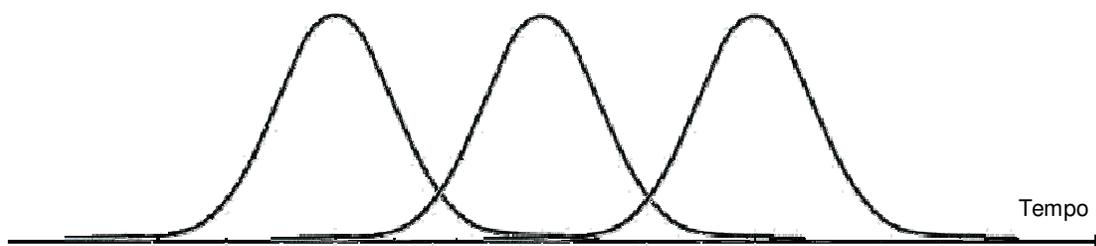


Figura 1 – Representação dos diferentes sistemas técnicos ao longo da história.

Esta periodização do tempo quanto às técnicas predominantes foi passo fundamental e está baseada nos termos definidos por Milton Santos (1985, págs. 23-28 e 2004a, págs. 171-187), ao lado dos diversos autores por ele citados. Ao longo da construção do trabalho, entendemos que a utilização de apenas uma periodização do tempo demandaria generalizações exageradas, o que nos levou a perceber que adotar três periodizações, cada uma equivalendo a uma das três dimensões do tempo tratadas nesta dissertação, permitiria maior liberdade de análise e exigiria menor esforço de adaptação. Estas periodizações foram importantes porque permitiram a qualificação das diferentes situações temporais dos espaços

e dos indivíduos, permitindo que se afirmasse, por exemplo, que determinada porção do espaço nos remete a determinado tempo histórico enquanto as ações de seus habitantes nos remetem a outro.

As periodizações do tempo segundo os sistemas técnicos deram fundamento teórico à observação empírica que teve como objetivo a qualificação das porções do espaço de acordo com as técnicas utilizadas para modificá-lo. Foi possível assim qualificar temporalmente o espaço para avaliar a influência deste tempo sobre as ações de seus habitantes. Da mesma forma, se fez necessário qualificar as ações dos indivíduos de acordo com a velocidade de fluxos objetivos e subjetivos que as pautam. Estas qualificações permitiram a caracterização de situações em que o tempo dos espaços não coincide com o tempo dos indivíduos, ou ainda situações nas quais verificamos uma temporalidade hegemônica e uma temporalidade hegemonzada, sendo a primeira “vetor da ação dos agentes hegemônicos da economia, da política e da cultura”, e os agentes sociais da segunda “hegemonzados pelos primeiros”, devendo “contentar-se de tempos mais lentos” (SANTOS, 1994, págs. 31-32). Estas situações nos levaram à intenção de investigar as conseqüências e os possíveis conflitos desta temporalidade diacrônica, deste choque entre tecnoesfera e psicoesfera, nos termos de Milton Santos (*op. cit.*).

Em tempo, o uso do termo *temporalidade*, que pode ser definido como a velocidade de fluxos materiais e imateriais, está baseada no próprio Milton Santos: “a palavra correta, aliás, seria temporalidade, considerada como uma interpretação particular do tempo social por um grupo, ou por um indivíduo”. (2004a, pág. 213)

### **Objetivos específicos**

De forma direta, os objetivos desta pesquisa foram: 1. Construir uma noção, fundamentada na bibliografia revisada, a respeito do conceito de tempo e seu uso em Geografia; 2. Definir uma periodização da evolução das técnicas de (re)produção social; 3. Caracterizar diferentes porções do espaço de acordo com sua temporalidade; 4. Caracterizar as ações dos habitantes dos espaços observados também de acordo com sua temporalidade; 5. Analisar a mútua influência da temporalidade do espaço e da temporalidade dos indivíduos; 6. Indicar a existência de possíveis conflitos e suas conseqüências para interação dos indivíduos com o espaço.

A seguir, estão expostos os passos dados na tentativa de concretizar estes objetivos e apresentados os resultados das discussões sustentadas pela bibliografia revisada e pelas entrevistas realizadas durante os trabalhos de campo.

## 1. METODOLOGIA DE PESQUISA

### 1.1 Método em Geografia

Antes de qualquer discussão em torno do tema desta dissertação, se fazem necessárias algumas observações sobre método de pesquisa em Geografia, a fim de descrevermos não apenas os procedimentos metodológicos deste trabalho mas também discutirmos os fundamentos teórico-metodológicos que acreditamos serem os mais adequados para a Geografia do início do século XXI. Antônio Carlos Robert Moraes e Wanderley Messias da Costa, em sua obra “A Valorização do Espaço” (1987), o primeiro volume de uma coleção que se pretende uma proposta crítica para uma Geografia da sociedade, tentam apontar uma saída para a crise que assolou a Geografia no Brasil a partir da década de 1970. No capítulo destinado à metodologia de pesquisa em Geografia, os autores apontam uma diferenciação fundamental entre *método de interpretação* e *método de pesquisa* (pág. 27). Como a questão metodológica em Geografia ainda gera muitas dúvidas em seus aventureiros (mais de dois séculos depois e ainda estamos aqui, discutindo objeto e método), e como compartilho da visão dos autores, creio que caiba aqui reproduzir e discutir esta diferenciação, bem como apontar algumas de suas implicações práticas gerais e específicas.

O primeiro termo utilizado pelos autores, método de interpretação, “(...) refere-se a posturas filosóficas, ao posicionamento quanto às questões da lógica e, por que não dizer, à ideologia e à posição política do cientista” (pág. 27). Neste sentido, o método de interpretação de um determinado recorte espacial ou fenômeno confunde-se, sem perdas, com o que comumente chamamos de referencial teórico. Escolhamos um ou outro termo, este elemento é definido pelo conjunto de influências filosóficas e políticas que compõem o quadro dentro do

qual um pesquisador se situa. Os elementos que compõem nossa interpretação podem até mesmo ser considerados, em certa medida, inconscientes, pois qualquer parte de nossa formação acadêmica e social pode ter influência sobre o modo como vemos o mundo, mesmo que não estejamos atentos para isso. Desta forma, este conjunto de idiossincrasias pode ser objetivamente indefinível, mas fica explícito ao longo do trabalho de qualquer pesquisador, pois define seus passos e aponta as direções em que ele se move.

Cabe ao pesquisador, portanto, apenas esclarecer quais são suas raízes filosóficas, que autores ou escolas têm maior influência sobre sua forma de fazer ciência, sem preocupar-se com que cada procedimento adotado esteja inteiramente de acordo com este ou aquele método. Não há mal algum em lançarmos mão de artifícios estatísticos como apoio para análise de uma variável que aceite esta mensuração matemática, mesmo que pretendamos seguir o materialismo dialético ou sejamos simpáticos à fenomenologia. O procedimento simples não denuncia nossa posição diante da variável, mas a interpretação que damos aos resultados levantados estatisticamente.

De forma complementar, o segundo termo utilizado pelos autores, método de pesquisa, “(...) refere-se ao conjunto de técnicas utilizadas em determinado estudo. Relaciona-se, assim, mais aos problemas operacionais da pesquisa que a seus fundamentos filosóficos” (pág. 27). Esta diferenciação fundamental dá liberdade ao pesquisador pois expande qualquer limite de atuação, uma vez que os procedimentos adotados não obrigatoriamente precisam estar de acordo com este ou aquele corpo teórico. Assim, os passos que definem uma pesquisa científica podem ser dados livremente, de acordo com as necessidades que surgem ao longo do caminho e adaptando-se a cada nova circunstância, a exemplo do que nos diz o poeta espanhol Antonio Machado<sup>1</sup>:

---

<sup>1</sup> *Apud* MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo; 2003, pág. 21.

*Caminante, son tus huellas,  
el camino y nada más;  
Caminante, no hay camino,  
se hace camino al andar.  
Al andar se hace el camino,  
y al volver la vista atrás  
se ve la senda que nunca  
se ha de volver a pisar.  
Caminante no hay camino  
sino estelas en la mar.*

Talvez seja importante neste momento registrar ainda algumas das mais importantes influências durante minha formação acadêmica, a fim de alertar o leitor a respeito dos temas e das posições que surgirão ao longo deste trabalho, antecipando alguns de nossos procedimentos e as referências que nos ajudaram em suas análises.

## **1.2 Procedimentos metodológicos**

Para alcançarmos os objetivos traçados e respondermos todas as perguntas levantadas foram necessárias entrevistas e observação empírica nos ambientes rural e urbano. Para o estudo de caso, cujo objetivo era antes testar a ressonância da teoria em um espaço real e não analisar o espaço em questão, optamos por definir uma área que nos ajudasse a visualizar a diversidade de tempos do espaço, caracterizando as múltiplas urbanidades e ruralidades que almejávamos investigar.

Durante o curso de graduação, realizamos uma saída de campo no município de Terra de Areia, no litoral norte do Rio Grande do Sul. Constatamos que a cidade apresentava diversas temporalidades coexistindo, estando sob influência da Região Metropolitana de Porto Alegre, em uma área de expansão populacional e sob forte influência de uma rodovia federal

que corta o município. Estas e outras características conferem uma diversidade temporal de rara complexidade à cidade, alternando espaços decadentes e outros em renovação. Desta forma, consideramos o município de Terra de Areia o local ideal para a realização do trabalho de campo, composto por entrevistas com os moradores e observação da paisagem cultural, etapas necessárias para concretização de nossos objetivos. A função da observação empírica foi a constatação da situação temporal das diferentes porções do espaço nos dois ambientes, dentro da periodização definida. Este passo foi de extrema importância para análise da influência do tempo próprio às diferentes porções do espaço sobre as ações (aspectos objetivos) e sentimentos humanos (aspectos subjetivos). As entrevistas serviram para o estabelecimento de ligações entre os períodos de tempo definidos e os hábitos dos moradores dos ambientes urbano e rural, pois foi fundamental explorar a relação entre o tempo dos espaços habitados e o tempo (a velocidade dos fluxos materiais e imateriais) que domina a vida de seus habitantes. Esta relação tornou explícita a existência de algum tipo de conflito em decorrência de diferenças temporais entre o espaço e seus habitantes, o que discutimos com detalhamento nas reflexões finais deste trabalho. As entrevistas foram guiadas por uma formulação de Hägerstrand, um dos pioneiros da geografia temporal, de acordo com David Harvey (1999, pág. 195), segundo a qual

os indivíduos são considerados agentes movidos por um propósito, engajados em projetos que absorvem tempo através do movimento no espaço. As biografias individuais podem ser tomadas como “trilhas de vida no tempo-espaço”, começando com rotinas cotidianas de movimento (da casa para a fábrica, as lojas, a escola, e de volta para casa) e estendendo-se a movimentos migratórios que alcançam a duração de uma vida (por exemplo, juventude no campo, treinamento profissional na cidade grande, casamento e mudança para os subúrbios, e aposentadoria passada no campo). (HARVEY, 1999, pág. 195)

Segundo este modelo interpretativo, as trilhas de tempo-espaço cotidianas se encontram para realização de qualquer transação social e este encontro se dá em “estações”. A identificação destas estações foi o ponto de partida para as entrevistas. Estas, por sua vez,

tiveram como objetivo reconhecimento das trilhas cotidianas dos indivíduos. No entanto, este modelo de observação e análise dos deslocamentos dos indivíduos, segundo o próprio David Harvey (*op. cit.*), não contempla as razões da criação destas estações e da fricção pelo deslocamento. De certa forma, este modelo também não contempla aspectos subjetivos e os conflitos entre as temporalidades dos indivíduos e dos espaços por onde transitam cotidianamente. De qualquer forma, o modelo serviu apenas como referência para guiar as entrevistas e pautar a interpretação dos fenômenos espaço-temporais de deslocamento. Além disto, para contemplar os objetivos desta pesquisa, foram priorizados os deslocamentos de curto prazo, dentro da escala cotidiana, embora deslocamentos maiores não tenham sido ignorados.

### **1.3 A complexidade temporal e uma visão pós-moderna**

A mútua influência entre tempo e espaço e os múltiplos aspectos que se desprendem de ambos nos obrigaram a ter uma visão ao mesmo tempo totalizante (SANTOS, 2004, págs. 115-117) e complexa. A multiplicidade temporal, especialmente no espaço urbano, nos levou invariavelmente a uma abordagem das partes com certa homogeneidade interna em articulação, formando uma totalidade maior, ao mesmo tempo que encaramos cada uma das urbanidades como uma totalidade em si, formando um “conjunto absoluto das partes em relação mútua” (L. GOLDMAN, *Origem da Dialética*, 1967, pág. 94 *apud* SANTOS, 2004, págs. 116-117).

Esta multiplicidade dos espaços urbanos e rurais e a nossa incapacidade de analisar com precisão absoluta as relações de mútua influência entre tempo e espaço nos levaram também à adoção de uma abordagem complexa desta realidade, uma vez que não é possível enxergar “as fronteiras bem nítidas dos conceitos como *produtor e produto, causa e efeito, um*

e *múltiplo*” (MORIN, 2005, pág. 183). Esta abordagem se tornou ainda mais necessária quando levamos em consideração a recursividade das variáveis a que nos propomos analisar: tempo e espaço, e dimensões objetivas (tecnoesfera) e subjetivas (psicoesfera) da ação humana. Não se pode ter certeza de que elemento possui maior influência ou mesmo qual influência é anterior, mas esta própria incerteza faz parte de uma abordagem complexa, pois, “nesse caso, há uma ruptura com a grande idéia cartesiana de que a clareza e a distinção das idéias são um sinal de verdade”. (*op. cit.*)

A abordagem a que nos propomos nos levou inexoravelmente ao aprofundamento da bibliografia de dois autores em especial: o próprio Milton Santos, o geógrafo brasileiro que melhor incorporou o tempo aos estudos do espaço e os tomou de maneira indissociável; e Edgar Morin, autor, entre outros títulos, de “Ciência com Consciência”, obra onde discute a ordem e a desordem da realidade e sua abordagem complexa.

A necessidade de uma postura complexa quando tratamos do tempo é confirmada ainda pela física sueca Bodil Jönsson, quando esta afirma que

o tempo – e nossa relação com o tempo – não é complicado. É complexo. Quando se busca simplificar o que é complexo, estamos procurando aborrecimento. Procurando simplificar o que é complexo, arrisca-se a destruir simultaneamente a sua essência e sua existência. Se compararmos o que é complicado com um novelo que se pode eventualmente desembaraçar, podemos comparar o que é complexo com uma tapeçaria. Se puxarmos o fio da tapeçaria, estaremos a um só tempo destruindo sua forma e seus motivos. (...) Diante da complexidade, é preciso avançar pé ante pé, voltar-se em todos os sentidos e olhar sob diferentes ângulos. (JÖNSSON, 2004, pág. 66)

Outro autor fundamental para a construção teórica desta pesquisa, em especial para a elaboração de uma visão contemporânea da relação entre tempo e espaço, foi David Harvey, com sua obra de referência “Condição pós-moderna” (originalmente publicada em 1989 e traduzida para o português em 1992), onde o autor analisa detalhadamente os fenômenos espaço-temporais do final de século XX, destacando mudanças tecnológicas e aspectos artísticos. O autor, ao longo da terceira parte de seu livro, descreve com precisão a

experiência moderna de tempo, as modificações impostas pelo fordismo e pela difusão de informação por meio de ondas de rádio (pág. 242) no início do século XX, além da mudança nos usos e significados do espaço e do tempo na transição do fordismo para a acumulação flexível (págs. 257-276), definida basicamente pela aceleração do tempo de giro do processo produtivo por meio de mudanças na organização da lógica fabril, empresarial, comercial e do sistema financeiro como um todo. Esta aceleração foi a solução encontrada para a superação dos problemas do fordismo-keynesianismo (em crise explícita a partir de 1973) e provocou acelerações paralelas nas trocas e no consumo (pág. 257), desencadeando uma série de processos acelerados que teriam, por fim, transformado todas as relações sociais e, por consequência, nossa noção de tempo e de espaço. David Harvey destaca ainda algumas consequências importantes dessa aceleração generalizada dos tempos de giro do capital, tais como a volatilidade e efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, idéias e ideologias, valores e práticas estabelecidas; a valorização da instantaneidade e da descartabilidade no consumo, e como consequência a crescente agressividade nas formas de promoção de novos produtos; a valorização da imagem (seja da empresa ou do produto) em detrimento da mercadoria em si (o produto pode ser o mesmo, mas a simples estampa que ele traz pode valorizá-lo imensamente ou ainda modificar seu público consumidor); entre outras modificações que marcam o período que tem como marco temporal a década de 1970 e se estende até os dias atuais.

## 2. O TEMPO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE

### 2.1 O tempo, resgate (ou engate?) de uma categoria de análise

Em 29 de maio de 1989, o professor Milton Santos proferiu uma palestra em uma mesa redonda intitulada “O tempo na Filosofia e na História”, promovida pelo Grupo de Estudos sobre o Tempo, do Instituto de Estudos Avançados, da Universidade de São Paulo (USP). Sua fala foi transcrita e publicada alguns anos depois, sob o título de “O tempo nas cidades”, na coleção “Documentos”, série “Estudos sobre o tempo”, fascículo 2, de fevereiro de 2001.

Na palestra, o professor Milton Santos confessou seu desejo de construir um curso de pós-graduação sobre o tempo, acima de qualquer limite acadêmico, com contribuições de todas as disciplinas, desde a História até a Física, passando, obviamente, pela Geografia. Esta importância dada ao tempo fica ainda mais evidente nas obras do professor Milton Santos, onde ele destaca a composição do espaço como acumulação desigual de tempos.

A utilização do tempo como uma categoria de análise em Geografia não é tão rara quanto se imagina, mas tampouco é tão presente e reflexiva quanto se gostaria. Embora muitos autores abordem o tema, a maioria fica restrita à análise das concepções de tempo ao longo da história, pouco refletindo sobre o tempo como elemento concreto do presente e, mais raro ainda, tomando o espaço como uma materialização do tempo. Esta perspectiva nos leva a ver o espaço como um mosaico de diferentes temporalidades, não apenas históricas, mas também de velocidade de fluxos, ou de fluidez do território, como diz Milton Santos (2004, pág. 274). Cada pequena porção do espaço, ao ser modificada por uma técnica historicamente definida, passa a ter uma temporalidade e a permitir uma velocidade máxima (e mínima) de

deslocamento de matéria e informação específica, dando um aspecto de mosaico temporal ao espaço, especialmente ao espaço urbano, onde a diversidade temporal é maior.

Como bem caracteriza o professor Milton Santos, em uma época de grandes avanços tecnológicos,

o tempo rápido não cobre a totalidade do território nem abrange a sociedade inteira. Em cada área, são múltiplos os graus e as modalidades de combinações. Mas, graças à globalização e a seus efeitos locais, os tempos lentos são referidos ao tempo rápido, mesmo quando este não se exerce diretamente sobre lugares ou grupos sociais. (SANTOS, 2004a, pág. 213)

No entanto, o próprio Milton Santos faz uma ressalva importante quando tratamos das temporalidades lentas e rápidas, afirmando que não existem tempos absolutos, mas sim comparações que nos permitem qualificar determinado fenômeno como rápido ou lento diante de outro, o que nos permite também destacar a existência de tempos intermediários entre o rigor da dualidade entre tempo lento e rápido, como faz o próprio autor. Em tempo, é importante destacar que Milton Santos chama a atenção para o fato de que esta proposta dualizada (e um tanto maniqueísta) tem a virtude de permitir uma análise objetiva das velocidades dos fluxos. E esta análise, ainda segundo o autor, está vinculada não ao tempo das máquinas ou dos instrumentos em si, mas das ações que animam os objetos técnicos. (SANTOS, 2004a, pág. 212 e 213)

## **2.2 O tempo ao longo da história**

Embora não seja o objetivo central desta dissertação, as diferentes concepções de tempo ao longo da história e seus reflexos nas concepções filosóficas e científicas das diferentes épocas são um tema também de interesse paralelo. Um autor de referência para esta perspectiva é o britânico Gerald James Whitrow, professor emérito da Universidade de

Londres e pesquisador do *Imperial College of Science and Technology*, e autor de diversas obras sobre a natureza do tempo e a evolução de suas concepções ao longo da história. Em uma de suas principais obras, “O Tempo na História – concepções do tempo da pré-história aos nossos dias”, Whitrow repassa as diferentes concepções de tempo em diversos povos ocidentais e orientais, desde os primórdios da humanidade. De maneira geral, o autor destaca que, inicialmente, prevaleciam as visões cíclicas de tempo, principalmente porque as sociedades humanas ainda viviam subjugadas pelo tempo da natureza, seja através da influência do clima na agricultura, seja pela sucessão das estações definindo as atividades coletivas. Com o avanço tecnológico do mundo ocidental aplicado à agricultura e o conseqüente surgimento do excedente de produção, a partir da Antigüidade, e com efeito mais visível a partir da Idade Média, as primeiras modificações espaciais perenes puderam ser notadas. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento do comércio, segundo Whitrow, permitiu a acumulação de capital, dentro de uma lógica ainda pré-capitalista. Esta acumulação e o desenvolvimento do capitalismo teriam estreita ligação com o surgimento de uma visão linear da transcorrência do tempo.

O físico Luiz Alberto Oliveira comenta (*in* DOCTORS, 2003, pág. 40) que

enquanto as principais atividades produtivas das antigas culturas estiveram centradas na caça e na coleta – e mesmo quando passaram a estar calcadas no cultivo e no pastoreio –, os ciclos essenciais para a sobrevivência foram duas sucessões solares: a dos dias e das noites e a das estações do ano.(...) Não havia, no entanto, necessidade imperiosa de dividir o dia em partes menores, uma vez que a natureza das atividades econômicas era indissociável dos próprios ciclos diário e sazonal. Contudo, a aparição das cidades – com a correspondente especialização das atividades técnicas e econômicas – tornaria conveniente a divisão do dia em intervalos, a partir da observação do progresso contínuo do Sol em seu trajeto de leste a oeste.

Outra importante síntese das modificações nas concepções de tempo ao longo da história pode ser encontrada no artigo “Tempo e história”, de Helio Jaguaribe (*in* Tempo dos tempos, organizado por Marcio Doctors, 2003), no qual o autor apresenta algumas contribuições de pensadores como Platão, Aristóteles e Santo Agostinho, além de diferenciar

as civilizações de visão cosmológica, com uma concepção circular de tempo (civilizações babilônica e egípcia, entre outras), e as civilizações de visão escatológica, para as quais o tempo teve um início e se encaminha para um final (civilizações persa, judaica e cristã, entre outras). Esta última visão, intimamente ligada às religiões escatológicas que pregavam o surgimento do universo através da criação a partir da vontade de um deus ou deuses e, por consequência, apontavam para um final também sob a vontade destes seres divinos.

A pesquisadora sueca Bodil Jönsson também traz uma importante contribuição para que se entenda as diferentes visões do tempo ao longo da história quando distingue o pensamento sobre a constituição do mundo em duas diferentes vertentes de pensamento de grande influência no mundo contemporâneo. De um lado, segundo a autora, os gregos acreditavam que o mundo era constituído por quatro elementos básicos: terra, fogo, ar e água. Estes elementos combinavam-se para formar todos os objetos, sem que houvesse qualquer hierarquização ou ordem pré-estabelecida. Esta perspectiva fundamental pode ter levado os gregos a uma visão linear do tempo, expressada na metafísica que evidenciava a continuidade e imutabilidade das coisas. Segundo Leandro Konder (2004), o pensamento metafísico, em oposição ao pensamento dialético, prevaleceu dentro do pensamento lógico ocidental por séculos, manifestando-se como influência mesmo na visão newtoniana de tempo absoluto. Esta prevalência do pensamento metafísico teve grande importância também para expansão do poder das organizações religiosas (que sempre adotaram um discurso metafísico para explicar a constituição do mundo) e para manutenção da organização social dividida em classes sociais supostamente estabelecidas por vontade divina. Apenas no século XVII, com o Renascimento, a postura dialética foi desenclausurada e teve importante papel nas revoluções sociais, políticas e científicas que se sucederam.

De outro lado, Bodil Jönsson também destaca a visão dos chineses em relação à composição do universo. Para estes, o universo seria composto por cinco elementos: metal,

árvore, terra, água e fogo. Além do acréscimo de um elemento em relação aos gregos, a relação entre estes elementos também é diferente no pensamento clássico chinês: os elementos se combinam numa seqüência lógica, segundo a qual, o metal pode derrubar a árvore, a árvore pode engolir e transformar a terra, a terra pode absorver a água, a água pode apagar o fogo e, por fim, o fogo pode fundir o metal. Esta forma de pensar levava em consideração essencialmente a mutabilidade das coisas e a recursividade entre os elementos, criando uma noção de tempo circular e não linear. (JÖNSSON, 2004, págs. 138-139)

Apesar desta evolução da perspectiva de tempo e suas variações em diferentes culturas ter grande importância, especialmente por seus reflexos no desenvolvimento da ciência no início da Idade Moderna, o que nos interessa objetivamente é a importância das diferentes temporalidades nas diversas porções do espaço e de seus habitantes, em especial os possíveis conflitos causados pela diacronia entre o tempo do espaço e de seus habitantes. Estes conflitos são, em última análise, o tema de minha pesquisa. Voltaremos à discussão sobre as concepções de tempo, em especial ao longo do século XX, nos capítulos que se seguem.

### **2.3 Conceituando o tempo em Geografia**

Resgatar a análise temporal concreta, a partir do espaço geográfico entendido como a materialização (ou a acumulação desigual, para fazer uso de uma expressão de Milton Santos) do tempo, é também equiparar tempo e espaço como categorias de análise em Geografia. Se a História preocupa-se com uma sucessão de condições espaciais ao longo de uma linha temporal que serve de referência, por que não preocuparmo-nos com o mosaico de temporalidades que compõe o espaço? E a porção do espaço em questão pode ser delimitada por quaisquer conceitos que desejarmos utilizar, ainda assim poderemos adotar uma postura analítica em relação à composição temporal de cada unidade interna desta porção definida e

ainda de sua temporalidade total. Acreditamos que a análise temporal pode ser compatível com boa parte dos conceitos empregados para análise do espaço, sem necessidade de grandes generalizações, sejam eles *paisagem*, *território*, *lugar*, ou tantos outros menos populares. Do mesmo modo, este tipo de análise temporal a que nos propomos também é perfeitamente compatível com diferentes escalas de análise: tanto podemos analisar temporalmente uma casa, um bairro, uma cidade, um território nacional, um continente e até mesmo todo o globo. É evidente que, quanto maior a porção de espaço sobre a qual nos debruçamos, maiores serão as generalizações necessárias e, portanto, menor será a precisão da análise do ponto de vista temporal.

Para tomarmos o tempo como uma categoria de análise objetiva para a investigação geográfica é preciso defini-lo e tipificá-lo, afim de que possamos construir o diálogo em bases científicas sólidas e universais. Propomos, portanto, uma reflexão sobre o tempo como categoria de análise a partir de três perspectivas:

1. o **tempo linear** de um objeto ou lugar, que faz referência ao momento ao longo do tempo linearmente medido em que uma porção específica do espaço foi modificada desde um estado natural (primeira natureza) ou de uma modificação a partir de um espaço já humanizado (segunda natureza). As referências de medida são as mesmas (anos, décadas, séculos, milênios) utilizadas para medir a idade de um determinado acontecimento ou local. Neste critério, a única variável levada em consideração é a acumulação isolada de tempo linear a partir de um marco fundamental, sem levar em consideração o significado técnico do tempo e nem mesmo a valorização subjetiva de uma determinada porção do espaço. No entanto, “utilizar as realidades do passado para explicar o presente nem sempre significa que se introduziu corretamente a idéia de tempo no estudo do espaço” (SANTOS, 2004b, pág. 254). Por esta razão, este aspecto, isolado, não serve para dimensionar a importância dos

sistemas temporais passados na configuração atual do espaço. Se fazem necessárias outras perspectivas de análise do tempo, para além da “simples referência à filiação histórica de um fenômeno (...)”, uma vez que “a busca de explicações parciais (...) não basta.” (*op. cit.*);

2. o **tempo técnico** ou histórico de um objeto ou lugar, que diz respeito ao tempo de existência e difusão da técnica para fabricação de determinado objeto ou para a modificação de determinado espaço (Santos, 2004b, pág. 258). Esta noção nos leva à necessidade de uma periodização não do tempo em si (elemento contínuo e invariável na percepção humana comum e, portanto, impossível de ser diferenciado e periodizado), mas dos sistemas técnicos predominantes ao longo da história (Santos, 2004b, pág. 254). Cada período técnico reconhecido tem características específicas e deixa estas características impressas nos espaços modificados dentro destes períodos<sup>2</sup>. Ao contrário do critério anterior, aqui não é o tempo isolado que é medido, mas o seu significado técnico e as modificações sobre o espaço, bem como as marcas deixadas na paisagem por cada sistema técnico anterior.

Milton Santos comenta ainda que

tomando como referência a História mundial, cada técnica poderá ser localizada no tempo. Trata-se, também, na verdade, da história dos instrumentos e meios de trabalho postos à disposição do homem. Quando um novo instrumento ou meio ou forma de trabalho torna-se uma forma de ação, constitui-se uma espécie de certidão de nascimento ou data de origem. De tal maneira, seu emprego num determinado lugar – emprego imediato ou posterior – atribui a esse lugar, ao menos para o mencionado instrumento, condições técnicas do momento em que, pela primeira vez, esse instrumento de trabalho se incorporou à História. (SANTOS, 1994, págs. 61-62)

Para definirmos o tempo técnico de um objeto, é interessante ainda considerar a metáfora empregada por Bodil Jönsson, que compara a técnica e a idéia da técnica com a

---

<sup>2</sup> Esta noção de periodização do tempo segundo os sistemas técnicos ao longo da história está baseada em Milton Santos, 2004a, capítulo 7.

argumentação de Platão sobre os objetos no mundo sensível e a idéia dos objetos. Jönsson comenta que

Platão considerava que um cavalo no mundo sensível não era tão importante como a idéia do cavalo, a essência do cavalo. (...) E se considerássemos a técnica da mesma maneira? Deveríamos então buscar a essência da técnica, a própria idéia que está por trás de todos esses reflexos imperfeitos, todos esses dispositivos e engenhocas que nos rodeiam. (JÖNSSON, 2004, pág. 100);

3. a **temporalidade** ou a velocidade de fluxos de um objeto ou lugar, que faz referência à velocidade de transporte de matéria e informação permitida por um objeto ou porção do espaço, se aproximando da noção de “fluidez do território”, desenvolvida por Milton Santos. Este critério está intimamente ligado ao anterior, uma vez que, via de regra, as técnicas empregadas ao longo de cada período permitem uma velocidade cada vez maior de transmissão de informações e transporte de matéria. Em última instância, esta é a razão para o avanço das técnicas de modificação do espaço: a necessidade de ampliação da velocidade de transporte de matéria e informação. Assim, os espaços modificados em períodos técnicos mais recentes teriam, com algumas claras exceções, maior fluidez. Em outras palavras, permitiriam fluxos de matéria e informação mais acelerados. Nesta dimensão do tempo, o que nos interessa são as maneiras como os indivíduos respondem a estas temporalidades (impostas ou construídas).

Um bom exemplo de conflito gerado por uma explícita diferença de temporalidade é a polêmica causada pela presença de catadores de papel que fazem uso de carroças para transporte de materiais recicláveis nas grandes cidades. Uma carroça, um objeto cujo tempo técnico nos remete a alguns milhares de anos atrás, entra em conflito com a velocidade acelerada de objetos de períodos mais recentes, como os automóveis com os quais divide espaço nas avenidas das grandes cidades. A temporalidade específica das avenidas exige uma

velocidade maior do que aquela alcançada por uma carroça movida por tração humana ou animal, criando, portanto, um conflito temporal.



Figura 2 – Carroça de um catador de materiais recicláveis, em um cruzamento de Porto Alegre, em conflito temporal com o trânsito da cidade. Foto: Fábio Guadagnin.



Figura 3 – Protesto de associação de catadores de papel na cidade de São Paulo. Fonte: página do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (<http://www.movimentodoscataadores.org.br/>).

Ao adotarmos estes três critérios como três variáveis temporais através das quais podemos analisar o espaço, é possível pensar em uma classificação temporal do espaço e visualizar sua descontinuidade. Torna-se possível, então, lançar um olhar sobre o espaço urbano guiado por estas três variáveis, exercitando-as nas diversas escalas pelas quais podemos transitar: é possível falarmos do tempo linear, técnico e da temporalidade nas diversas escalas de análise da Geografia, ou mesmo adotarmos uma postura multi-escalar, transversal, partindo de uma análise do todo (território nacional, por exemplo, indicando por quais modificações temporais este teria passado nos últimos séculos) e nos aproximando das partes (a maneira como uma cidade específica respondeu a estas modificações temporais maiores). E, mais um vez, podemos tomar uma cidade como um todo e proceder a análise de suas partes internas. Por sua vez, cada bairro, rua ou construção, enquanto objetos técnicos, também podem ser analisados.

### 3. PERIODIZAÇÃO DO TEMPO

#### 3.1 O tempo dividido e cristalizado

Para que as três variáveis temporais definidas possam ser visualizadas empiricamente em um trabalho de campo é necessária ainda a adoção de uma periodização do tempo. No entanto, devido à complexidade desta tarefa e às generalizações exageradas que poderiam ser necessárias caso adotássemos uma periodização única e estática, acreditamos ser muito mais prudente e preciso a utilização de três periodizações, uma para cada variável temporal. E ressaltamos ainda que estas periodizações podem e devem sofrer adaptações às realidades que encontramos em cada situação específica. Em cada trabalho de campo, em cada diferente porção do espaço, se faz necessária a adoção de outras maneiras de periodizar o tempo, ficando esta escolha sob responsabilidade do investigador. Milton Santos nos alerta que, nesta tarefa de periodizar o tempo, duas premissas são essenciais:

- a ) O tempo não é um conceito absoluto, mas relativo, ele não é o resultado da percepção individual, trata-se de um tempo concreto; ele não é indiferenciado, mas dividido em seções, dotadas de características particulares. Somos, desse modo, levados a encontrar uma periodização, baseada em parâmetros capazes de ser empirizados e a considerar esses parâmetros não como dados individuais mas em suas inter-relações. Seguindo essa linha, chegaremos à identificação de sistemas temporais.
- b ) As relações entre os períodos históricos e a organização espacial também devem ser analisadas; elas nos revelarão uma sucessão de sistemas espaciais na qual o valor relativo de cada lugar está sempre mudando no correr da história. (SANTOS, 2004b, págs. 253-254)

Milton Santos destaca ainda que

a reconstrução dos sucessivos sistemas temporais e dos sistemas espaciais sucessivos é um dado fundamental quando se busca uma explicação para as situações atuais. E isso implica uma identificação exata das periodizações em diferentes níveis ou escalas assim como o isolamento (com fins metodológicos) dos

fatores dinâmicos próprios a cada período e a cada nível ou escala. (SANTOS, 2004b, pág. 256)

Sendo assim, nesta pesquisa, optamos por adotar as seguintes periodizações:

1. para o **tempo linear** – como se trata da mera acumulação linear de tempo, não há necessidade de adoção de uma divisão do tempo que não aquela mais comumente usada, com anos, décadas e séculos como referência, a partir de um marco-zero fundamental que, no caso das sociedades de tradição cristã, é o nascimento de Cristo.

2. para o **tempo técnico** – o tempo técnico, por sua vez, exige uma periodização que leve em consideração as modificações e avanços nas técnicas utilizadas para modificação do espaço em cada sociedade, mais especificamente na sociedade em estudo. Sendo assim, para esta dimensão do tempo, dentre as várias periodizações citadas por Milton Santos (2004a, págs. 171-175), acreditamos que a proposição de L. Mumford, elaborada em 1934, seja uma das mais simples e ao mesmo tempo precisas para cristalizar os períodos de constância na eficiência de modificação do espaço através das técnicas socialmente empregadas. Esta proposta de periodização é descrita por Milton Santos da seguinte forma:

(...) L. Mumford também propõe agrupá-las (as técnicas) em três momentos: um primeiro, o das técnicas intuitivas que utilizavam a água e o vento, vigente até cerca de 1750; um segundo, o das técnicas empíricas do ferro e do carvão, situado entre 1750 e 1900; e um terceiro, o das técnicas científicas da eletricidade e das ligas metálicas, iniciado em torno de 1900. (SANTOS, 2004a, pág. 172)

De outra parte, a proposição de B. M. Gros, elaborada em 1971 e reproduzida por Milton Santos, também nos parece suficientemente simples, mas com limites melhor definidos, sendo, portanto, mais indicada, especialmente quando tratamos especificamente do

município de Terra de Areia e das modificações pelas quais seu entorno passou nos últimos séculos e décadas. Reproduzimos, então, a tabela que demonstra a periodização escolhida.

<b>Período</b>	<b>Informação</b>	<b>Energia</b>	<b>Meios (Mass.)</b>
Pré-agrícola	- Linguagem	- Fogo - Animais	- Instrumentos primitivos
Agrícola	- Escrita - Imprensa	- Pólvora	- Charrua - Ferro
Industrial	- Telégrafo - Telefone - Fonógrafo - Rádio - Cinema	- Máquina a vapor - Eletricidade	- Aço - Máquinas avançadas - Estradas de ferro
Atual	- Televisão - Satélites - Computadores - Sistemas de controle	- Fissão atômica - Baterias elétricas - <i>Lasers</i>	- Transporte supersônico e interplanetário - Novos materiais sintéticos - Próteses
Iminente (antes do ano 2000)	- Multimídia - Burótica e domótica	- Fusão atômica	- Controle do tempo - Biotecnologia

Tabela 1 – Períodos técnicos segundo B. M. Gros. Fonte: B. M. Gros, 1971, págs. 272-273, *ibid* Milton Santos, 2004a, pág. 175.

Cabe ressaltar ainda que, segundo esta classificação proposta por B. M. Gros, estaríamos vivendo hoje, no início do século XXI, a transição entre um período marcado pela televisão em direção a um período de inovações nas telecomunicações à distância, pautadas pela multimídia (fenômeno já perceptível hoje). Esta transição ainda não teria se consumado em seu todo, especialmente se considerarmos que a fonte de energia que entraria em uso a partir do final do século XX, a fusão atômica, ainda não é dominada pela ciência. Ao mesmo tempo, a humanidade caminha em passos relativamente lentos em direção ao controle do tempo, como sugere Gros, embora já seja possível vislumbrar possibilidades reais de modificação da velocidade de transcorrência do tempo no horizonte científico.

3. para a **temporalidade** – esta dimensão do tempo se define pela velocidade dos fluxos de informação e matéria por sobre o território, sendo assim, se faz necessária uma periodização que leve em consideração os momentos de modificação dramática nessa velocidade de deslocamento. Como não encontramos na bibliografia pesquisada nenhuma periodização que tenha nos contentando de todo, com aproximações muito importantes em livros e artigos de Arthur Clarke (1994) e Gláucio Marafon (1996), optamos pela proposição de uma periodização tendo como base a velocidade de transporte de matéria e informação, destacando o momento histórico de separação entre um e outro. A seguir, apresentamos os fundamentos desta proposição e a periodização em si.

### **3.2 Os diferentes sistemas técnicos: uma periodização possível**

Valdenildo Pedro da Silva, em seu artigo “A inovação em tempos de globalização: uma aproximação”, publicado na revista eletrônica Scripta Nova (agosto de 2004), se pergunta: “(...) o que tornou as inovações um temário importante, ou uma questão preeminente desta atualidade?” O próprio autor responde a esta pergunta afirmando que novos processos tecno-espaciais estariam alterando os modos de produzir, circular, distribuir e consumir bens, serviços e idéias, alterando as estruturas sociais e, portanto, a organização do espaço. Neste sentido, Silva propõe uma *geografia da inovação*. De outra parte, é crescente o número de trabalhos de pesquisa em torno da influência das redes técnicas sobre a organização espacial, nos aproximando de uma geografia das redes técnicas.

Não obstante, podemos falar em uma geografia do tempo, sem risco de perda de significado e conciliando as duas visões, geografia da inovação e geografia das redes técnicas. As redes técnicas são o veículo por onde passam boa parte dos laços sociais contemporâneos,

mas o que as alimenta é a atuação humana. No entanto, é uma questão em aberto a mútua influência entre a temporalidade das redes e dos indivíduos, da qual trataremos mais tarde e com maior detalhamento. Por ora, cabe apenas adiantar alguns questionamentos importantes para este momento: o tempo rápido possibilitado pelas redes é influente ou mesmo determinante sobre o tempo das pessoas? O tempo lento de alguns indivíduos pode sobreviver à expansão das redes? O tempo rápido é uma possibilidade ou uma imposição das redes técnicas? Nos parece que há uma mútua influência, com a necessidade do domínio da técnica para a efetivação do tempo rápido, mas também com a condição fundamental do impulso humano para que as redes sejam utilizadas. Estas questões permanecem em aberto.

A importância das redes técnicas de propagação de informação e transporte de matéria cresce junto com o aumento da velocidade de deslocamento que elas proporcionam. Ao longo da história, estas redes de transporte passaram por grandes modificações, na sua maioria lentas e graduais. Mas alguns eventos históricos representaram um aumento dramático na velocidade e confiabilidade do transporte de matéria e, em especial, de informação. Sendo assim, e na impossibilidade de periodizar a passagem do tempo em si, uma boa alternativa para periodização dos sistemas técnicos é a perspectiva das redes de transporte. Esta possibilidade tem sua importância ampliada pelo fato de que, além da temporalidade histórica, o avanço nas redes de transporte também significa aumento de fluidez do território, ou seja, aumento de velocidade de fluxos. Desta perspectiva, duas das dimensões temporais que adotamos são contempladas ao se fazer uma periodização tendo como referência as redes técnicas de transporte de matéria e informação, considerando a velocidade de ambas, como faz David Harvey ao tratar da compressão do tempo-espaço (1999, pág. 220). Propomos assim uma periodização possível, levando em consideração estas duas variáveis. Na proposta, as referências cronológicas não são precisas pois esta é apenas uma aproximação, uma periodização generalizada.

**Fases da comunicação e transporte humanos<sup>3</sup>:**

1<sup>a</sup>) *Fase oral / pré-mecânica* (10.000 a 4.000 a.C.) – neste período, a comunicação se dava através do transporte físico (interação humana com o espaço) e dependia da confiabilidade do transmissor (indivíduo portador da informação) para sua realização. Sua velocidade era definida pelo tempo da natureza, uma vez que não existiam híbridos (LATOURE, 1994, pág. 91-128) capazes de acelerar o transporte. Bruno Latour, em sua obra “Jamais fomos modernos” (1994), critica o imperativo da utilização de conceitos puros, objetos de um lado e sujeitos-sociais de outro, perspectiva com a qual concordamos. No entanto, há que se reconhecer que, exclusivamente do ponto de vista da velocidade de transporte de matéria e informação, até meados do século XVIII, não haviam objetos que ampliassem ou mesmo combinassem as velocidades da natureza com objetos criados pelos seres humanos.

2<sup>a</sup>) *Fase escrita / pré-mecânica* (4.000 a.C. ao século XVIII ) – o transporte e a comunicação humana dependiam ainda do transporte físico, limitado pela velocidade da natureza, mas as informações ganharam maior confiabilidade com a utilização da escrita. A técnica da impressão também contribuiu para a aceleração do transporte de informação, embora tenha alterado apenas a velocidade de reprodução de informação e não de seu transporte.

3<sup>a</sup>) *Fase escrita / mecânica* (século XVIII ao final do século XIX) – a invenção dos primeiros híbridos (motores a vapor, em especial), que sobrepujam-se à velocidade

---

<sup>3</sup> Periodização composta a partir de Paul Claval (Geografia Cultural), Gláucio Marafon (Boletim Gaúcho de Geografia, n° 21), David Harvey (Condição Pós-Moderna), Milton Santos (A Natureza do Espaço) e Arthur Clarke (Para além da Aldeia Global), entre outros.

da natureza, permitiu um aumento dramático na velocidade de transporte de matéria e de circulação da informação, exigindo também uma infra-estrutura (ferrovias e rodovias, por exemplo) que comportasse esse aumento de velocidade.

4ª) *Fase simbólica / eletrônica* (desde o século XIX) – pela primeira vez na história, a partir da invenção e popularização do telégrafo e, posteriormente, do telefone, o transporte de informação se desprende do transporte físico de matéria. Através da implantação das redes técnicas, a informação passou a circular em tempo próximo ao real. A invenção do transmissor de ondas de rádio, no final do século XIX, também se configurou como um momento de extrema importância por marcar o início da transmissão de informação sem a necessidade da existência de uma rede física de comunicação, como no caso do telefone convencional e do telégrafo. É importante destacar ainda, nesta etapa, o início da utilização da comunicação via satélite, que aboliu qualquer tipo de limitação para o transporte de informação até qualquer ponto do planeta. O transporte de matéria, por outro lado, continua sob determinação da velocidade dos híbridos da fase mecânica.

5ª) *Fase sub-neural / de manipulação sub-molecular* (a ser iniciada ao longo do século XXI) – os avanços técnicos nas telecomunicações apontam para novas formas de comunicação direta, sem necessidade de conversores de frequência para compreensão. Em outras palavras, nas próximas décadas, começaremos a nos familiarizar com aparelhos capazes de transmitir informação a distâncias globais em frequências inteligíveis pelo cérebro humano, sem a necessidade de receptores ou conversores. De outra parte, os avanços científicos, em especial no campo da Física Quântica e nanotecnologia, indicam que nos próximos séculos os seres humanos serão capazes de

dominar a técnica de manipulação molecular e atômica, ou mesmo sub-atômica, representando a vitória final da técnica e da informação sobre o espaço. Se tornará absolutamente desnecessário o transporte de matéria a grandes distâncias, uma vez que, contando com a informação e os aparatos necessários, será possível compor qualquer substância a partir de qualquer fonte de moléculas e átomos. Mas, obviamente, essa tendência é apenas uma visão distorcida no horizonte e a caminhada científica até lá ainda é longa.

Arthur Clarke, nos primeiros capítulos de seu livro “Para além da Aldeia Global” (1994), narra os desafios da implementação dos primeiros meios de comunicação à distância (telégrafo e telefone) através do Oceano Atlântico, ligando os Estados Unidos à Europa, algo que hoje nos parece tão simples mas que, como narra o autor, revolucionou a comunicação global. Gláucio Marafon também deixa clara a importância do descolamento do transporte de matéria e informação no trecho a seguir, publicado no Boletim Gaúcho de Geografia, nº 21, de 1996:

numa fase anterior à difusão do telégrafo, a informação era “inseparável da interação humana no espaço”. A informação especializada, contida em cartas, jornais, impressos, era deslocada de um lugar para outro por seres humanos, o que consumia muito tempo. Esses meios de comunicação e de transporte logo se tornaram ultrapassados num mundo que se modernizava em ritmo acelerado, com a produção em grande escala, voltada para o atendimento das necessidades de um mercado agora mundial. Assim, as tecnologias de transporte (navio a vapor, ferrovias) e de comunicações (telégrafo) foram progressivamente adaptadas ao sistema de produção industrial (...). A relação entre as novas tecnologias de comunicação, especialmente as novas redes de telecomunicações, e o território encontra-se no centro de um debate multidisciplinar, sobretudo em decorrência das possibilidades reais ou virtuais de transformação na ordem econômica e territorial. (MARAFON, 1996)

E Zygmunt Bauman destaca também a importância da separação entre o transporte físico de matéria e o transporte de informação no trecho a seguir, de seu livro “Globalização – as conseqüências humanas”:

dentre todos os fatores técnicos da mobilidade, um papel particularmente importante foi desempenhado pelo transporte da informação – o tipo de comunicação que não envolve o movimento de corpos físicos ou só o faz secundária e marginalmente. Desenvolveram-se de forma consistente meios técnicos que também permitiram à informação viajar independente dos seus portadores físicos – e independente também dos objetos sobre os quais informava (...). A separação dos movimentos da informação em relação aos movimentos dos seus portadores e objetos permitiu por sua vez a diferenciação de suas velocidades; o movimento da informação ganhava velocidade num ritmo muito mais rápido que a viagem dos corpos ou a mudança da situação sobre a qual se informava. (BAUMAN, 1999, pág. 22)

Levando em consideração estes elementos, talvez o termo “geografia das inovações”, empregado por Valdenildo Pedro da Silva, não seja preciso, afinal, estas inovações técnicas do final do século XX nada mais são do que a continuidade de um processo que apenas se intensifica rapidamente, principalmente em função de sua capacidade de auto-reforço, criando um sistema recursivo de avanço tecnológico. Em seguida, no mesmo artigo, o próprio autor complementa o termo impreciso (geografia da inovação) ao afirmar que “a cada nova temporalidade da história humana impõe-se, às investigações geográficas, o aprimoramento de antigas questões simultaneamente às novas que naturalmente vão emergindo” (Silva, 2004). Nos parece que a Geografia precisa, portanto, adequar-se epistemologicamente para lidar com estas novas temporalidades e, por extensão, com as novas técnicas de transformação do espaço. E esta adequação precisa ser criteriosa pois a cada nova temporalidade, novas concepções são criadas sem, no entanto, a destruição completa de concepções anteriores. Esta coexistência diacrônica de temporalidades, esta heterogeneidade temporal, constitui amplo espaço de pesquisa para a Geografia.

Valdenildo da Silva indica ainda que este interesse pelas modificações técnicas não é exclusivo do nosso período, mas ganhou maior espaço com a aceleração das inovações. Em especial, este interesse atual e esta valorização das redes técnicas mantém profunda relação com a separação do transporte de matéria e informação. O elemento essencial das inovações tecnológicas, segundo o autor, é a velocidade e, por extensão, as conseqüências da aceleração

sobre a organização espacial. Mas esta aceleração é mais perceptível no transporte de informação, sendo, portanto, previsível que a informação ganhe cada vez mais importância como fator de produção. Em outras palavras, foi o advento das redes técnicas de difusão de informação que permitiu a disseminação de um mesmo padrão de cultura (exemplificado pelos filmes de *Hollywood* e por grandes corporações de entretenimento), de consumo (exemplificado por marcas como *Coca-cola* e *McDonald's*, consumidas em quase todo o planeta) e de produção (composto, em especial, pelos dois sistemas de organização industrial mais empregados ao longo do século XX, fordismo e toyotismo). Adicionalmente, a informação ganhou papel maior na composição das mercadorias, como afirma Nilson José Machado:

(...) esse novo período tem sido chamado de Pós-Industrial. Muitas transformações estruturais encontram-se em curso, na economia e na sociedade, em grande parte associadas à utilização crescente de novas tecnologias nos setores produtivos, com o crescimento relativo do setor de serviços e a diminuição progressiva dos setores agrícola e industrial. A transformação mais marcante, sem dúvida, é a emergência do conhecimento como o principal fator de produção. Para ilustrar esse fato, alguns dados quantitativos podem ser esclarecedores. Na produção de uma frigideira, por exemplo, por mais sofisticado que seja seu design ou seu revestimento, o custo da matéria-prima ainda corresponde a cerca de 60% do custo total; em um automóvel, mesmo em uma fábrica japonesa inteiramente automatizada, a matéria-prima ainda corresponde a cerca de 40% do custo, sendo a mão-de-obra responsável por 20 a 25% do custo; na produção de um chip, no entanto, a porcentagem do custo referente à matéria-prima oscila entre 1 e 3%, sendo a parte relativa à mão-de-obra mais ou menos de 12% e a correspondente à ciência, ou ao investimento em conhecimento, responsável por cerca de 70% do custo total. (MACHADO, 1997)

Este exemplo mostra como as inovações tecnológicas apresentam implicações sociais que repercutem de modo geral no sistema produtivo e, por conseguinte, sobre o desenvolvimento de países e regiões. Em especial, as redes técnicas, por serem as disseminadoras da informação, mesmo que de maneira seletiva, favorecendo ou desfavorecendo determinados espaços. A partir destes elementos, Valdenildo da Silva propõe a geografia da inovação como um novo ramo a ser explorado, cujo o objeto seriam as modificações sócio-territoriais impostas pelas inovações tecnológicas, sentidas especialmente

nos pontos onde a rede se materializa, uma vez que é ela o veículo de promoção destas inovações. O autor destaca que poucos são os estudos que evidenciam as implicações que decorrem da difusão da inovação tecnológica. E é exatamente aqui que surge um novo campo de pesquisa, cujo tema central é o impacto da implantação das redes técnicas sobre o território, em especial, as diferentes temporalidades impostas (quando a situação de imposição se configura) pelas redes técnicas e os possíveis conflitos advindos desta imposição sobre espaços cujos habitantes ainda levam suas vidas em uma velocidade de fluxos menor.

As temporalidades, sua imposição e os possíveis espaços de resistência são, portanto, um novo ramo a ser explorado pela Geografia, e o ponto de partida para a análise da influência do tempo-material sobre a vida cotidiana das pessoas deve ser a materialização do tempo, tema do próximo capítulo.

## 4. MATERIALIZAÇÃO DO TEMPO

### 4.1 Materialização do tempo sob interação de múltiplas escalas

Um dos elementos mais importantes para a análise espaço-temporal em Geografia é a aceitação do princípio proposto por Milton Santos de que o espaço é a materialização do tempo, de diferentes tempos, agindo e reagindo sobre as formas espaciais modificadas ao longo do processo de humanização da natureza, deixando marcas na paisagem e criando ilhas temporais que se (re)organizam com grande fluência ao longo do tempo. Nos interessa aqui a justaposição de sistemas temporais no espaço e não a sucessão de “quadros espaço-temporais” ao longo do tempo, como descrito por Ruy Moreira (2006, pág. 41).

Este interesse pelas marcas dos sistemas temporais na paisagem atual pode ser mais claramente entendido quando tomamos o espaço urbano como referência, onde são explícitas as manifestações concretas de diferentes temporalidades já ultrapassadas, mas que deixaram na paisagem urbana suas marcas, como herança de sistemas técnicos anteriores. Nas palavras de Milton Santos, “o território é, na verdade, uma superposição de sistemas de engenharia diferentemente datados, e usados, hoje, segundo tempos diversos” (SANTOS, 1994, pág. 45).

Cada período técnico e sua temporalidade deixam, portanto, marcas visíveis na paisagem, seja em áreas urbanas ou em áreas rurais, interagindo, contudo, com as formas espaciais pré-existentes e com a temporalidade vigente no local. De acordo com Milton Santos,

se o impacto de um sistema de tempo sobre uma fração de espaço não fosse recorrente, cada sistema temporal poderia imprimir completamente sua marca sobre o pedaço de espaço atingido. No entanto, pelo fato de que a ação de um sistema histórico anterior deixa resíduos, há uma superposição de traços de sistemas diferentes, exceto no caso de espaços virgens, tocados pela primeira vez por um

impacto modernizador cuja origem se encontra em forças externas. (SANTOS, 2004b, pág. 256)

A cada nova temporalidade gerada por modificações técnicas, sejam elas dramáticas ou graduais, as diferentes porções do espaço precisam se readaptar às novas condições de uso, sendo as próprias formas um dos elementos que influenciará esta adaptação. Caso as formas espaciais sejam flexíveis o suficiente para se adaptar às novas condições temporais impostas, o espaço passará por um processo de reorganização e manterá sua função ou receberá uma nova função. Caso as formas espaciais não apresentem essa flexibilidade, perderão, aos poucos, sua utilidade, entrando em um processo de deteriorização, se tornando um espaço anacrônico dentro de uma nova temporalidade que se estabelece.

De outra parte, a temporalidade vigente sobre uma porção espacial também se configura em um elemento de condicionamento de uma nova temporalidade, uma vez que os ritmos locais poderão facilitar ou dificultar a propagação de novos ritmos de transporte de matéria e informação. Em última instância, o jogo entre uma nova temporalidade e o conjunto formado pelas formas espaciais e uma temporalidade já existentes segue o mesmo padrão de interação entre os elementos globais e locais, fundamentalmente porque novas temporalidades, via de regra, são imposições verticais, enquanto temporalidades antigas e formas espaciais já consolidadas são particularidades locais. Este jogo de interação pode ser representado pelo esquema a seguir, onde a linha em preto aponta o predomínio de um novo sistema técnico, enquanto as setas em vermelho e azul, respectivamente, representam a imposição de uma nova temporalidade e a resistência das formas e ritmos já consolidados. O processo de materialização do tempo, no centro do esquema, inclui os sub-processos de deteriorização de espaços anacrônicos, resignificação de espaços em transformação e construção de novas formas espaciais.

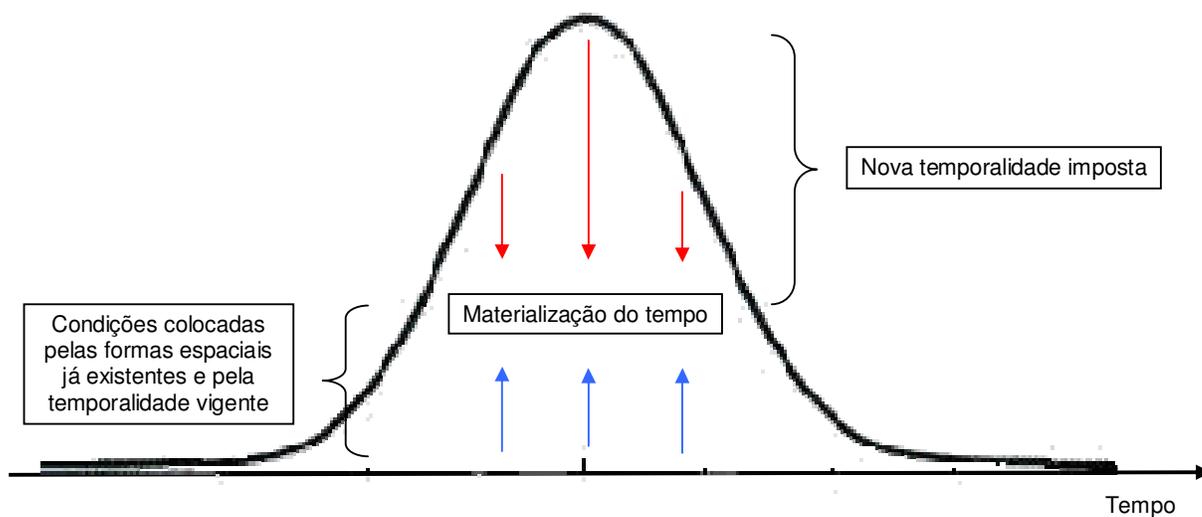


Figura 4 – Esquema representando o processo de materialização do tempo.

Este esquema é uma mera simplificação dos processos temporais em curso em qualquer porção do espaço, especialmente porque nunca há apenas um sistema técnico em vigência e atuando sobre o espaço. A própria cristalização de períodos técnicos é uma abstração para facilitar a análise científica, que exige tipificação e classificação, uma vez que os sistemas técnicos não deixam, necessariamente, de exercer influência quando são substituídos por outros. Via de regra, os sistemas técnicos lentamente perdem sua influência sobre o espaço, tendo sua predominância substituída por outro sistema. E há ainda que se considerar que, em cada pequena porção do espaço, em cada pequeno município, bairro ou mesmo em uma única rua, essa sucessão de sistemas técnicos pode ser completamente distinta, e essas diferenças devem ser levadas em consideração para a análise temporal de cada localidade. Podemos ter sistemas técnicos há muito ultrapassados em nível global ainda em vigência em pequenas porções do espaço, criando inúmeras configurações espaciais, tanto em termos de sistemas técnicos temporais quanto de escalas de atuação. E há ainda uma

superposição, a um mesmo tempo, de influências originárias de múltiplos pontos ou múltiplos espaços. Todas essas superposições atribuem a cada lugar uma combinação específica, uma significação particular que é, ao mesmo tempo,

temporal e espacial. Poderíamos falar de um tempo espacial a cada lugar. (SANTOS, 2004b, pág. 257)

Uma representação um pouco mais aproximada da sucessão de sistemas técnicos pode ser encontrada no esquema a seguir, onde sistemas técnicos podem coexistir e prolongar-se por um período maior do que aquele de sua predominância.

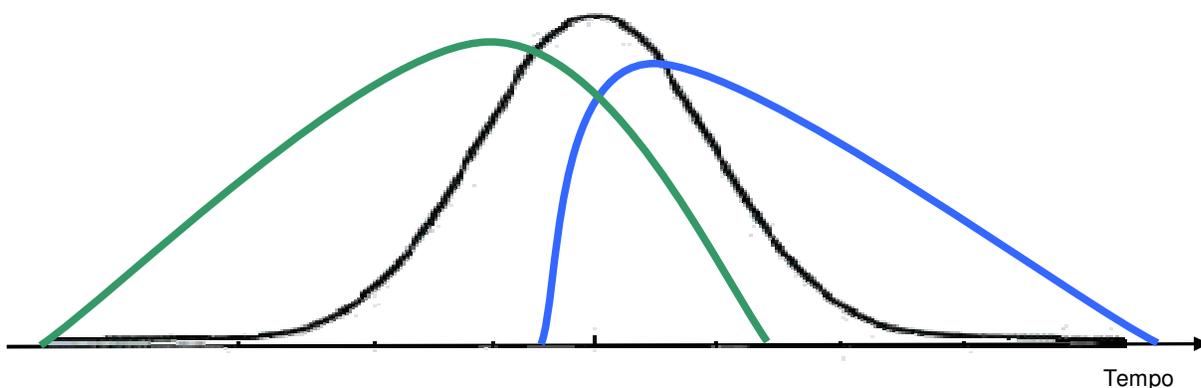


Figura 5 – Esquema representando os diferentes sistemas técnicos simultâneos ao longo do tempo.

#### 4.2 Espaço urbano: mosaico de temporalidades

A cidade, vista de cima, pode ser entendida como um mosaico de temporalidades, um quebra-cabeça de diferentes temporalidades justapostas, compondo um quadro extremamente heterogêneo quanto ao tempo histórico e à velocidade dos fluxos circulando pelas diferentes porções do espaço. Em relação às diferenças entre o espaço urbano e o espaço rural, é seguro supor que, em geral, o espaço urbano é mais heterogêneo do que o espaço rural em função das modificações constantes e aceleradas e da coexistência simultânea de espaços modificados ao longo de diversos períodos técnicos. Um bom exemplo desta heterogeneidade pode ser encontrada na descrição da Cidade do México, ou melhor, das três cidades dentro da Cidade do México, feita por Néstor García Canclini, no livro “Imaginários Urbanos” (2005, págs. 80-

88). Ao discutir a multiculturalidade urbana, Canclini descreve a cidade histórico-territorial, a cidade industrial e a cidade informacional, coexistindo na Cidade do México, cada qual com suas características materiais e temporalidades próprias, formando um mosaico ou, como se refere o autor, uma contradição e um videoclipe caótico (pág. 88).

De outra parte, também é possível prever que o espaço rural seja mais homogêneo em função da menor variabilidade das técnicas empregadas para modificação do espaço. Mas esta pode ser uma visão um tanto simplista e precipitada, e qualquer reflexão mais profunda neste sentido exigiria observação empírica e intensificação da discussão teórica. De qualquer forma, como mero exercício analítico, poderíamos escolher uma área urbana e uma área rural para a classificação quanto às dimensões temporais, identificando as diferentes temporalidades presentes em uma mesma quadra de uma grande cidade e em alguns hectares de uma área rural. Teríamos assim, um mosaico de temporalidades que compõem a complexa trama do tempo e das velocidades dos fluxos que transitam pelo espaço.

Outro bom exemplo de materialização de uma temporalidade específica, desta vez mais próximo da configuração que encontramos em áreas rurais homogêneas do ponto de vista temporal, nos é trazido pela obra cinematográfica de ficção “A vila” (The Village, 2004), do diretor e roteirista indiano Manoj Nelliattu Shyamalan (M. Night Shyamalan, nos Estados Unidos). Na obra, o diretor propõe a existência de uma vila na qual, para refugiar-se da violência e dos problemas das grandes cidades norte-americanas, um grupo de pessoas inicia uma experiência temporal. Dentro de uma propriedade isolada, um grupo de cerca de 30 pessoas decide viver seguindo hábitos e fazendo uso de artefatos existentes no século XIX, na tentativa de suprimir a presença da violência entre o grupo. O filme aponta uma clara relação entre a violência urbana e a aceleração dos fluxos no século XX, mas o que nos agrada na obra é a tentativa de isolar não só espacialmente a comunidade, mas também temporalmente. Na concepção dos propositores da experiência, não bastaria o isolamento espacial (o

cercamento da vila) para impedir a propagação da violência urbana. Seria necessário também garantir que os elementos internos não gerassem violência. A partir daí, a vila é construída isolando-se as variáveis espaciais e temporais, uma vez que todas as técnicas referentes ao período técnico mais recente (século XX), foram abolidas.

Essa tentativa de criação de uma comunidade temporalmente isolada é o que de mais próximo conseguimos observar em relação a uma temporalidade manifestando-se e materializando-se sem influência de outros sistemas técnicos. Por mais isolada que seja uma comunidade do ponto de vista espacial, dificilmente a comunidade também estará isolada por completo do ponto de vista temporal, sendo quase sempre possível encontrar algum artefato que nos remeta a um sistema técnico mais recente. De qualquer forma, a obra ficcional tem grande mérito por se tratar de um exercício de observação e isolamento temporal interessante, além de explorar a influência da aceleração do tempo sobre os indivíduos. As mudanças da visão (senso comum) sobre o tempo e a influência da aceleração das modificações da morfologia da cidade (situação oposta ao isolamento e constância temporal) são o tema discutido a seguir.

## 5. TEMPO VIVIDO: IDENTIDADE ESPAÇO-TEMPORAL

### 5.1 O tempo relativizado<sup>4</sup>

No início do século XX, a ciência em geral passou por uma revolução iniciada na Física. Uma série de novas descobertas, da astronomia ao átomo, mudou completamente a forma como os seres humanos enxergavam o tempo. Não há dúvida de que o nome que mais contribuiu para esta revolução é o do físico alemão Albert Einstein. Suas inovações se disseminaram e atingiram campos da ciência muito distantes de sua origem, além de terem modificado, com efeito, a noção (senso comum) do fenômeno da passagem do tempo. Por outro lado, tão importante para a mudança desta visão comum de tempo talvez tenha sido a contribuição de outro físico, Stephen Hawking (este da segunda metade do século XX), principal responsável pela popularização da discussão espaço-temporal para fora dos limites da ciência acadêmica. Suas obras se tornaram referência dentro da comunidade científica e bateram recordes de vendagem de livros acadêmicos deste porte. Em uma de suas principais obras, “O Universo numa Casca de Noz” (2001), Hawking destaca a visão de tempo e as contribuições de três grandes pensadores que influenciaram a forma como todos vêem o tempo e o espaço em nossos dias (págs. 31 a 36): o primeiro deles, Isaac Newton, é o autor do primeiro modelo matemático para o tempo e o espaço, segundo o qual o tempo possui uma existência independente da matéria, sendo, portanto, eterno e absoluto. O tempo sempre teria existido e continuaria num fluxo contínuo e invariável. Seguindo a mesma lógica, o filósofo alemão Immanuel Kant, baseado no modelo newtoniano de tempo, foi o responsável pela

---

<sup>4</sup> A discussão em torno das modificações da noção de tempo ao longo da história está baseada, principalmente, em “Tempo dos tempos”, organizado por Marcio Doctors, em especial no capítulo “A concepção do tempo: os prenúncios”, onde Gerd Bornheim apresenta a visão de alguns dos principais filósofos gregos sobre o tempo. A este livro somam-se as demais fontes citadas ao longo do texto.

tradução filosófica dos princípios defendidos por Newton. O filósofo propôs então questões em torno da idade do universo e questionou as razões para a existência do universo nesse momento da linha temporal, bem como o que existiria antes e depois do fim da existência do universo, visto que o tempo, em si, é um fenômeno que pressupõe a consciência humana para existir.

O terceiro pensador citado por Hawking é o próprio Einstein. A proposição da Teoria da Relatividade Geral, em 1915, consistiu na adoção de um novo modelo matemático para explicar a passagem do tempo, desta vez, vinculando sua existência à matéria, ao espaço e a suas condições em cada porção do universo. O tempo não teria existência independente, seria apenas mais uma dimensão que compõe a matéria, em um universo onde matéria e energia são apenas estados distintos do mesmo elemento e onde o tempo está submetido à energia em cada porção do espaço.

Uma discussão do ponto de vista físico-matemático destas mudanças na perspectiva de tempo e espaço ao longo dos séculos XIX e XX pode ser encontrada no livro “O espaço-tempo”, do francês Jean-Paul Auffray (1998), onde o autor demonstra matematicamente e com auxílio de bons esquemas e ilustrações os princípios matemáticos fundamentais por trás das mudanças na visão do tempo, dando especial destaque para as contribuições de Albert Einstein e Henri Poincaré. Outra obra que discute este tema, de uma perspectiva também físico-matemática mas com desdobramentos que beiram a ficção científica, é “O futuro do espaço-tempo” (2005), onde seis autores (incluindo o próprio Stephen Hawking) discutem os avanços nas áreas de pesquisa em torno do tempo, projetando os caminhos que devem ser seguidos no próximo século na tentativa de compreender a relação entre espaço e tempo.

Podemos encontrar outra referência importante, em especial pela multiplicidade das perspectivas sobre o tempo, no livro “Dos ritmos ao Caos”, onde Pierre Bergé, Yves Pomeau e Monique Dubois-Gance discutem diversas visões sobre os fenômenos temporais, desde

nossos ritmos naturais do corpo humano até os mecanismos artificiais coletivos de controle do tempo, passando pelos ciclos e ritmos da natureza.

Ao longo do século XX, estas mudanças na forma como a ciência vê o espaço e o tempo se desdobraram por diferentes campos de análise, chegando, inclusive, na Geografia. Há clara influência da relatividade geral nas afirmações de Milton Santos quanto à natureza do espaço, quanto à sua existência enquanto tempo materializado, o que fica evidente na passagem a seguir:

essa noção de um espaço quadrimensional se impõe como uma idéia promissora, porque ela reforça a noção de espaço relativo, isto é, do espaço considerado como um sistema de relações ou como um campo de forças; assim, o tempo se impõe como uma dimensão essencial. (SANTOS, 2004b, pág. 252)

De outra parte, nas ciências sociais, outro elemento fundamental precisa ser levado em consideração quando discutimos a passagem do tempo e sua relação com o espaço: a dimensão humana, a forma como os seres humanos experienciam a passagem do tempo e sua materialização no espaço. Um dos autores que trata especificamente da percepção humana da passagem do tempo é o britânico Gerald James Whitrow. Em uma de suas obras, “O Tempo na História” (1993), Whitrow narra um episódio em que os trabalhadores ingleses, em 1752, protestaram contra a decisão do governo de mudar a data de 2 de setembro para 14 de setembro para adequar o calendário do país àquele que havia sido previamente adotado no resto da Europa Ocidental. Os trabalhadores acreditaram que teriam perdido 12 dias de suas vidas e que teriam de trabalhar mais sem receber o pagamento equivalente por isso. Esta pequena história folclórica narrada por Whitrow mostra como nossa visão de tempo se modificou ao longo da história, mas ainda persiste alguma resistência quando precisamos relativizar algo que nos parece universal e absoluto (1993, pág. 16).

Ainda segundo Whitrow, o ser humano não parece contar com um sentido próprio de percepção do tempo, como a audição ou a visão. Nossa noção do tempo surgiria da reflexão

sobre nossa experiência, estando, portanto, diretamente relacionada com nossa memória. Segundo o autor, nossa noção de tempo começa a se desenvolver por volta dos 18 meses de vida e, a partir daí, o ser humano passa a desenvolver algo que é fundamento de diferenciação da nossa espécie: uma noção relativamente precisa e elaborada da sucessão dos fenômenos, ou seja, da passagem do tempo.

Em outra de suas obras, Whitrow destaca algo que talvez seja o fundamento mais importante da teorização de Einstein sobre o tempo no que diz respeito à transposição para as ciências sociais: o tempo seria um aspecto da relação entre o observador e o universo (2005, pág. 122). Desta forma, cada observador pode conceber sua própria seqüência de transcorrência de eventos e sua própria percepção sobre sua duração, sem que uma ou outra possa ser considerada necessariamente equivocada ou imprecisa.

A visão de Whitrow para a formação da nossa consciência de tempo encontra ressonância na argumentação de Norbert Elias. Logo no início de seu livro “Sobre o tempo” (1998), o autor define nossa noção de tempo a partir da percepção da sucessão de eventos, baseada em uma síntese estruturada pela experiência (pág. 33). Da mesma forma, Elias concorda com Whitrow no que diz respeito ao mecanismo de construção da percepção da passagem do tempo: enquanto Descartes e Kant, dentre outros filósofos, acreditavam na existência de uma noção inata e universal, não passível de ser aprendida, Elias e Whitrow defendem que a percepção de tempo é, de fato, construída na convivência social (ELIAS, 1998, pág. 34).

Esta noção socialmente construída de tempo pode ser percebida na forma como os indivíduos reagem à velocidade de sucessão dos eventos, ou seja, ao ritmo de acontecimento dos eventos. Isto é mais facilmente perceptível em áreas onde os fluxos de matéria e informação são mais lentos, e fica explícito quando algum indivíduo se vê forçado a adaptar-se a uma nova velocidade de fluxos, a um novo ritmo. Desta forma, é possível entendermos

essa relação socialmente construída de um indivíduo com a velocidade de fluxos que o cerca como a criação de uma *identidade espaço-temporal*, uma vez que os indivíduos a constroem ao longo de anos de adaptação e normalmente apresentam resistência à temporalidades distintas. É claro que esta identificação, normalmente, não se torna restrita e absoluta. É possível encontrar sujeitos em situações de multiplicidade temporal (bem adaptados a mais de uma velocidade de fluxos), ou ainda sujeitos que transitam sem problemas entre espaços com diferentes temporalidades. A vida cotidiana em uma grande cidade nos exige isso. E para tomarmos os dramas e conflitos da vida cotidiana com maior proximidade é importante manter uma posição interpretativa que parta de uma perspectiva subjetiva, que priorize tanto mais as sensações despertadas e tanto menos as variáveis que as despertam. Não podemos, por rigor científico, desprezar tais variáveis, mas as reações aos fenômenos temporais talvez fujam de qualquer modelo interpretativo simplista e, possivelmente, tenham mais importância do que o fato em si. Mais evidente, enquanto dimensão de análise de conflito entre espaço e tempo, são as resistências, conflitos, dramas e demais reações dos indivíduos e grupos que habitam o espaço. Por isso, devemos considerar “a cidade sob o plano de sua fenomenologia existencial, isto é, restituir-lhe o estatuto de espaço vital, território multidimensional da espécie *Sapiens*, configurado por ‘ambiências emocionais’ que antecedem a sua mera geometria espacial” (ROCHA e ECKERT, 2005, pág. 87).

Os conflitos do ponto de vista da identidade espaço-temporal de um indivíduo só são perceptíveis quando este é exposto a uma nova temporalidade, a uma temporalidade externa, que lhe impõe novos ritmos, novas velocidades de fluxos de matéria e informação. Diante de uma nova temporalidade imposta (ressaltando que a própria imposição ainda é tema em discussão), é possível identificarmos reações diversas, desde a readaptação aparentemente sem maiores conflitos, até a rejeição completa desta nova temporalidade, com sinais claros de resistência, ou seja, de identificação com a temporalidade construída anteriormente, como os

exemplos descritos adiante deixarão claro. E nos parece ainda que quanto mais longo o período de vida de uma pessoa dentro de uma temporalidade específica, mais forte tende a ser a identificação e, portanto, maior a chance e a intensidade da rejeição diante de novas temporalidades.

Uma importante perspectiva deste tema foi trazida à discussão pela autora Ana Fani Carlos Alessandri, que discute amplamente as novas temporalidades do espaço urbano, em especial na cidade de São Paulo, e as formas como as forças de resistência de organizam. Discutimos brevemente essa perspectiva a seguir.

## **5.2 O espaço-tempo no ambiente urbano**

A perspectiva de análise da temporalidade do espaço das grandes cidades ganhou uma importante contribuição com o livro da professora Ana Fani Alessandri Carlos, “Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana” (2001), onde a autora discute “o processo que produz a cidade como estranhamento, revela uma realidade, a reprodução da cidade, que é exterior ao homem mostrando em toda a sua plenitude o processo de reprodução do espaço como alienação” (pág. 328), afirmando ser esta a conclusão geral de sua pesquisa de pós-doutorado. O ponto de partida de sua tese é o desencontro entre o tempo de transformação do espaço da metrópole e o tempo da vida de um indivíduo, expresso na contradição entre o tempo e o espaço que medem as relações sociais e o tempo de transformação morfológica da cidade. As mudanças na morfologia da cidade em uma velocidade mais intensa, determinada pela sociedade produtivista, apareceriam no plano da vida cotidiana como “drama”.

A contradição (diacronia, segundo Milton Santos) provoca o estranhamento: o espaço se modifica em uma velocidade maior do que a velocidade de modificação dos referenciais

dos habitantes, referenciais estes constituintes, em seu conjunto, da identidade espaço-temporal de um indivíduo. A constante renovação/transformação do espaço urbano produz transformações nos tempos urbanos da vida cotidiana, das relações de vizinhança, dos modos e tempos de apropriação/uso dos espaços públicos. Segundo Ana Fani, estas mudanças estão ligadas ao desenvolvimento técnico que alterou as necessidades de circulação de pessoas, mercadorias e informações. O que leva a autora a concluir que a cidade é construída, cada vez mais, em articulação com um plano mundial (temporalidade externa), sendo singular mas também universal, incorporando as particularidades do local (temporalidade local) mas revelando as características da sociedade urbana mundial.

Ana Fani usa a metáfora do cisne, de Charles Baudelaire (pág. 330), para representar o desencontro dos habitantes do espaço urbano a partir de sua modificação. A metáfora anuncia que o futuro aparece como o desencontro entre a velocidade e o tipo de transformação do espaço construído e o desenrolar da vida que aí se realiza, produzindo estranhamentos. O cisne, segundo a autora, pode ser entendido como signo de expulsão, segregação e estranhamento diante da velocidade do processo de transformação da cidade. A metáfora aponta o novo sentido do tempo na sociedade moderna, um tempo agora determinado de forma cada vez mais marcante pela técnica em função das necessidades do processo produtivo. A aceleração contemporânea produz na cidade a aceleração das formas que parecem modificar-se inexoravelmente, trazendo o conflito percebido como estranhamento, produto do desencontro entre sujeito e objeto.

A partir da poesia de Baudelaire se desprende a idéia de estranhamento como consciência do desencontro na imposição do moderno: o sentido da reprodução indica que não se destrói Paris, os momentos da história da cidade estão presentes harmônica e conflituosamente, acumulados nas formas da cidade. A desorientação do cisne aponta para o estranhamento do cidadão diante de uma nova ordem imposta, diante de uma cidade

construída, onde a natureza cede terreno sem cessar, até desaparecer em meio ao construído. À medida em que o tempo cíclico se submete, invadido pelo tempo linear da sociedade produtivista capitalista e uma vez que a visão de tempo linear estaria intimamente relacionada com a acumulação capitalista (segundo J. G. Whitrow), um novo ritmo modernizador se instaura.

O sentido do tempo impõe novos padrões e formas de adaptação e um novo sentido para o homem na metrópole, impondo a idéia do efêmero como característica fundamental da modernidade. Ana Fani afirma que a metrópole se transforma em um vertiginoso e contínuo jogo de impressões brevíssimas pois a fluidez elimina a sensação do que dura e persiste, destruindo a identidade habitante-lugar. Com isso ocorre o rompimento do modo de vida tradicional, encerrando-se a unidade profunda que estava na base das antigas relações.

### **5.3 Espaço amnésico e tempo efêmero**

A perda dos referenciais urbanos, produto da rapidez com que a morfologia da cidade se transforma, redefine a prática socioespacial e nos faz mergulhar na “vertigem do vácuo”, nas palavras de Ana Fani. A cidade, obra humana, feita para durar, produto do tempo acumulado, entra em contradição com a cidade que se refaz para e pela troca (2001, pág. 348). A autora comenta ainda que tempo e espaço são indissociáveis porque “o ato de apropriação se realiza em um espaço-tempo definido: o tempo não é uma ilusão; ele se revela no modo de apropriação do espaço, isto é, no uso do espaço. Este, por sua vez, é a materialização concreta de relações sociais que se realizam – em determinado momento – como emprego de tempo”, perspectiva que compartilhamos.

Espaço e tempo se tornam abstratos pela quantificação imposta pelo capitalismo: “como a quantificação do tempo, o capitalismo, invade a sociedade, a necessidade de um

novo tempo de produção atinge as relações cotidianas e transforma os usos, porque o próprio espaço, condição e produto da produção, também se transforma” (2001, pág. 349). Esta aceleração e redefinição de tempo e espaço destrói as condições sobre as quais se cria a memória coletiva. Neste contexto, a espacialidade das relações sociais se inscreve em um espaço que se reproduz, tendencialmente, sem referências – processo de formação do espaço amnésico. A cidade se torna obsoleta sem nem mesmo ter envelhecido.

O tempo, como presente, aparece sem espessura, e o passado, como história impressa nas formas da cidade, vai aos poucos se diluindo, submergindo diante da construção de uma nova morfologia que passa a ser marcada pela privação da presença (CARLOS, 2001, pág. 351). Com o fenômeno de curta duração, estamos vivenciando a imposição do “tempo efêmero” e “transitório”, como na metáfora de Heráclito, segundo a qual o sol é novo a cada dia mas mantém-se sempre o mesmo (CAPEL, 2003, pág 55). Efêmero e permanente são faces da mesma moeda, duas faces do ambiente urbano. Ana Fani afirma ainda que, na metrópole, o tempo e espaço homogêneos tendem a se instituir como condição necessária à reprodução. A questão que se coloca é como o homogêneo se impõe e, conseqüentemente, como se constituem as forças que sobrevivem e resistem. Em especial se considerarmos que este tempo nem sempre é tão homogêneo assim. Por esta razão, preferimos a expressão utilizada por Milton Santos, para quem o tempo da reprodução capitalista é homogeneizador enquanto processo, mas nem sempre prevalece.

Neste sentido, a imposição de uma temporalidade moderna (ou mesmo pós-moderna), a partir da modificação do espaço urbano, pode ser geradora de conflito entre o tempo da vida cotidiana de seus moradores e o tempo que a lógica produtivista impõe. Estas diferenças de temporalidade podem ser entendidas como um critério possível para a idéia de exclusão em relação ao tempo imposto. Estes conflitos são sentidos em âmbito pessoal ou mesmo em grupo, e afetam diretamente o cotidiano das pessoas, especialmente em ambientes urbanos de

grandes cidades, onde a velocidade de mudança do espaço e a velocidade dos novos fluxos são maiores. Desta forma, os conflitos advindos da diacronia entre o tempo do espaço e o tempo de seus habitantes se configuram como importante objeto de análise para a Geografia, especialmente em uma época marcada pela grande velocidade de mudança nas técnicas empregadas pela sociedade capitalista para sua (re)produção. Esta aceleração das modificações técnicas ficou explícita na segunda metade do século XX, quando a organização da sociedade em *rede* permitiu a aceleração dramática da velocidade de transporte de matéria e informação. É esta nova organização da sociedade que discutimos a seguir, além de suas conseqüências enquanto imposição ou aceitação pelos indivíduos.

## 6. INFLUÊNCIA DO TEMPO-MATERIAL NA VIDA COTIDIANA

### 6.1 Ritmos de vida em rede

O ponto central de uma análise espaço-temporal deve ser, quando o que objetivamos é a investigação do tempo na dimensão do conflito cotidiano, a dimensão humana. De forma expandida, as estratégias e as formas de adaptação dos indivíduos à cada temporalidade, à cada ritmo de vida. E, fundamentalmente, como estes novos ritmos se propagam, sendo aceitos ou impostos pelos mais diversos atores sociais. Por ora, vamos tratar uma nova temporalidade como um fenômeno que se propaga, deixando a questão da imposição para mais adiante. Sendo assim, é possível considerar que a velocidade de fluxos de transporte de matéria e informação (temporalidade) muda constantemente, mas em determinados momentos históricos ela sofre modificações dramáticas, que se apresentam, via de regra, como uma revolução tecnológica. E, segundo Pierre Musso, “as verdadeiras revoluções são, hoje, as rupturas, oferecidas pelas tecnologias de comunicação, a começar pela Internet, que realiza a utopia da associação universal pelas redes de comunicação” (2004, pág. 34). Estes momentos de mudanças intensas acabam por criar grandes distâncias entre a velocidade dos fluxos anteriores e dos novos fluxos, em especial no que diz respeito ao transporte de informação. No entanto, o espaço também sofre com estas mudanças bruscas, uma vez que o espaço em si também é uma dimensão a ser considerada para as modificações espaciais, o que Milton Santos chamaria de *rugosidade*, permitindo novos fluxos que são deformados pela ação das variáveis já presentes e cristalizadas (2004b, pág. 259).

Os diferentes sistemas técnicos deixam na paisagem suas marcas e criam porções de espaços com maior ou menor fluidez, dando origem a uma configuração que pode

assemelhar-se a um mosaico de temporalidades, com porções do espaço em clara diacronia com o entorno, seja pela aceleração de fluxos, seja pela baixa capacidade de processamento e transporte de matéria e informação. Estas discrepâncias temporais ficam ainda mais evidentes em momentos em que uma revolução tecnológica está se efetivando. E este talvez seja o caso do momento histórico em que vivemos.

O final do século XX foi marcado por uma série de inovações tecnológicas (especialmente no campo da informação) que criaram situações temporais ainda mais complexas em ambientes urbanos e rurais. Em especial porque a nova temporalidade que se dissemina não obedece o mesmo padrão da temporalidade moderna (fase simbólica/eletrônica, dentro da nossa proposta de periodização), que se expandia de maneira contínua, anexando novos espaços. Essa forma de disseminação estava baseada em formas de comunicação que necessitavam da continuidade física para funcionamento (telégrafo, por exemplo) ou estavam limitadas por uma capacidade de transmissão à distância bastante reduzida (televisão e rádio são os melhores exemplos). Por esta razão, estas formas de transporte de informação não podiam ampliar-se até pontos distantes sem conexão física direta e contínua com o centro de propagação.

Antes, porém, no início do século XX, o telégrafo e o telefone representaram uma revolução na forma como as pessoas se comunicavam, como narram Gláucio Marafon, no seu artigo “Considerações sobre as redes técnicas e a organização do território” (1996), e Arthur Clarke, nos dois primeiros capítulos do livro “Para além da Aldeia Global” (1994). Pela primeira vez, informação e matéria se desprendiam, tornando possível o transporte de informação sem a obrigatoriedade do transporte de matéria. Estas formas de comunicação, aliadas à televisão, que segue o mesmo padrão de transporte de informação, dominaram o século XX.

Por outro lado, o final do século XX ficou marcado pela popularização de formas de comunicação que não mais obedecem esse padrão. Pela primeira vez, além da separação entre matéria e informação, os meios de comunicação que se popularizaram nas últimas décadas permitem a disseminação de uma nova temporalidade sem qualquer restrição física: as transmissões através de ondas de rádio de longa distância e as transmissões via satélite permitem que a forma de disseminação não seja mais vetorizada, permite que novos pontos do território sejam integrados a uma nova temporalidade sem necessidade de ligação física contínua. Ao mesmo tempo, a Internet criou a possibilidade de interação com as informações transmitidas, fenômeno impossível em formas anteriores de comunicação que apresentavam apenas uma direção de fluxo de transmissão. Estas inovações permitem que, já no final do século XX, uma nova temporalidade seja disseminada segundo uma organização em *rede*. Essa nova configuração possibilita, por exemplo, que encontremos um elemento claramente identificado com uma temporalidade pós-moderna sem qualquer relação com seu entorno, em uma área rural de temporalidade moderna ou mesmo anterior.

A própria dinâmica das redes obedece um padrão de degradação e renovação diante da temporalidade vigente, principalmente porque

as redes são formadas por troços, instalados em diversos momentos, diferentemente datados, muitos dos quais já não estão presentes na configuração atual e cuja substituição no território também se deu em momentos diversos. Mas essa sucessão não é aleatória. Cada movimento se opera na data adequada, isto é, quando o movimento social exige uma mudança morfológica e técnica. (SANTOS, 2004a, pág. 209)

Estas novas configurações temporais complexas são típicas de momentos de revolução tecnológica e podem gerar conflitos entre as novas temporalidades (normalmente externas ou hegemônicas) e as temporalidades locais (hegemoneizadas). É neste ponto que a dimensão humana que deve ser investigada: as relações entre as temporalidades de vida dos sujeitos e as novas temporalidades que se disseminam.

## 6.2 A imposição das Redes Técnicas

Nos parece bastante razoável acreditar que a disseminação de uma nova temporalidade está diretamente ligada à atuação das redes técnicas, especialmente porque

se pensarmos (...) que essas redes apresentam um nítido conteúdo técnico, resultado do processo de inovação tecnológica, podemos então nos aproximar do debate sobre a relação tecnologia e sociedade, refletindo sobre qual é o poder das redes técnicas em relação ao desenvolvimento sócio-econômico, ou sobre o possível papel estruturante dessas redes no território. Isso nos remete, inicialmente, à análise da noção de impacto tecnológico, bastante difundida no atual estágio capitalista. (SILVEIRA, 2003, pág. 4)

Sobre este ponto em particular, Rogério Leandro Lima da Silveira afirma, fazendo referência a Paul Virilio, Marc Augé e Saskia Sassen, que

diante da nova racionalidade do mercado capitalista, da flexibilização das relações de produção e da emergência e crescente universalização das redes técnicas, em especial de comunicação, vivemos em um período de aprofundamento da aceleração dos eventos, de contínuo encurtamento das distâncias, de exacerbação dos fluxos e de homogeneização do espaço pela expansão do capital hegemônico à escala planetária. São características que permitem suscitar a idéia de anulação do espaço pelo tempo. (SILVEIRA, 2003, pág. 7)

Embora estejamos de acordo com o autor no que diz respeito à aceleração dos eventos e papel das redes técnicas, ousamos discordar da idéia de que o espaço esteja sendo anulado pelo tempo. Embora esta análise possa parecer correta de início, sob o ângulo do processo produtivo capitalista, ela nos parece equivocada. Em uma sociedade que dispõe de meios de transporte de matéria e informação de pequena capacidade e velocidade, a localização nos parece fundamental do ponto de vista da competitividade capitalista. Como as técnicas de transporte não podem garantir agilidade ao processo produtivo, a localização estratégica é fundamental. Em uma situação assim, o tempo e o custo reduzidos de transporte tanto de matéria-prima quanto de trabalhadores e mercadorias é, inegavelmente, uma vantagem. Sendo assim, é possível conceber que até meados do século XX o elemento determinante no

processo produtivo capitalista era o tempo, ou seja, a localização medida em agilidade de transporte.

Por outro lado, em uma sociedade que dispõe de meios de transporte de grande capacidade, nos parece que o domínio territorial (em todas as suas dimensões, inclusive cultural) se torna elemento decisivo para o acesso aos elementos fundamentais do processo produtivo, a saber: mão-de-obra, matéria-prima, capital e mercado consumidor. O espaço se revaloriza não por sua localização (dimensão que é, ao contrário do que se pode acreditar, temporal, porque a localização, do ponto de vista capitalista, é medida única e exclusivamente pelo tempo que separa o ponto do planeta a ser utilizado no processo produtivo de seu mercado consumidor ou fonte de matéria-prima, por exemplo), mas por suas características enquanto maximizador da margem de lucro no processo produtivo. O que faz com que uma empresa norte-americana de atuação global instale uma unidade produtiva em um país asiático são as características sócio-espaciais daquele país (legislação trabalhista, quantidade e qualidade da mão-de-obra disponível, acesso à matéria-prima, entre outras), uma vez que o transporte de matéria e informação (ou seja, o tempo de deslocamento) já não é o problema de maior urgência. As empresas procuram as características espaciais para maximizar o lucro, não mais a localização para acelerar o processo de produção e reduzir custos. Se prioriza, ao analisar características sócio-espaciais, o espaço em detrimento do tempo, que era medido apenas na forma de deslocamento e que hoje pode ser reduzido com o uso de técnicas de transporte mais eficientes.

De outra parte, um novo elemento pode ser acrescentado à combinação do processo produtivo, tendo tanta ou maior importância do que os demais: a informação necessária para fabricação de uma mercadoria. Embora os avanços dos transportes sejam visíveis, os elementos clássicos do processo produtivo ainda estão sim sob determinação do tempo de deslocamento. A informação, por sua parte, talvez seja o único elemento já completamente

desprendido das limitações do tempo de deslocamento. Mas este fenômeno, isolado, não nos permite afirmar que o tempo tenha suplantado o espaço.

De qualquer forma, o papel da organização em rede é determinante para a disseminação de uma nova temporalidade, fundamentalmente porque

se a rede produz representações e mitos, é porque ela é uma técnica maior de organização do espaço-tempo. É uma matriz espaço-temporal: de um lado, a rede técnica abre a restrição espacial sem a suprimir e superpõe um espaço sobre o território – ela desterritorializa e reterritorializa – e, de outro lado, ela cria um tempo curto pelo rápido transporte ou pelo intercâmbio de informações. A rede de comunicação adiciona ao espaço-tempo físico um espaço ampliado e um tempo reduzido. (MUSSO, 2004, pág. 33)

Nos resta ainda uma questão fundamental a respeito da imposição de novas temporalidades pelas redes técnicas. A rede nada mais é do que um artifício de organização do território (virtual e concreto) para aceleração do transporte de matéria e informação. Distribuir informação com o objetivo de padronizar o consumo e distribuir matéria para realizar o consumo, sendo, portanto, uma imposição de um sistema econômico vigente. Este objetivo de padronizar pode encontrar resistência ou aceitação nos indivíduos que são abarcados por uma nova temporalidade disseminada por via das redes técnicas, dependendo fundamentalmente da acessibilidade e do domínio da tecnologia necessária para a interação com os elementos desta nova temporalidade, criando situações em que os indivíduos podem aceitar as acelerações impostas ao seu ritmo de vida ou rejeitá-las, criando (contra)artifícios de resistência.

Em última instância, a disseminação de uma temporalidade urbano-industrial (ou mesmo pós-industrial) tenta padronizar os hábitos de consumo e rotinas de trabalho e de lazer dos indivíduos, o que repercute como reação manifestando-se sob duas tendências, segundo Zilá Bernd (2000, pág. 135):

- de um lado a mundialização banalizadora da cultura junto com a mundialização dos mercados (McDonald's);

- de outro, reterritorializações fictícias: novos tribalismos, localismos, regionalismos e narcisismos das minorias sexuais.

Um leva à alienação e à perda de qualquer identidade (*Zelig*, de Woody Allen) e o outro, à identidade tribal (fundamentalismos em geral). Situar-se eqüidistante desses dois extremos é pensar a identidade que se constrói simbolicamente no próprio processo de sua determinação. (BERND, 2000, pág. 135)

Estas duas tendências extremas apenas polarizam reações mais brandas no sentido de aceitação de uma temporalidade desvinculada dos valores e ritmos locais tradicionais e diretamente conectada com valores e ritmos globais ou, no sentido oposto, de rejeição à aceleração e apego a ritmos e valores de temporalidades anteriores ou tradicionais. São estas reações e todas as suas possíveis variantes que analisamos a seguir, usando como exemplo alguns moradores do município de Terra de Areia.

## 7. TERRA DE AREIA, AREIA DO TEMPO<sup>5</sup>

### 7.1 A escolha do local para observação das variáveis temporais

Como já comentamos na introdução desta pesquisa, nosso primeiro contato com o município de Terra de Areia se deu durante uma saída de campo realizada durante a disciplina de Geografia Cultural, integrante do currículo obrigatório do curso de graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação dos professores Álvaro Luiz Heidrich e Rosa Maria Vieira Medeiros, realizada no segundo semestre de 2003. Durante esta atividade de campo, foi possível observar que o município apresentava uma heterogeneidade temporal marcante, exemplificada pela presença de artefatos tecnológicos e culturais tipicamente urbanos e pertencentes a uma temporalidade acelerada (uma pista de *skate* vertical (Figura 6), uma *lanhouse*<sup>6</sup> e uma torre de telefonia celular, entre outros), em meio a um ambiente rural que ainda guardava práticas de produção e hábitos cotidianos identificados com uma temporalidade menos acelerada (agricultura familiar rudimentar e destinada ao consumo, pecuária leiteira de subsistência e a utilização de meios de transporte movidos à tração animal).

---

<sup>5</sup> Todas as fotografias apresentadas deste ponto em diante foram obtidas pelo próprio autor da dissertação.

<sup>6</sup> ‘Lanhouse’ é o termo em inglês usado para designar o estabelecimento comercial destinado ao acesso à Internet através de conexão de alta velocidade e à prática de jogos eletrônicos em rede, por um grupo de pessoas.

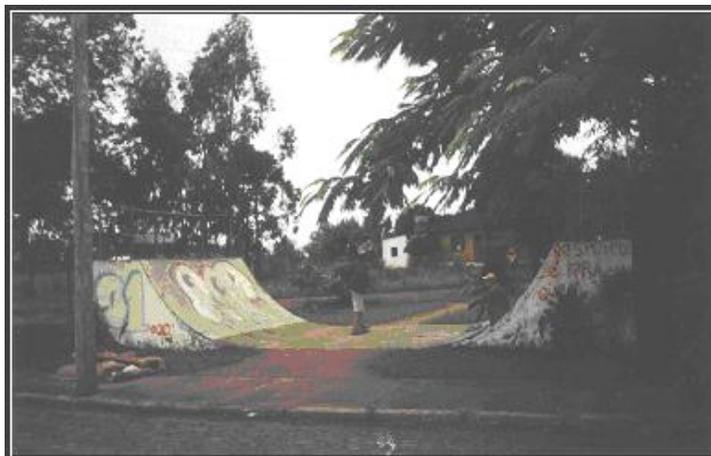


Figura 6 – Pista de *skate* no centro de Terra de Areia, em 2003.

Outro elemento que contribuiu imensamente para que estas disparidades temporais fossem ainda mais visíveis é a presença da Rodovia Federal BR-101, que divide a sede urbana do município em duas partes, fazendo com que fluxos lentos dos moradores em suas atividades cotidianas se entrecruzassem, por vezes gerando conflitos, com os fluxos rápidos de transporte de cargas. Em especial se considerarmos que a rodovia em questão é utilizada, basicamente, para transporte de cargas da Região Sul em direção ao centro urbano-industrial do país, como ilustra a Figura 7. A construção da rodovia, concluída em 1965, teve por objetivo explícito, segundo Aguiar (2006, pág. 59), “permitir a inserção mais aguda da produção, do trabalho e da economia do sul do país, principalmente a região de Porto Alegre, na região Sudeste do país, especialmente na área industrial de São Paulo.” A partir de então, um novo povoado começou a desenvolver-se nas margens da rodovia, oferecendo, inicialmente, apenas serviços de apoio ao tráfego intenso de caminhões. Cerca de três décadas depois, este pequeno povoado tornou-se uma cidade marcada por um caráter de dormitório para muitos motoristas que percorrem repetidamente o trajeto entre o Sul e o Sudeste do país.

É preciso destacar ainda que Terra de Areia encontra-se cerca de 150 quilômetros distante de Porto Alegre, próxima à Região Metropolitana, e faz parte de um dos eixos de

maior crescimento urbano nas últimas décadas em nosso estado, eixo que tem como pólos Porto Alegre e a Aglomeração Urbana do Litoral Norte (Figura 8), criada por Lei Estadual em 28 de maio de 2004. Segundo Strohaecker e Toldo Jr.,

no último decênio, a região do Litoral Norte se destacou pela taxa média de crescimento demográfico anual de 2,84%. Dos dez municípios que mais cresceram em termos populacionais no estado, sete estão nessa região: Arroio do Sal, Balneário Pinhal, Capão da Canoa, Cidreira, Imbé, Torres e Xangri-lá. Esse indicador é muito significativo ao se comparar com as taxas anuais do Estado (1,23%) e do Brasil (1,63%). (STROHAECKER e TOLDO JR., 2007)



Figura 7 – Cruzamento entre a BR-101 e uma via secundária, em Terra de Areia.

Durante a primeira atividade de campo realizada no município, tivemos a oportunidade de entrevistar alguns moradores das áreas rural e urbana, percebendo em suas falas que as diferentes temporalidades presentes em Terra de Areia, com seus cruzamentos de fluxos rápidos e lentos, poderiam estar gerando conflitos temporais, explicitados pela análise e auto-análise dos atos cotidianos de seus moradores. Em função disto, passamos a acreditar

que a heterogeneidade temporal de Terra de Areia facilitaria a análise de conflitos temporais, identificados em nível individual e subjetivo, e escolhemos o município para realização de novas entrevistas. As primeiras entrevistas, realizadas em 2003, também foram utilizadas para análise dos conflitos e, portanto, estão presentes nesta pesquisa, ao lado das entrevistas dos trabalhos de campo específicos, realizados em 2007 e 2008.

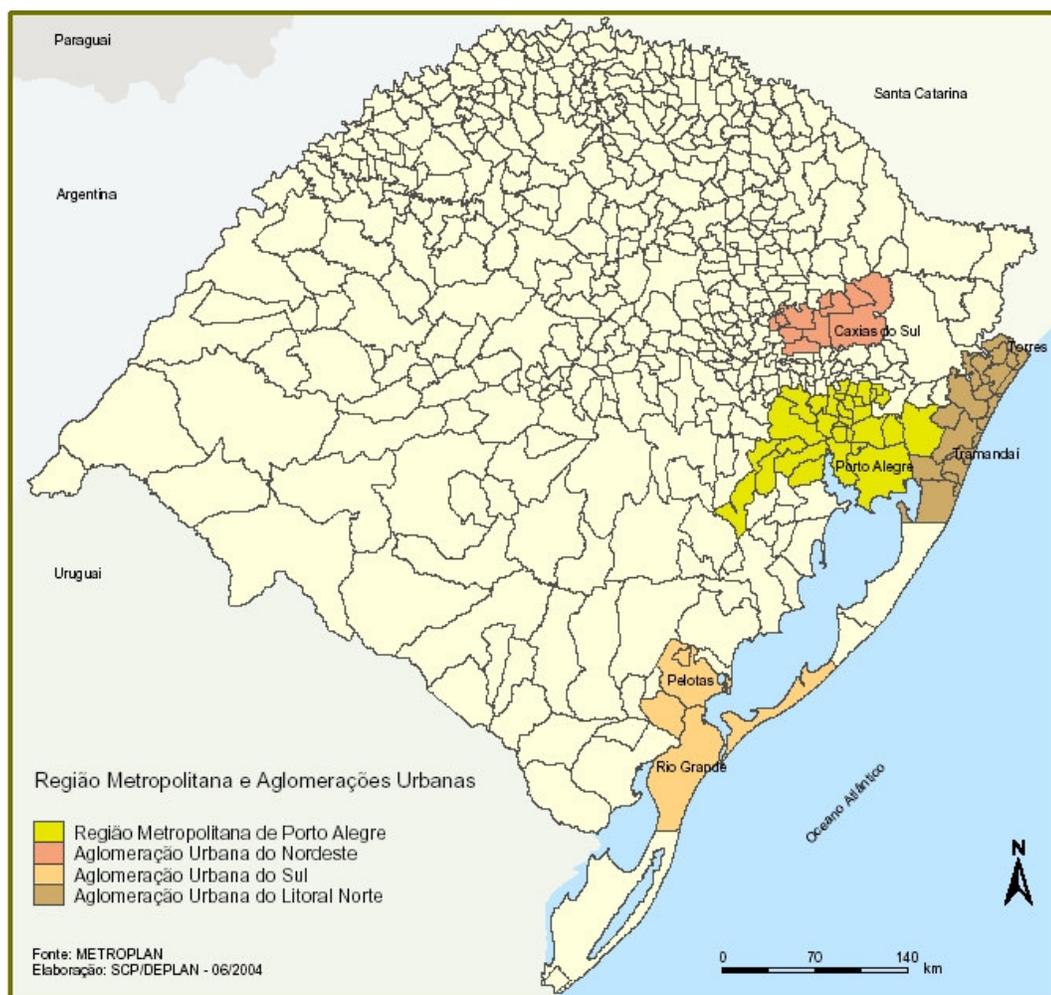


Figura 8 – Aglomerações urbanas do Rio Grande do Sul. Fonte: METROPLAN.

## 7.2 Localização e breve histórico do município<sup>7</sup>

O município de Terra de Areia está localizado no Litoral Norte do estado do Rio Grande do Sul, próximo à Região Metropolitana de Porto Alegre. O Litoral Norte do estado do Rio Grande do Sul

se caracteriza pela seqüência de ambientes longitudinais à costa. Após a área de interface com o mar, identifica-se uma planície sedimentar composta por campos de dunas, banhados, cordão de lagoas, campos, áreas úmidas antigas até os limites dos contrafortes do Planalto Meridional, entalhados pelos vales dos rios Três Forquilhas e Maquiné. (STROHAECKER e TOLDO JR., 2007)

O município é cortado pela Rodovia Federal BR-101, no seu km 47, sendo esta sua principal via de acesso, e também pela RS-486 – Rota do Sol, que teve seu asfaltamento concluído no ano de 2007, tornando-se a principal via de ligação entre a Aglomeração Urbano-industrial de Caxias do Sul e o Litoral Norte gaúcho. Podemos acrescentar ainda que a Rota do Sol foi construída para diminuir a distância de deslocamento de mercadorias com destino ao centro do país, uma vez que facilita o escoamento da produção através da BR-101.

Terra de Areia tornou-se um município com sede administrativa própria em 1988, quando emancipou-se do município de Osório (antigo Conceição do Arroio), que, por sua vez, emancipou-se do município de Santo Antônio da Patrulha em 1857.

---

<sup>7</sup> Elaborado a partir da página oficial de Terra de Areia (disponível em <http://www.terradeareia.rs.gov.br/>) e dos livros “Raízes de Terra de Areia” (diversos autores) e “Terra de Areia: idéia, sonho e realidade” (Lipert, 1991).



Figura 9 – Localização de Terra de Areia. Fonte: Atlas Socioeconômico Rio Grande do Sul.

A história da colonização de Terra de Areia remonta aos tempos da distribuição das primeiras sesmarias no Rio Grande do Sul, ainda no século XVIII. Entre os sesmeiros mais importantes da região estão Manoel Bento da Rocha, que montou, às margens da lagoa dos Quadros, a Estância São Maurício, repassada, por volta de 1850, ao estancieiro José Antônio de Quadros, vindo de Santa Catarina, que estabeleceu-se então na região. Deve-se a ele o nome da Lagoa dos Quadros, localizada ao sul de Terra de Areia. Com a chegada dos imigrantes açorianos ao Rio Grande do Sul, em 1752, intensificou-se o avanço em direção ao Litoral Norte, especialmente com a criação da estrada de Laguna, que ligava a cidade catarinense à Colônia de Sacramento, no Uruguai.

O povoamento do atual município de Terra de Areia foi iniciado em meados de 1826, com a chegada dos imigrantes alemães que fixaram-se no vale do rio Três Forquilhas, onde

fundaram a colônia alemã de Três Forquilhas, atual município de Itati. O nome “Terra de Areia” surgiu como denominação genérica da zona onde mais tarde seria implantado o núcleo urbano do município. Esta denominação genérica foi empregada pelos imigrantes alemães como referencial para diferenciar a composição do solo argiloso em que se fixaram inicialmente daquele que foi ocupado posteriormente. O solo do fundo do vale do rio Três Forquilhas, assim como na imensa maioria dos rios, é de composição argilosa, e aqueles moradores que se fixaram em áreas um pouco mais afastadas do rio encontraram um terreno de composição predominantemente arenosa, adotando a expressão “terra de areia” pra designar o local onde se estabeleceram e que mais de um século depois veio a ser a sede do município de Terra de Areia.

O núcleo urbano da cidade surgiu no entroncamento das rodovias BR-101 e RS-486 – Rota do Sol (Figura 10), ambas sendo utilizadas desde o final da década de 1940, seguindo um processo de ocupação semelhante ao descrito por Rémy e Voyé (1994, pág. 150).

A instalação inicial de uma rede rodoviária pode, segundo os autores, ocasionar uma perda de identidade da “aldeia”, uma vez que as atividades econômicas que se instalam às margens das rodovias de grande porte tendem a não estabelecer relações econômicas com o restante da comunidade, voltando-se exclusivamente para a rodovia. Por outro lado, consideram os autores, a implantação de uma rodovia de grande porte em um local próximo ou mesmo no centro de uma pequena comunidade pode ocasionar também a reanimação, criando uma necessidade de “aprendizagem de uma nova modernidade” e, portanto, tornando-se preciso “reinventar a si próprio”.

Desde nosso primeiro contato direto com Terra de Areia, em 2003, até nossos trabalhos de campo mais recentes, em 2008, a cidade parece, de fato, estar reinventando-se, com ampla presença de novos artefatos que indicam uma nova lógica de organização do espaço. Nos parece que o uso da BR-101 não poderia explicar este fenômeno uma vez que

esta já vem sendo utilizada amplamente há mais de cinco décadas. Por outro lado, a intensificação do uso da RS-486 pode ter relação direta com as modificações recentes no espaço urbano de Terra de Areia, em especial se considerarmos que o asfaltamento da rodovia promoveu o aumento e a maior constância do tráfego no local.

O distrito de Terra de Areia foi criado em 17 de novembro de 1953, com a extinção do distrito de Cornélios. No entanto, é possível afirmar que o início da utilização das duas rodovias que cortam o município determinou o início da ocupação da localidade e o fim de um ciclo histórico marcado pela navegação lacustre no Litoral Norte do estado, promovendo o início de outro, marcado pelo uso de transportes rodoviários.

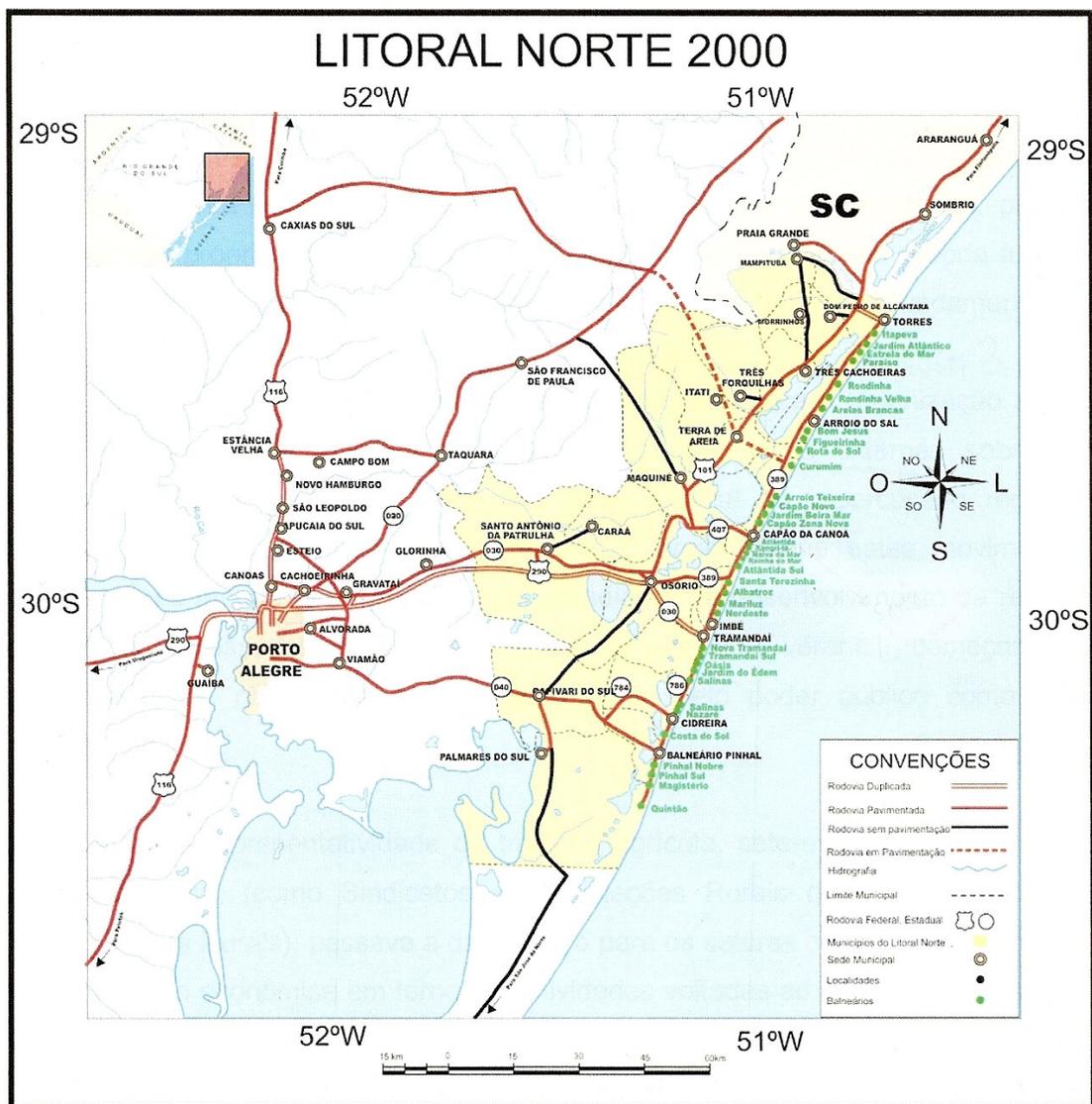


Figura 10 – Mapa rodoviário do Litoral Norte do Rio Grande do Sul<sup>8</sup> (Fonte: Aguiar, 2006, pág. 89).

<sup>8</sup> No mapa, a rodovia estadual RS 486 é indicada como “rodovia em pavimentação”. No entanto, o asfaltamento da rodovia foi finalizado no ano de 2007.

Genealogia de emancipação de Terra de Areia  
(Entre parênteses, o ano de emancipação dos municípios)

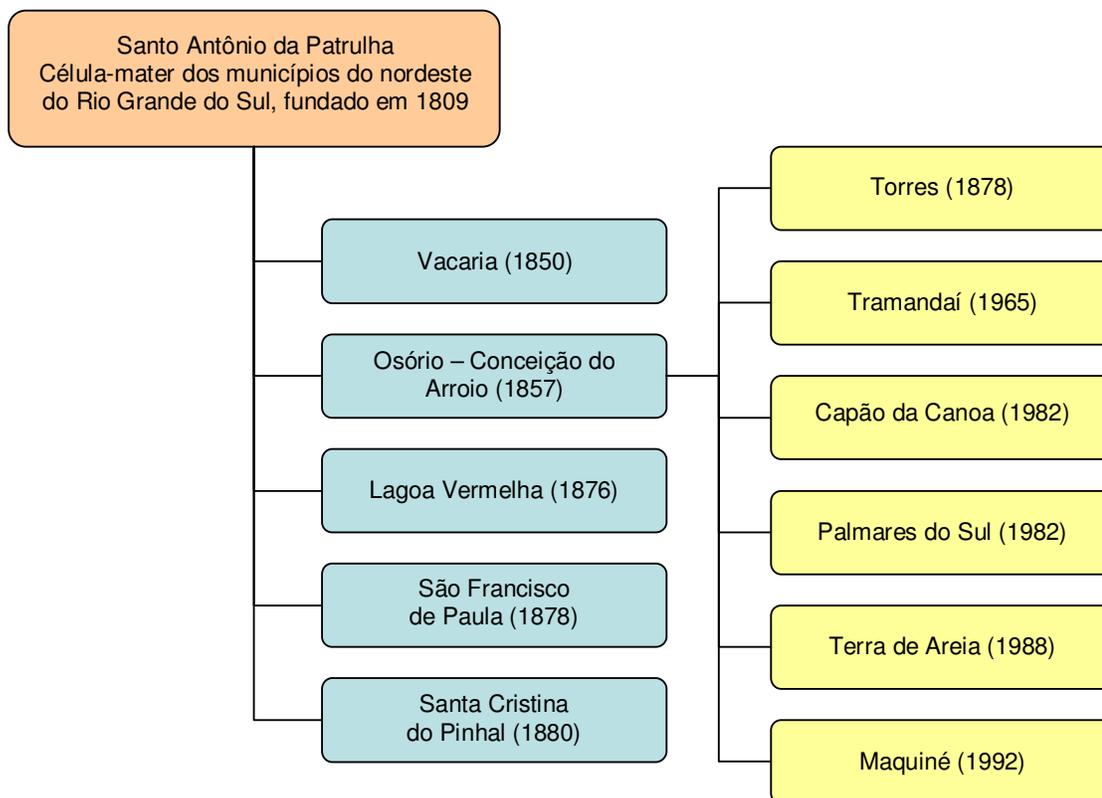


Figura 11 – Organograma de emancipação de Terra de Areia, baseado em pesquisa de Vera Lucia Maciel Barroso, retirada do livro Raízes de Terra de Areia.

Em 1957, quatro anos após a criação do distrito, foi fundada a paróquia de São Pedro, principal igreja católica de Terra de Areia. Em 1966, foi criada a Escola Cenecista Padre Mendonça, que permaneceu em funcionamento contínuo até 2002. A escola foi reaberta em 2005 como Escola Municipal Professor Laertsan Tavares Carvalho, com ensino pré-escolar e séries iniciais do ensino fundamental, além de um Pólo da Universidade de Caxias do Sul (Pedagogia – Licenciatura em Séries Iniciais e Licenciatura em Educação Infantil). Atualmente, o município dispõe também de uma delegacia de polícia e um posto da Brigada Militar (com sede construída e inaugurada em 1989), além de uma unidade do Corpo de Bombeiros, inaugurada em fevereiro de 2006.

Terra de Areia surgiu do desmembramento dos municípios de Osório (97% da área total) e Capão da Canoa (3% da área total), estendendo-se da Serra Geral ao Oceano Atlântico, e tendo por limites os municípios de Maquiné, Capão da Canoa, Três Cachoeiras, Três Forquilhas, Itati e o próprio oceano numa faixa de 4,5 km de costa. A área ocupada por Terra de Areia pode ser considerada de extrema complexidade ambiental em função do fato de que

o Litoral Norte do Rio Grande do Sul abriga ecossistemas raros e de grande vulnerabilidade ambiental, conformando paisagens diferenciadas no continente latino-americano, destacando-se a extensão de suas praias arenosas e o rosário de lagoas na Planície Costeira. A sua formação geológica recente, compreendendo os Períodos Terciário e Quaternário da Era Cenozóica, indica um ambiente suscetível às transformações de natureza física e antropogênica. (STROHAECKER e TOLDO JR., 2007)

Segundo dados retirados da página oficial da Prefeitura de Terra de Areia, atualmente, em torno de 91% da população do município está concentrada na área urbana, que dispõe de 4.300 terminais telefônicos e posto de atendimento dos Correios. A rede municipal de ensino é composta por sete escolas, somadas a quatro escolas estaduais, sendo uma delas de ensino médio, criada em 1990, totalizando cerca de 2.500 alunos matriculados.

A criação do município de Terra de Areia foi determinada pela lei estadual nº 8.561, de 13 de abril de 1988, após uma longa campanha de emancipação que envolveu todas as lideranças e população do município, com destaque para a atuação do atual prefeito e autor de dois livros sobre a história do município, Generi Maximo Lipert. A população total do município chegou aos 11.453 habitantes antes da emancipação do município de Itati, oficializada em 1996 (Censo Demográfico do IBGE, 2000). As estimativas do IBGE dão conta de que a população, em 2004, era de 9.017 habitantes (Tabela 2).

População residente em Terra de Areia, segundo o IBGE			
População Urbana	Ano	1991	2000
	Feminina	1.981	2.526
	Masculina	1.952	2.546
	Total	3.933	5.072
População Rural	Ano	1991	2000
	Feminina	3.094	3.067
	Masculina	3.380	3.314
	Total	6.474	6.381

População Total	Estimativas das populações residentes					
	1991	2000	2001	2002	2003	2004
	10.407	11.453	8.709	8.778	8.855	9.017

Tabela 2 – Estimativas populacionais de Terra de Areia. Fonte: IBGE.

Os dados da evolução da população de Terra de Areia, retirados da página do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), demonstram que há forte tendência de migração da população do campo em direção à área urbana do município. Embora até o ano 2000 ainda houvesse maior população residente na área rural do município, a tendência de aumento da população da área urbana indica que esta, segundo projeções, deve ter ultrapassado a população da área rural no ano de 2001 ou 2002. A redução considerável da população registrada no ano 2000 deve-se à emancipação do município de Itati, efetivada em 1996 mas que apenas pode ser identificada no censo realizado pelo IBGE no ano 2000.

### 7.3 Reconhecimento do espaço local e suas temporalidades

O município de Terra de Areia apresenta temporalidades bastante heterogêneas, com artefatos que nos remetem a diferentes momentos históricos coexistindo aparentemente sem

conflito. Pelo menos é isto que o primeiro olhar pode revelar. Logo de início, uma das coisas que mais chama a atenção na área central da cidade é a presença de duas construções bastante diferenciadas: a igreja matriz (mais alta construção do município até cerca de 10 anos atrás) e, logo ao lado, um torre de telefonia celular que é o único artefato humano em todo o município que supera em altura a igreja, como mostra a Figura 12.



Figura 12 – Igreja Matriz de Terra de Areia e torre de telefonia celular, no centro da cidade.

Esta primeira imagem, que salta aos olhos de quem chega à Terra de Areia, é apenas uma amostra das tantas temporalidades que coexistem lado a lado no município, nos remetendo de imediato ao um passado linear remoto na forma da construção da igreja e um passado linear recente na torre de telefonia celular. Ao mesmo tempo, estes dois artefatos humanos, lado a lado, também nos remetem a tempos técnicos distintos, uma vez que a construção da igreja nos remete a técnicas de construção que estavam em uso desde o final do século XIX. Por outro lado, a torre de telefonia celular nos remete a técnicas de construção

bem mais recentes, da segunda metade do século XX. Por fim, as temporalidades, a velocidade dos fluxos dos indivíduos que fazem uso destes dois artefatos, também é distinta. Enquanto a igreja compõe uma representação de temporalidade lenta, a torre nos leva a uma representação de uma urbanidade acelerada. Mas não é apenas esta diacronia explícita que podemos observar em Terra de Areia e é preciso proceder a análise temporal do município nas três dimensões do tempo que nos propomos discutir.

#### **7.4 As três dimensões do tempo em Terra de Areia**

##### **7.4.1 O tempo linear**

Do ponto de vista legal, o município de Terra de Areia é relativamente jovem, tendo sido criado em 1988. Mas esta pontuação no tempo linear não revela a idade efetiva das modificações humanas no espaço presentes no município. Poderíamos também adotar o início da ocupação humana no Litoral Norte gaúcho como referência para a linearidade temporal do município, mas isto tampouco seria preciso pois a ocupação da área específica de Terra de Areia está intimamente ligada ao início do uso das duas rodovias que se cruzam no município, a BR-101 e a RS-486. Se tomássemos por referência o momento histórico de ocupação do Litoral Norte gaúcho, então o tempo linear de Terra de Areia nos remeteria ao século XVIII, quando as primeiras sesmarias foram distribuídas na região. Ou ainda ao século XVII, quando foi iniciada a ocupação do Rio Grande do Sul através de sua faixa litorânea. No entanto, a idade linear de Terra de Areia deve ser definida a partir da ocupação do sítio específico onde a cidade se localiza. Para estabelecermos um marco histórico, acreditamos que o ano de 1826 pode ser considerado o início da ocupação humana, portanto, das modificações no espaço original, na região dos atuais municípios de Terra de Areia, Itati e Três Forquilhas.

Por outro lado, é preciso sublinhar que a ocupação da região ganhou nova dimensão após o início do uso das rodovias que promoveram o surgimento do município em suas margens. As duas rodovias em questão foram construídas e seu uso foi iniciado no final da década de 1940, sendo, portanto, esta referência importante para o entendimento do crescimento dos municípios da região. Sendo assim, acreditamos que a idade linear mais precisa que podemos atribuir à Terra de Areia é a que tem como ponto de partida o início do uso das rodovias que marcaram o desenvolvimento da cidade, no final da década de 1940.

#### 7.4.2 O tempo técnico

Se levarmos em consideração as técnicas empregadas na modificação da natureza e na construção de artefatos humanos, Terra de Areia apresenta também uma relativa heterogeneidade. É possível encontrar construções relativamente antigas, com mais de três décadas, ao lado de construções bastante recentes (como ilustram as Figuras 13, 14 e 15). Alguns bons exemplos destas disparidades podem ser encontrados na igreja e na torre de telefonia no centro da cidade, bem como em alguns estabelecimentos comerciais. No entanto, por ser uma localidade de ocupação relativamente recente, não são tão grandes as disparidades nas construções quanto se poderia esperar. A heterogeneidade é bem menor do que a de qualquer cidade brasileira mais antiga, especialmente se considerarmos que a maioria das construções de Terra de Areia nos remete ao período industrial ou ao período atual, na periodização proposta por B. M. Gros (SANTOS, 2004a, pág. 175) e adotada nesta pesquisa como referência em relação ao tempo técnico.

No quadro apresentado por Strohaecker e Toldo Jr. (2007), reproduzido a seguir, a ocupação de Terra de Areia fica praticamente restrita aos dois últimos períodos de desenvolvimento da urbanização no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, o que restringe a

diversidade do ponto de vista dos tempos técnicos materializados nas construções humanas de Terra de Areia.

<b>Fases de desenvolvimento da urbanização no Litoral Norte do Rio Grande do Sul (1732-2006)</b>			
<b>Fases</b>	<b>Funções</b>	<b>Elementos-síntese da sociedade</b>	<b>Elementos-síntese da natureza</b>
1732 -1900	Sedes de estâncias e fazendas	Fazendas	Campos, lagoas e rios
1900-1940	Balneários para fins terapêuticos	Hotéis	Mar
1940-1980	Balneários para fins de segunda residência	Chalés de madeira Casas de alvenaria	Mar e praia
1980-2006	Cidades	Condomínios verticais e horizontais	Mar, praia e lagoas

Tabela 3 – Fases de ocupação do Litoral Norte do RS. Fonte: Strohaecker e Toldo Jr., 2007.



Figura 13 – Bazar “Tempos Modernos”, construção com mais de duas décadas, no centro de Terra de Areia.



Figura 14 – Estabelecimento comercial construído há mais de três décadas.



Figura 15 – Estabelecimento comercial construído recentemente.

Ainda sob a mesma perspectiva, é fácil observar as distintas idades técnicas dos objetos utilizados para transporte de matéria e informação no município. No que diz respeito ao transporte de informação, o que mais chama a atenção talvez nem seja a presença de uma torre de telefonia celular (um artefato típico do período atual) ao lado da principal igreja da cidade, mas o fato de que, segundo relato de moradores, não houve manifestação alguma da população do município em contrariedade à instalação do artefato tão próximo à igreja, demonstrando que o uso da tecnologia de comunicação se sobrepôs a qualquer espécie de conservadorismo do ponto de vista religioso ou mesmo estético.

A cidade não possui uma estação de rádio própria, tampouco um jornal escrito (formas de comunicação típicas do período industrial) elaborado no próprio município (circula pela cidade apenas um jornal regional elaborado em Torres, no extremo norte do litoral gaúcho, além dos jornais de abrangência estadual). A ausência destas formas de comunicação pode ser explicada pela necessidade de grande público consumidor para que os custos sejam relativamente baixos. Por outro lado, Terra de Areia dispõe de dois estabelecimentos (Figuras 16 e 17) que oferecem serviços de conexão à *Internet* através de banda larga (meio de comunicação típico do período atual), o que pode ser considerado incomum se considerarmos o tamanho da população do município. Este fato é compreensível apenas se levarmos em consideração o fato de que Terra de Areia encontra-se no percurso que liga Porto Alegre ao centro do país, estando, portanto, na trajetória de expansão de redes técnicas de telefonia e *Internet*. Neste caso, o modelo de difusão proposto por Hägerstrand (*apud* MÉNDEZ, 1997, pág. 296), dinamizado por movimentos centrífugos, perde parte de sua natureza concêntrica, uma vez que a polarização da BR-101 como eixo de desenvolvimento econômico ligando a Região Metropolitana de Porto Alegre ao Sudeste do país faz com que a difusão de inovações não se estabeleça em um padrão circular a partir do centro propagador.

Quando entrevistamos um morador do município que trabalha como funcionário atendente de um dos estabelecimentos que oferece conexão à Internet, descobrimos que, ao contrário do que poderia se esperar, quase a totalidade dos usuários do serviço reside na própria cidade e são poucos os turistas ou viajantes que fazem uso deste serviço.



Figura 16 – Lanhouse em Terra de Areia, com acesso à Internet e jogos em rede.



Figura 17 – Lanhouse em Terra de Areia, com acesso à Internet e locação de filmes.

Outro elemento que ajuda a explicar a existência de uma forma de comunicação que tecnicamente nos remete a um tempo recente e uma temporalidade acelerada é o fato de que este serviço de conexão em banda larga em um dos estabelecimentos comerciais do município é temporário, sendo deslocado para outros municípios que recebem grande fluxo de turistas durante o verão.

Ainda quanto à idade técnica dos artefatos de transporte de informação, chama a atenção ainda a presença de um núcleo de educação à distância (elemento que pode ser considerado uma tendência que se consolidará no período iminente), montado pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), e que oferece o curso de Pedagogia à distância, com ênfase em Séries Iniciais (Figura 18).



Figura 18 – Núcleo de Educação a Distância da Universidade de Caxias do Sul.

Em relação ao transporte de matéria, da mesma forma, a heterogeneidade temporal do ponto de vista técnico é muito grande. Os moradores de Terra de Areia fazem uso das mais diversas formas de transporte, desde de automóveis (que fazem parte do período técnico industrial) até carroças (Figura 19) movidas à tração animal (elemento típico do período agrícola), ou mesmo bicicletas (Figura 20) (típicas do período industrial). Estas, por sinal, muito populares entre os moradores, uma vez que toda a área do município se encontra praticamente na mesma altitude.



Figura 19 – Charrete movida por tração animal deslocando-se por via secundária, em Terra de Areia.

Ainda em relação ao transporte de matéria, é importante destacar a presença de um grande número de caminhões no município, especialmente em função de seu caráter de dormitório para inúmeros motoristas profissionais que percorrem o trajeto entre a Região Sul e Região Sudeste através da BR-101. E é a presença da rodovia que cria a maior das disparidades técnicas quanto ao transporte de matéria: uma rodovia de tráfego intenso e acelerado (período industrial) cortada por vias secundárias de tráfego lento e sem asfaltamento (período agrícola). Esta diferença técnica cria uma enorme diferença de velocidade nos fluxos dos artefatos que transitam pela rodovia e pelas vias secundárias (Figuras 21, 22, 23 e 24), gerando conflitos que podem se intensificar com a duplicação da rodovia BR-101, atualmente em curso (Figura 25).



Figura 20 – Bicicleta estacionada em frente a estabelecimento comercial.



Figura 21 – Trecho da rodovia BR-101 cortado por via secundária.



Figura 22 – Via secundária não asfaltada de acesso à BR-101.



Figura 23 – Trecho da BR-101 que apresenta conflito com fluxos mais lentos.



Figura 24 – Via secundária que liga a BR-101 à RS-486 (Rota do Sol).



Figura 25 – Trecho da BR-101 em duplicação, no município de Terra de Areia.

#### 7.4.3 A temporalidade

A diversidade dos tempos técnicos dos objetos de Terra de Areia é perceptível também enquanto heterogeneidade de velocidade de fluxos, uma vez que artefatos pertencentes a períodos técnicos mais recentes tendem a permitir fluxos mais rápidos no transporte de matéria e informação. Estas temporalidades se fazem sentir em nível individual, e são reveladas apenas nos atritos gerados por temporalidades aceleradas e hábitos cotidianos diacrônicos, tornando-se, portanto, perceptíveis nas falas e gestos dos habitantes do município. Em função disto, a melhor forma de avaliar as temporalidades (os diferentes ritmos e velocidades de fluxos que permeiam os objetos e por eles são permitidos) e identificar os possíveis conflitos gerados por suas disparidades é através da análise das entrevistas realizadas durante os trabalhos de campo, nas áreas urbanas e rurais de Terra de Areia.

O primeiro conjunto de entrevistas diz respeito ao trabalho de campo realizado ainda em 2003, durante o qual tivemos a oportunidade de conversar com três integrantes de uma mesma família. Já o segundo conjunto de entrevistas é referente aos trabalhos de campo mais atuais, realizados em 2007 e 2008. No segundo caso, as entrevistas foram pautadas pelo modelo criado pelo geógrafo sueco Hägerstrand (HARVEY, 1999, pág. 195), que partia do itinerário de deslocamento dos indivíduos para identificar atritos entre a velocidade dos fluxos e do espaço por onde se deslocam. Este foi o ponto de partida, mas não nos limitamos a estes aspectos, procurando também entender os sentimentos e opiniões dos indivíduos entrevistados diante das diferentes velocidades de fluxos que permeiam suas vidas. Os modelos temporais interpretativos criados pelos geógrafos da Universidade de Lund, na Suécia, liderados por Hägerstrand, nos parecem demasiadamente focados em aspectos quantitativos dos itinerários dos indivíduos no espaço urbano. Alguns exemplos destes modelos interpretativos podem ser encontrados no manual de Geografia Urbana “El espacio interior de la ciudad”, de Antonio Zárte Martín (págs. 190-195). Em função da análise calcada fundamentalmente em aspectos quantitativos, por vezes até exclusivamente cronométricos, os modelos de interpretação sofreram as adaptações necessárias para os fins desta pesquisa.

### **7.5 Entrevistas com os moradores realizadas em 2003**

Na área rural do município de Terra de Areia, tivemos a oportunidade de conversar com Seu Alcindo, um senhor de mais de 70 anos e de hábitos tradicionais, e Rosana, sua neta de 14 anos, já sem a maior parte das referências temporais do mundo que a cerca de imediato.

Seu Alcindo é um senhor que nasceu e cresceu na área rural do município e que mantém os mesmos hábitos há algumas décadas: ainda produz hortaliças para consumo próprio, mesmo que em menor quantidade do que em sua época de juventude; ainda cria

algumas vacas e galinhas para suprir sua própria família; mantém um pomar variado; vai ao centro da cidade apenas uma vez por semana; não costuma ir à praia, a despeito de sua proximidade; ainda costuma ir à igreja de vez em quando, apesar da dificuldade de andar devido aos problemas de saúde. Seu Alcindo é um homem de hábitos simples e lentos, que, ao longo do seu cotidiano, não faz uso de qualquer objeto que pertença a 4ª fase de comunicação e transporte humanos, e talvez nem mesmo pertencente a 3ª fase. Seu Alcindo já não acha sua propriedade e a área onde se localiza tão boas quanto antes pois já não se pode produzir tanto, mas nem assim considera a hipótese de deixar as terras que são de sua família há três gerações (Figura 26). Não quer deixar para trás os laços afetivos que o mantém ligado à terra e as relações de amizade e confiança que estabeleceu com seus vizinhos. Afirma que a cidade não poderia lhe garantir isto. Gosta de poder cumprimentar a todos que passam, mesmo que nem os conheça. A identificação com o espaço de sua propriedade é clara, transparece no modo como fala de seu passado sobre aquele chão. Mas o tempo no qual está inserido (a velocidade dos fluxos dos quais faz parte) também lhe parece bem próprio. Sua fala vagarosa, seu passo curto, sua forma de construir frases longas e pausadas são representativas da velocidade com que corre seu dia-a-dia. A rejeição à vida na cidade, um lugar que considera barulhento e perigoso, demonstra a perfeita sincronia entre seus hábitos e a velocidade dos acontecimentos no espaço onde vive. A identificação não se restringe ao espaço, se alonga por sobre a temporalidade própria a ele. Seu Alcindo apresenta ainda uma clara rejeição aos objetos que pertencem a um período técnico mais recente e que, portanto, permitem uma velocidade de fluxos mais acelerada, correspondendo a 3ª e 4ª fases da comunicação e do transporte humanos.

Seu Alcindo também nos contou um pouco da vida de sua filha Ana Maria, casada com Antônio e mãe de Rosana. Ela trabalha no então maior supermercado do município (em 2003), na área urbana, mas ainda mora em uma casa na área rural, ao lado da casa de seu

Alcindo. Ana Maria aprendeu quando pequena a trabalhar na roça, sabe cuidar das vacas, também gosta da vida calma. Mas frequentou a escola por mais tempo que Seu Alcindo, completou o ensino médio na escola do município, tendo optado por trabalhar na cidade. Vive dividida entre estas duas porções do espaço com temporalidades diferentes, uma delas identificada com a 4ª fase e outra com as 2ª e 3ª fases da comunicação e transporte humanos.



Figura 26 – Propriedade rural no interior de Terra de Areia.

Ana Maria identifica-se com o espaço rural onde reside e com a temporalidade que lhe é própria, mas já possui hábitos e preocupações comuns aos moradores de uma área urbana. A identificação com o espaço circundante, ao contrário de Seu Alcindo, não se prolonga sobre o tempo. Embora resida em uma área rural de fluxos de velocidade muito baixa, seus hábitos aproximam-se daqueles temporalmente acelerados, típicos de um ambiente urbano. Sua identidade espacial de referência é rural, mas sua identidade temporal é urbana, evidenciada

nos conflitos gerados pela necessidade de deslocamento diário desde sua residência até o centro da cidade.

O distanciamento entre a identificação com a velocidade dos fluxos e com a temporalidade do espaço em si é ainda maior na geração seguinte. Rosana, neta de Seu Alcindo, estuda em uma escola municipal próxima, ouve as mesmas músicas que qualquer outra adolescente em qualquer área urbana ouviria; veste-se da mesma forma; não aprendeu a trabalhar no campo, tampouco a cuidar dos animais; ajuda a limpar a casa, mas prefere assistir novelas e filmes na televisão via satélite; tem os mesmos hábitos de qualquer adolescente urbana. Vive em um mundo de informações rápidas, assiste televisão, ouve rádio, acessa a Internet em casa e na escola, recebe a mesma carga de informação e a mesma educação que receberia em um ambiente urbano. Rosana está completamente inserida em um temporalidade urbana e parece gostar de viver nesta velocidade. Apesar de levar uma vida acelerada em um ambiente de velocidade lenta, aparentemente não cria-se nenhum conflito a partir desta diacronia. Rosana diz gostar do lugar onde mora e afirma que não pretende sair dali.

É fácil perceber o processo de urbanização e de aceleração temporal pelo qual o modo de vida rural passou de uma geração à outra. Ana Maria deixou para trás a vida no campo não por escolha, mas por necessidade econômica. A agricultura de pequena escala já não satisfazia todas as necessidades de sua família, assim ela preferiu tentar se integrar ao ambiente urbano e nele trabalhar, tendo que se adequar às novas exigências e velocidade acelerada dos fluxos de uma sociedade pós-industrial. É interessante notar que o momento em que Ana Maria deixou a vida no campo para tentar trabalhar na cidade coincide com o momento em que o país como um todo também se urbanizava, uma vez que “no Brasil, a parcela da população que reside em áreas urbanas é majoritária desde a década de 1970, acompanhando a transformação político-econômica de um país eminentemente agroexportador para um modelo urbano-industrial.” (STROHAECKER e TOLDO JR., 2007)

Em dois sentidos podemos dizer que o modo de vida urbano se expandiu no país. Em primeiro lugar, verifica-se, de 1940 a 2000, quase uma inversão nos dados sobre distribuição da população entre o meio rural e o meio urbano. Se, em 1940, a taxa de urbanização brasileira era de 31%, em 2000, esta mesma taxa salta para 81%. Por outro lado, os meios de comunicação e a indústria cultural integraram ao modo de vida urbano aqueles que permaneceram no campo (na maior parte das vezes, induzindo os habitantes do campo a migrarem para a cidade). Edward Shils explicita bem o papel integrador que a cultura de massa possui na sociedade capitalista: “o centro da sociedade – as instituições centrais e os valores centrais que guiam e legitimam essas instituições – estende suas fronteiras. A maior parte da população (a massa) agora se relaciona de maneira mais estreita com o centro do que no caso das sociedades anteriores ou na fase inicial da sociedade moderna” (Shils *apud* Ortiz, 1988, pág. 49).

Seu Alcindo viveu boa parte de sua vida em um período em que poderíamos considerar, como afirma Shils, de fase inicial da sociedade moderna. Não havia ainda uma indústria cultural e redes técnicas capazes de integrar os habitantes do campo no referido processo. No caso de Rosana, os programas de TV, a música pop e os filmes de *Hollywood* já fazem parte de seu cotidiano (temporalidade urbana), disseminados por um conjunto de redes técnicas que chegam até sua casa ou sua escola, os dois espaços onde passa maior parte de seu tempo.

Ana Maria, por sua vez, se aventurava pelo ambiente urbano em busca de novas oportunidades enquanto boa parte dos pequenos agricultores tinham sua vida dificultada ou perdiam sua propriedade devido às inovações da chamada Revolução Verde e ao aumento da escala econômica da agricultura (ALTIERI, 1998). As cidades inchavam e recebiam hordas de agricultores expulsos da terra ao mesmo tempo em que Ana Maria buscava no ambiente urbano uma oportunidade de emprego. Este primeiro movimento em direção à urbanidade

caracterizou-se, essencialmente, como um fenômeno espacial, de migração efetiva da população em direção às cidades.

Mas o modo de vida tradicional de Seu Alcindo não parou de se transformar nesta geração, continuou seu processo de urbanização até a geração de Rosana. Mais uma vez, isto aconteceu simultaneamente a um novo processo de migração rural-urbano. Agora são jovens desinteressados ou desiludidos com a vida tranqüila no campo que vão para as cidades reproduzir o modo de vida acelerado, análogo à velocidade com que estes mesmos jovens recebem informação atualmente, mesmo em áreas rurais. Rosana é mais uma dentro deste contingente. Mas este segundo movimento em direção à urbanidade não envolve necessariamente deslocamento espacial efetivo. Na maior parte dos casos, é a urbanidade que se expande em direção às áreas rurais, incorporando estas ao sistema urbano e lhes impondo sua temporalidade, já integrante da 4ª fase de comunicação e transporte humanos, com a utilização de formas de comunicação que separam a informação da matéria. Podemos então inferir que este segundo movimento é, essencialmente, um fenômeno temporal, manifestado na *migração temporal* da população mais jovem, seja daquela que migra espacialmente para os grandes centros urbanos ou mesmo daquela que permanece no campo.

A geração de seu Alcindo testemunhou a desvalorização da vida no campo, viu milhares de agricultores serem expulsos da terra. A reação natural não poderia ser outra: dar a seus filhos todas as possibilidades para que tivessem uma vida melhor que a sua, mesmo que isso significasse estudar em escolas pensadas para o ambiente urbano e deixar o campo. A geração de Ana Maria teve duas opções: teve acesso ao estudo necessário para a vida na cidade, mas também aprendeu com seus pais a viver no campo, aprendendo a lidar, portanto, com artefatos pertencentes a diferentes temporalidades. Já a geração de Rosana, por sua vez, não teve esta escolha, não recebeu de seus pais os referenciais para a vida no campo – talvez

porque estes já nem os tivessem. Rosana cresceu em uma instituição escolar voltada exclusivamente para a urbanidade e que já reproduz seus fluxos acelerados.

Acreditamos, portanto, que estas histórias de vida não são dados isolados ou representativos de um fenômeno que se restringe apenas ao município de Terra de Areia. São histórias que expressam uma transformação mais ampla e que se reflete na ruptura entre o modo de vida destas três gerações: a modernização da sociedade brasileira provocada pela aceleração dos fluxos disseminados pelas redes técnicas de transporte de informação e matéria. Se até 1950 o Brasil era um país pouco industrializado, a partir da década de 1960 se viu inserido em um fluxo de modernização típico daqueles países que experimentam o ingresso em uma sociedade capitalista moderna: urbanização intensa, expropriação dos camponeses, surgimento de uma indústria cultural e instalação e ampliação de redes técnicas por praticamente todo o território.

## **7.6 Entrevistas com os moradores realizadas em 2008**

No mais recente trabalho de campo realizado em Terra de Areia, tínhamos por objetivo observar a cidade e suas modificações em relação a situação em que a encontramos em 2003. Para tanto, elegemos pontos que consideramos de relevância para o desenrolar das relações sociais cotidianas entre os moradores do município. Estas “estações”, termo empregado por Hägerstrand (*apud* HARVEY, 1999, pág. 195), ou *espaços-pólo*, como optamos por chamá-los, são espaços que por características específicas assumem papel de extrema importância para o entrecruzar dos fluxos das trilhas de vida no espaço-tempo. Elegemos, portanto, três espaços específicos como espaços-pólo: a praça central da cidade, onde a maior parte dos acontecimentos coletivos se desenrola; a maior escola do município, onde os fluxos de informação, seus veículos e velocidade ganham especial importância; e um

dos estabelecimentos comerciais que oferecem o serviço de conexão à Internet em alta velocidade, elemento significativo no contexto da temporalidade enquanto velocidade de transporte de informação.

Uma das mudanças mais visíveis que pudemos observar foi que a abertura definitiva da RS-486 (Rota do Sol) aumentou consideravelmente o fluxo de turistas no município. Antes da intensificação do tráfego pela rodovia, a quase totalidade dos veículos que atravessavam a cidade era composta por caminhões que transitavam pela BR-101. Desde a abertura da Rota do Sol, um fluxo muito maior de veículos de pequeno porte pode ser notado, com sensíveis transformações na organização espacial da cidade. Há dezenas de novos estabelecimentos comerciais e outros tantos em construção. Um elemento que ajuda a evidenciar a expansão urbana acelerada pela qual passa Terra de Areia é a concentração acima do esperado de estabelecimentos que comercializam material de construção, característica de uma cidade que está crescendo, influenciada pela abertura da Rota do Sol e pela duplicação da BR-101. Esta nova expansão da cidade de Terra de Areia apenas amplia a extensão da nova temporalidade urbana que já pudemos identificar em 2003.

Quando estivemos na cidade recentemente, entrevistamos mais alguns moradores com o objetivo de identificar possíveis conflitos temporais. Uma das primeiras moradoras com quem conversamos foi Rosiléia (Figura 27), uma agricultora de 35 anos, mãe de um casal de filhos de dezesseis e nove anos. Sua rotina é bastante simples: Rosiléia inicia seu dia por volta de seis horas preparando o café da manhã para os filhos e o marido. Em seguida, recolhe os abacaxis que apanhou no dia anterior e os coloca em uma pequena carroça que é então puxada por um cavalo até o centro da cidade. Rosiléia passa o dia na praça central de Terra de Areia vendendo a produção de abacaxis da pequena propriedade da família (Figura 28). Durante o inverno, os abacaxis são substituídos por mandioca, mas a rotina permanece a mesma. Em alguns dias, a venda na praça é substituída pela venda de porta em porta. A pequena

propriedade da família conta ainda com uma vaca leiteira que fornece o leite consumido pela família. Ao final do dia, Rosiléia retorna para casa com seu cavalo e sua carroça. Tem tempo apenas para preparar o jantar para a família e realizar as tarefas domésticas.



Figura 27 – A agricultora Rosiléia, vendendo sua produção na praça central da cidade.



Figura 28 – Produção de abacaxis de Rosiléia.

Essa rotina aparentemente simples e de baixa velocidade nos remete a um período técnico agrícola e a uma temporalidade ainda pré-mecânica. No entanto, um pequeno detalhe revelado por Rosiléia durante nossa conversa demonstra que seus hábitos lentos são influenciados pelo meio em que vive, mas isso não impede que uma nova temporalidade seja, mesmo que superficialmente, assimilada: Rosiléia utiliza um aparelho de celular para despertar pela manhã. Segundo a agricultora, o aparelho (de um modelo já não mais fabricado) serve basicamente para esta função, uma vez que não tem o hábito de comunicar-se constantemente com os filhos ou com o marido. Este pequeno elemento mostra que, embora a agricultora aparente não ter identificação com uma temporalidade urbana mais acelerada, Rosiléia já adotou alguns pequenos hábitos por influência das redes técnicas que se expandem a partir da urbanidade.

Durante nosso último trabalho de campo também foi possível conversar com Maria Helena, uma professora que atua em duas escolas de Terra de Areia (Figura 29). Seu cotidiano

é bem próximo ao de um professor que trabalha em qualquer grande cidade, talvez até mais exigente. Maria Helena, de 50 anos, é casada e mãe de dois filhos que já não moram na cidade, ambos deixaram o município para estudar em Porto Alegre. Acorda cedo todas as manhãs para começar sua rotina de trabalho: aulas pela manhã, um pequeno intervalo para o almoço, mais aulas à tarde. Um intervalo de pouco mais de uma hora e mais algumas horas de aula à noite. Estes três turnos de trabalho em duas escolas fazem com que o dia-a-dia da professora seja bastante exigente, porém, não necessariamente acelerado do ponto de vista da temporalidade (velocidade de fluxos de matéria e informação). Segundo Maria Helena, as duas escolas onde dá aula (uma pertencente à rede estadual e a outra à rede municipal) dispõem de acesso à Internet através de banda larga, além disso, a própria professora também possui uma conexão de banda larga em sua residência, mas confessa que possui pouca familiaridade com a informática. O uso do computador fica restrito às atividades profissionais, sendo que o uso específico da Internet fica limitado a pesquisas para seu trabalho. No entanto, a professora comenta que seus filhos fazem uso constante da Internet quando a visitam em Terra de Areia. O que mais nos chama a atenção na fala de Maria Helena é um comentário que demonstra que, embora ela mantenha certa distância da tecnologia de informática, possui certa familiaridade. Quando questionada a respeito do tipo de conexão que possui em casa, Maria Helena nos respondeu de imediato que a sua conexão à Internet era de banda larga via rede telefônica e ainda usou uma expressão para desqualificar o acesso à Internet através de conexão discada, sensivelmente mais lenta: “discada não dá, Deus o livre!”.



Figura 29 – Professora Maria Helena, durante entrevista em uma das escolas que atua.

A terceira entrevista selecionada das tantas que realizamos em Terra de Areia também confirmou algumas de nossas impressões sobre o município. Evandro (Figura 30), de 23 anos, é funcionário de um dos estabelecimentos de acesso à Internet de alta velocidade que a cidade dispõe. Durante nossa conversa, Evandro nos contou que deixou a casa dos pais muito cedo para trabalhar na cidade. Seu pai ainda mora em um sítio na área rural de Terra de Areia. Sua rotina de trabalho também é bastante exigente, apesar dos horários pouco ortodoxos. Sua jornada de trabalho tem início às 14 horas, na lanhouse onde trabalha durante o período da tarde. Seu turno se encerra às 18 horas, quando Evandro então se desloca para Curumim, o balneário mais próximo e onde ele trabalha em um bar a partir das 23 horas até o fechamento do estabelecimento, por volta das 5 horas da manhã. Em seguida, Evandro retorna à Terra de Areia para recomençar sua rotina no dia seguinte, às 14 horas.

O jovem nos contou que a maior parte dos usuários da Internet no local onde trabalha são moradores da própria cidade, especialmente adolescentes, que usam o serviço

principalmente para comunicação e jogos eletrônicos. Uma pequena parcela, segundo Evandro, faz uso da Internet para pesquisa escolar. Há ainda alguns moradores que fazem uso da Internet para ter acesso a algum serviço público ou obter informações, pedindo ajuda dos funcionários sempre que alguma dificuldade surge, o que é bem comum entre usuários de mais de 30 anos, segundo nos contou Evandro.



Figura 30 – Evandro, funcionário de uma das lanhouses de Terra de Areia.

O jovem nos contou ainda que se considera parte de uma parcela de cerca de 80% dos jovens da cidade que, de alguma forma, rejeitam o modo de vida dos pais e procuram na área urbana de Terra de Areia, ou mesmo fora do município, alternativas de estudo e trabalho. Essa rejeição passa necessariamente por uma dimensão temporal, uma vez que os serviços de comunicação rápida procurados pelos jovens estão disponíveis apenas na área urbana do município, demonstrando que as gerações mais recentes ainda estão migrando temporalmente ao mesmo tempo em que se deslocam do campo para a cidade, embora as redes técnicas já

comecem a oferecer serviços típicos do período técnico atual em áreas cada vez mais afastadas dos grandes centros urbanos.

## REFLEXÕES FINAIS

### **Revalorização do espaço urbano**

Ao andarmos pela área urbana de Terra de Areia em 2003 foi possível observar diferentes porções do espaço em diferentes situações temporais. Algumas casas fechadas, aparentemente abandonadas. Ao mesmo tempo, logo ao lado, construções novas abrigando instalações comerciais recém inauguradas. Em 2008, a cidade visivelmente já passa por uma renovação do ponto de vista de utilização do espaço urbano e já não é possível encontrar na área central nenhuma casa que aparente abandono. Esta renovação diminui a sensação de “mosaico temporal”, em termos de valorização do espaço urbano, que havíamos constatado inicialmente. A cidade de Terra de Areia, seguindo a tendência de expansão urbana do Litoral Norte do Rio Grande do Sul e influenciada pela abertura ao tráfego da Rota do Sol, deixou de aparentar decadência, demonstrando grande capacidade de revalorização interna, dando novas funções a porções desvalorizadas e as inserindo em uma nova dinâmica temporal. Especialmente se considerarmos que a cidade parece reorganizar-se sob influência de elementos externos (redes técnicas em expansão) mas voltada para seus próprios habitantes, o que pode ser atestado pelo uso dos instrumentos mais recentes de comunicação à disposição no município, utilizados principalmente por moradores do local.

A cidade de Terra de Areia configura-se assim em um mosaico de diferentes porções do espaço pertencentes a um ciclo de urbanização decadente e a um novo ciclo de urbanização essencialmente informacional e globalizado e sob influência de elementos externos (neste sentido, a pista de skate e as lanhouses são extremamente significativos pois representam um esporte essencialmente urbano e ocidental que se popularizou mundialmente a partir dos

Estados Unidos ao longo da década de 1990 e pontos de conexão à rede mundial de informação, respectivamente).

É interessante como as diferentes dinâmicas de urbanização criaram espaços distintos, que apresentam-se hoje, como bem caracteriza Milton Santos (1985), sincrônicos ou diacrônicos ao processo maior em curso: os espaços construídos dentro de uma primeira etapa de urbanização (de 1940 a 1980, na tabela que periodiza a ocupação do Litoral Norte, composta por Strohaecker e Toldo Jr., 2007), hoje estão em desacordo com a nova dinâmica, sua forma se deteriora, sua função já não mais existe ou se modifica, e a estrutura urbana que os abriga se transforma em função de um novo processo desencadeado por um segundo movimento em direção à urbanidade, especialmente marcado pela intensificação do uso das rodovias que cortam o município. Este novo movimento em direção à urbanidade (de 1980 aos dias atuais, de acordo com a mesma tabela) não é necessariamente espacial, pois não verifica-se, obrigatoriamente, grande movimento de pessoas deixando a área rural de Terra de Areia para residir na área urbana, mas sim temporal, pois o que se constata é um número considerável de jovens optando pela vida acelerada e pelo rendimento constante e aparentemente seguro da vida urbana, sem, no entanto, deixar necessariamente o espaço de origem para trás. Esta migração temporal, a princípio, não cria conflitos e não se torna obstáculo para que os jovens do município criem laços de identificação com o ambiente urbano e mantenham laços de identificação com o espaço rural. Por outro lado, a identificação crescente desta geração com o tempo urbano acelerado torna-se um impedimento e os obriga a deixar para trás o tempo rural lento.

### **Identities temporais**

Nos parece, portanto, que os conflitos se concentram nas gerações mais antigas, quando estas são forçadas a adequar-se a uma nova temporalidade que se propagada por meio de redes técnicas a partir de um centro de urbanidade. Os jovens de Terra de Areia parecem conciliar uma identidade espacial tanto urbana quanto rural, mas optam pela temporalidade urbana acelerada, rejeitando a vida de fluxos lentos das áreas rurais ainda não atingidas pela aceleração do período atual de transporte de matéria e informação. A consequência direta é uma migração espacial do campo em direção às cidades apenas naqueles municípios onde ainda prevalecem os fluxos lentos. Nos parece também que apenas aquelas áreas rurais que já estão inseridas em uma lógica acelerada ainda oferecem alguns atrativos a jovens desinteressados pela vida longe dos grandes centros. E acreditamos que este interesse pela aceleração da vida urbana tem como artífices principais as redes técnicas que levam aos jovens que habitam áreas distantes dos grandes centros algumas amostras da vida na urbanidade. É inegável a influência da televisão, da Internet e até mesmo dos conteúdos e técnicas que as escolas das áreas rurais oferecem na criação de identificação com os fluxos acelerados da urbanidade. A constante migração espacial de jovens para os grandes centros também pode ser interpretada sob este ângulo, uma vez que os artefatos técnicos que permeiam a vida dos jovens acabam por criar uma identidade temporal acelerada. E estes jovens, como era de se esperar, procuram uma localização espacial que contemple a velocidade de fluxos com a qual estão identificados.

De outra parte, a disseminação de uma nova temporalidade se faz sentir como imposição com mais clareza nas gerações mais antigas, que são forçadas a agir segundo velocidades aceleradas sem, no entanto, terem frequentado uma escola ou qualquer ambiente que os tenha preparado para lidar com inovações tecnológicas e fluxos acelerados. Não são

poucos os exemplos de indivíduos que apresentam enorme dificuldade ao enfrentar artefatos tecnológicos de períodos técnicos mais recentes. Para estes indivíduos, nos parece que a aceleração dos fluxos se apresenta como imposição, contra a qual se configurariam formas de resistência ou rejeição. Infelizmente, os fluxos acelerados tendem a se impor de maneira vertical, sem preocupar-se com a inserção dos indivíduos não adaptados e, neste jogo de imposição e adequação, aqueles que não se submetem às novas velocidades acabam por sentir-se marginalizados, alheios aos processos de aceleração, quase sub-produtos de uma lógica impositiva, cujo objetivo é, por essência, a eficiência no transporte de matéria e informação como maximização da acumulação capitalista. Nos parece que esta marginalização temporal é apenas mais uma das facetas de um sistema produtivo que prioriza resultados e cifras, diminuindo indivíduos e sentimentos. Mais uma das imposições que invadem nosso cotidiano e mudam constantemente a tecnoesfera à nossa volta, sem qualquer mediação para que as mudanças drásticas não sejam traduzidas como conflito e drama na psicoesfera dos indivíduos que não se julgam capacitados a acompanhar a aceleração aparentemente inexorável dos tempos em que vivemos.

Entre os dois extremos há uma geração que aparentemente consegue transitar entre as temporalidades aceleradas e lentas. Até mesmo porque estas posições antagônicas são pólos cristalizados que identificam posições extremas dentro de uma continuidade. Em verdade, encontramos indivíduos em todas as situações, desde a rejeição completa até a aceitação total de uma temporalidade acelerada, passando por indivíduos que conseguem transitar em ambas. Ainda, em nosso cotidiano, agimos segundo velocidades variáveis, muitas vezes optando por fluxos mais lentos em nome de uma diminuição do efeito psicológico negativo advindo da pressão constante gerada pela aceleração típica da urbanidade contemporânea. É preciso destacar que o que nos interessou nesta pesquisa não foi a transição por opção, mas a transição forçada, aquela que se concretiza quando indivíduos são forçados a adequar-se a

mais de uma temporalidade ao longo de sua jornada diária ou ao longo de sua vida, seja através de migração espacial efetiva (via de regra, do campo em direção às cidades), seja a partir da expansão engolidora da urbanidade acelerada (migração temporal forçada).

De maneira sintética, ao longo de nossa pesquisa, encontramos, em uma ponta, jovens identificados com uma temporalidade de fluxos acelerados abandonando a temporalidade lenta normalmente identificada com o campo. De outro lado, idosos sendo forçados a adequar-se a uma nova temporalidade que se dissemina e engole novas áreas, forçando uma aceleração nos fluxos cotidianos. No meio, uma geração de transição que, aparentemente, ainda mantém uma identificação tanto com o espaço rural tradicional e seus fluxos lentos quanto com o espaço urbano e seus fluxos acelerados.

### **A aceleração do tempo e o colapso do futuro**

A urbanidade na qual vive a maior parte da população de nosso país nos exige rapidez e eficiência, espera de nós uma visão parcial e limitada dos acontecimentos, até mesmo porque qualquer visão mais ampla poderia se tornar uma ameaça ao sistema construído e consolidado. Assim, estamos fadados a uma percepção cada vez mais fracionada da totalidade social, de maneira que nossa esfera de ação fica cada vez mais restrita (CLARINO *et al.*). A cidade, criada para ser o *hábitat* do ser humano, torna-se, como destaca Zygmunt Bauman em uma de suas mais recentes obras, intitulada “Tempos líquidos”, um ambiente inseguro por definição, especialmente em função da negação dos mecanismos de proteção aos menos favorecidos. As próprias

organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam. (BAUMAN, 2007, pág. 7)

Esta desarticulação das instituições que garantem a estabilidade social é o que Bauman denomina de passagem da modernidade sólida para a modernidade líquida, com convergência no conceito de tempo intemporal de Manuel Castells (2003), um tempo fragmentado e anulado pelas inúmeras possibilidades de escolha promovidas pela tecnologia, superando a lógica do tempo cronológico do período industrial. Para Bauman, a aceleração e as modificações verificadas ao longo da segunda metade do século XX (o que para muitos autores pode ser considerada como a superação dos paradigmas modernos e a entrada em um período de indefinição de paradigmas batizado de pós-modernidade) são sintomas da liquefação de tudo o que sustentava uma organização social moderna-urbana-industrial por essência. Esta desarticulação das instituições de manutenção social tem como componentes principais (1) a separação de poder e política, com a diminuição do poder de controle (e morte, para alguns autores) do Estado-nação; (2) a perda de substância nas relações comunitárias tradicionais substituídas por relações verticalizadas típicas de uma sociedade organizada em rede; (3) o colapso do pensamento e planejamento a longo prazo em função da perda de referenciais duradouros, tornando a reorganização social uma constante reação a uma situação específica e de curto prazo, com hábitos e informações em processo de constante obsolescência; e, por fim, (4) a transferência da responsabilidade de decisão para os ombros dos indivíduos, que agora já não contam com as instituições sociais que antes concentravam as decisões e precisam, portanto, estar constantemente exercendo sua função de decisão individualizada (BAUMAN, 2007, pág. 7-10).

Em função destas mudanças, é possível perceber que há uma tendência cada vez maior das novas gerações se identificarem com o tempo veloz típico da urbanidade pós-moderna (ou modernidade líquida, individualizada e instável de Bauman), deixando para trás os fluxos lentos e constantes do tempo rural tradicional. Fato é que quanto mais avança o modo de vida

tipicamente urbano nas sociedades capitalistas, mais se verifica a dissolução de laços tradicionais de solidariedade, baseados na família e na vizinhança, e mais se constroem novas territorialidades, muitas delas consolidadas *no e pelo* movimento, pela constante reorganização e pela fugacidade. A expansão das redes técnicas estende as nossas relações sócio-espaciais para os lugares mais longínquos, ao mesmo tempo em que suscita, no âmbito da contigüidade espacial mais imediata, a ruptura das solidariedades típicas da vida no campo, cujo indicativo mais visível consiste no individualismo, na paranóia e na solidão típica dos grandes centros urbanos. Nesse sentido, Zygmunt Bauman cita Michael Benedikt para indicar a conexão entre a velocidade da viagem e a coesão social, afirmando que “o tipo de unidade possível em pequenas comunidades pela quase simultaneidade e custo quase nulo das comunicações através da voz natural, dos cartazes e folhetos sofre um colapso em escala mais ampla.” (BENEDIKT, Michael *apud* BAUMAN, Zygmunt, 1999, pág. 22)

Identificar como e para que direção apontam as transformações da sociedade atual, principalmente no que se refere às suas referências espaciais e temporais, consiste em uma das tarefas mais importantes da Geografia atual. O objetivo de nosso trabalho foi, na medida do possível, analisar, a partir de casos concretos por nós investigados, algumas das mudanças que podemos identificar de modo generalizado em nossa sociedade.

Entre as identidades que podem ser criadas a partir da referência territorial estão a identidade com o espaço circundante e a identidade com o tempo próprio a ele. Depois da discussão estabelecida ao longo desta pesquisa, sustentada por autores da Geografia e de outras áreas do conhecimento, já é possível afirmar com boa margem de certeza que o espaço socialmente construído carrega em si as características temporais próprias do momento histórico em que ele foi modificado. Esta noção se confirmou nos trabalhos de campo, onde foi possível perceber que cada porção do espaço carrega, de fato, características temporais específicas do período técnico no qual foi construída.

Depois do longo caminho percorrido, concluímos também que nas áreas urbanas ficam explícitas as diferenças temporais, sendo perfeitamente possível identificar tempos distintos convivendo lado a lado, heranças de momentos históricos (sistemas técnicos) distintos que deixaram, cada um a seu modo e com suas próprias características, suas marcas na paisagem. Essas diferenças temporais são tão marcantes na área urbana de Terra de Areia quanto em qualquer outra cidade. Essa multiplicidade temporal do espaço talvez seja uma das características mais marcantes do ambiente urbano e uma das principais diferenciações deste em relação ao ambiente rural, em geral, temporalmente mais homogêneo.

Apesar da importância do tempo próprio a cada porção do espaço, ficou claro durante nossa investigação que esta influência não é determinante nas ações dos indivíduos e na construção de suas referências identitárias em relação ao território. Não há uma relação direta e determinante entre o espaço circundante e o tempo em que se desenrolam as ações de cada indivíduo, especialmente quando estes indivíduos têm a possibilidade de optar pelo espaço e, com maior efeito, pela temporalidade na qual desejam viver. Nos parece, no entanto, que esta escolha nem sempre é plenamente consciente, uma vez que a maior parte dos jovens parece também ser levada em direção à urbanidade por um sistema técnico acelerado que força a aceitação de uma nova temporalidade.

Fato é que cada pequena porção do espaço possui uma temporalidade própria. E esta temporalidade não é obrigatoriamente a temporalidade vivida por seus habitantes. A temporalidade dos hábitos, ou a velocidade dos fluxos de interação com o espaço e a sociedade, é uma escolha pessoal, consciente ou inconsciente, tomada sob forte influência das redes técnicas que disseminam velocidades aceleradas mas que, em última instância, não criam a obrigatoriedade da temporalidade acelerada.

As diferentes porções do espaço se apresentam a nós como múltiplas possibilidades de velocidade de fluxos. A partir do momento em que os avanços técnicos (de locomoção e

transmissão de informação, principalmente) nos permitem exercer uma profissão em uma porção do espaço e habitar em outra, nos tornamos independentes do tempo próprio ao espaço em que habitamos. Cada esfera de atuação de nossa vida pode obedecer a características espaço-temporais distintas.

Passamos a ter a escolha de habitar uma porção do espaço e viver temporalmente distantes deste espaço. Assim como a migração espacial pode ser uma questão de escolha, a migração temporal também pode ser uma escolha. Nos parece que os referenciais que criam nossa identidade espacial não são determinantes para a criação de nossa identidade temporal. No entanto, são visíveis os casos em que a migração temporal é forçada, assim como a migração espacial também pode ser.

A aceleração constante a que estamos submetidos acarreta, segundo Helio Jaguaribe, duas diferentes conseqüências. A primeira delas seria, numa fase inicial, a aceleração do tempo dos eventos relevantes, uma vez que “a rapidez na circulação das notícias, na movimentação de pessoas e na produção de eventos acelera de modo correspondente as ocorrências historicamente relevantes” (*in* Tempo dos tempos, organizado por Marcio Doctors, pág. 163). A partir daí, com o excesso de informação e de fatos relevantes, paradoxalmente, a importância relativa dos eventos diminui.

A mesma perda de importância se estende sobre os avanços tecnológicos que, até certo ponto, serviam para melhorar a condição do homem no mundo, mas começam a perder seu efeito quando a ciência se submete aos ditames do mercado e as inovações começam a ganhar um caráter meramente cosmético, sem melhoria efetiva de qualidade de vida.

Ainda segundo Helio Jaguaribe, “a aceleração da história, induzida pela aceleração do progresso tecnológico leva inicialmente a uma progressiva tecnologização da vida. A relação homem-natureza se converte predominantemente numa relação homem-tecnologia” (*op. cit.*). Esta relação tão próxima com a tecnologia é ambígua, pois deveria garantir uma melhoria de

vida a partir da substituição de uma relação influenciada pelas variáveis naturais por uma relação completamente mediatizada pelas variáveis controladas, no entanto, a utilidade marginal de quase todas as inovações técnicas tem diminuído.

Milton Santos concorda com esta visão crítica da utilidade das inovações quando afirma que

a aceleração contemporânea é, por isso mesmo, um resultado também da banalização da invenção, do perecimento prematuro dos engenhos e de sua sucessão alucinante. São, na verdade, acelerações superpostas, concomitantes, as que hoje assistimos. Daí a sensação de um presente que foge. (SANTOS, 2001, pág. 30)

O intransitivo consumismo tecnológico que Jaguaribe comenta, nosso fetiche pela tecnologia e pela velocidade de que nos fala Milton Santos, retira do indivíduo sua condição humana e o reduz a uma função, tornando-o, portanto, passível de substituição por outra peça de mesma função e desempenho em termos de velocidade. O homem se torna descartável, com o esvaziamento de significado e fugacidade do presente e a perspectiva de colapso do futuro. Ao mesmo tempo, o espaço urbano torna-se amnésico, marcado pelas modificações constantes que retiram do homem também seus referenciais passados, como bem caracterizou Ana Fani. O homem urbano (pós)moderno (ou líquido) vive o medo constante de Bauman, com um passado amnésico, um presente fugaz e um futuro em processo de colapso.

### **Contribuições**

Em qualquer trabalho de pesquisa em Geografia, três elementos aparecem obrigatoriamente combinados: o recorte espacial escolhido como objeto de estudo (ou assunto específico, no caso de pesquisas essencialmente teóricas); o pesquisador e suas idiosincrasias, considerando suas opções pessoais em relação à postura metodológica ao longo da pesquisa; e a ciência geográfica em si, uma vez que é ela que serve de instrumento

para análise do espaço pelo investigador. Não por coincidência, vem se popularizando o termo “geografar”, que enfatiza o ato de investigação e interpretação em Geografia como uma ação, como uma construção permanente. Isso nos permite inferir que, ao final de um trabalho de pesquisa, resultados de três naturezas são identificáveis, correspondendo aos elementos combinados no processo de investigação, mais uma vez: espaço/objeto, pesquisador e a própria ciência, no caso, a Geografia. Estes resultados correspondem, então, respectivamente, às informações e constatações construídas a cerca do espaço que se estudava, servindo de base para proposição de modificações na organização espacial do objeto de estudo; às modificações e refinamento do processo de pesquisa posto em trabalho pelo investigador, incluindo seu ganho de experiência na atividade de pesquisa e seu domínio teórico-conceitual do tema pesquisado; e, finalmente, às possíveis melhorias propostas como aperfeiçoamento dos métodos investigativos à disposição na Geografia, uma vez que todo trabalho de pesquisa que foge das fórmulas já exaustivamente testadas tem o mérito de tentar ampliar o universo metodológico dentro da ciência em que se situa.

Qualquer trabalho de pesquisa deve, portanto, ser avaliado nessas três dimensões: no seu mérito em caracterizar o espaço/objeto em estudo, na constatação de que permitiu a ampliação do domínio técnico-metodológico da ciência em questão pelo investigador, e nas contribuições à ciência em si, propondo novos caminhos ou ampliando os já abertos por pesquisas anteriores.

Nunca foi objetivo desta dissertação levantar informações sobre Terra de Areia, o que pode ser confirmado pelo fato de que todo o histórico e caracterização do município foram compostos a partir de fontes secundárias, sem a produção de qualquer informação nova. De outra parte, é preciso destacar que a análise temporal da localidade, esta sim, foi inteiramente composta de maneira original. Terra de Areia nos serviu, antes de qualquer coisa, como um exemplo concreto de fenômenos espaço-temporais que exigiam observação em campo, e não

poderiam ser analisados em todos os seus aspectos se fossem isolados em uma redoma conceitual. Qualquer fenômeno que se analise geograficamente exige observação direta, sob pena de que não seja possível identificar todas as interações com outros elementos que nem sempre são previstos pela bibliografia já disponível na área. A imprevisibilidade faz parte do procedimento científico, e ela só pode ser levada em consideração na ação direta dos fenômenos que se estuda, e nunca através das lentes limitantes de construções conceituais que podem ignorar aspectos importantes de interação espaço-temporal.

Em tempo, se esta pesquisa pouco serve como elemento de apoio para o planejamento do espaço de Terra de Areia, acreditamos que sirva imensamente aos outros dois propósitos de qualquer trabalho científico. No que diz respeito à experiência do pesquisador (embora seja quase impossível proceder uma auto-avaliação isenta e detalhada), acredito que esta dissertação tenha sido suficiente para garantir algum domínio sobre algumas das técnicas de pesquisa à disposição na ciência geográfica, bem como para garantir algum domínio sobre o tema em discussão, a temporalidade do espaço. No entanto, é preciso ressaltar que o domínio por completo deste tema seria virtualmente impossível, seja pela estrutura e tempo de pesquisa à disposição, seja pela amplitude do tema em si. A temporalidade transcende qualquer limite acadêmico-disciplinar, exigindo que se faça uso de elementos de inúmeras ciências combinadas para que se compreenda suas diversas dimensões. Seria pretensão acreditar que este pequeno esforço poderia garantir qualquer tipo de domínio sobre o tema, mas me considero satisfeito em relação aos objetivos propostos.

E, finalmente, há que se considerar a contribuição desta pesquisa para a Geografia. Notadamente, dos três elementos combinados em um trabalho científico, aquele que mais foi exercitado aqui foi a própria ciência. Não há pretensão alguma de que este trabalho signifique qualquer mudança na estrutura da Geografia, longe disto. Mas esteve em nossos objetivos a valorização do aspecto temporal na análise do espaço, tendo sido este o rumo principal de

todo nosso trabalho de pesquisa. Sempre esteve em foco a noção de que o fundamental era destacar a importância de considerarmos o espaço enquanto materialização de tempo. E, em especial, o significado desta afirmação que é usada com certo desleixo por alguns autores. O tempo materializado dá origem a três dimensões que precisam ser consideradas enquanto aspecto de existência espacial de qualquer objeto: seu tempo linear, seu tempo técnico e sua temporalidade. Ignorar estas dimensões na análise não necessariamente nos leva a incorrer em algum erro, mas certamente a inclusão destas dimensões temporais na Geografia amplia muito o horizonte analítico e pode nos assegurar maior clareza para caracterizar fluxos cada vez mais acelerados, especialmente se considerarmos que já é anunciada a morte do espaço, completamente anulado pelo tempo.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Marcos Daniel Schmidt de. **Percorrendo os caminhos da modernidade**: técnica e tempo na construção social do litoral norte gaúcho. Dissertação de Mestrado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

ASCHER, François. **Los nuevos principios del urbanismo** – el fin de las ciudades no está a la orden del día. Tradução para o espanhol de María Hernández Díaz. Madrid: Alianza Editorial, 2000.

AUFFRAY, Jean-Paul. **O espaço-tempo**. Tradução de João C. Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização** – as conseqüências humanas. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

\_\_\_\_\_. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BERGÉ, Pierre; POMEAU, Yves; DUBOIS-GANCE, Monique. **Dos ritmos ao caos**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

BERND, Zilá. Cooperação, dependência e diálogo cultural Europa/Latino-América. *In*: BERND, Zilá (org.). **Olhares Cruzados**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

BORNHEIM, Gerd. A concepção do tempo: os prenúncios. *In*: DOCTORS, Marcio (org.). **Tempo dos tempos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BOTELHO, Caio Lóssio. **A filosofia e o processo evolutivo da Geografia**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1993.

BRASIL. **Censo demográfico 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acessado pela última vez em 21 de março de 2008.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Imaginários Urbanos**. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1997.

CAPEL, Horacio. **La cosmópolis e la ciudad**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 7ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CLARINO, Eduardo dos Santos; DEMICHEI, Neudy Alexandro; GUADAGNIN, Fábio; MOUSQUER, Fernando; SANFELICI, Daniel de Mello. As Identidades Espaço-Temporais em Terra de Areia/RS. *In: I Seminário Nacional de Múltiplas Territorialidades – Cadernos de Resumos*. Canoas: ULBRA, 2004. Porto Alegre: AGB, 2004.

\_\_\_\_\_. Análise Espaço-Temporal das Relações Rural-Urbano no município de Terra de Areia/RS. *In: XVII Encontro Nacional de Geografia Agrária – Contribuições Científicas*. Gramado, 2004. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2004.

CLARKE, Arthur C. **Para além da Aldeia Global** – a era das comunicações transcontinentais. Tradução de Maria da Graça Pinhão. Portugal: Fórum da Ciência – Publicações Europa-América, 1994.

CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. Florianópolis: ed. UFSC, 1999.

COVENEY, Highfield. **A flecha do tempo**. Tradução de J. E. Smith Caldas. São Paulo: Siciliano, 1993.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

DOCTORS, Marcio (org.). **Tempo dos tempos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Tradução de Vera Ribeiro; revisão técnica de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1998.

ELY, Nilza Huyer; BARROSO, Vera Lucia Maciel (orgs.). **Raízes de Terra de Areia**. Porto Alegre: EST, 1999.

ENGELS, Friederich. **A Dialética da Natureza**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FRIEDMAN, Thomas L. **O Mundo é Plano** – uma breve história do século XXI. Tradução de Cristiana Serra e S. Duarte. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

FROMM, Erich. **Psicanálise da Sociedade Contemporânea**. São Paulo: Círculo do Livro, 1955.

\_\_\_\_\_. **A Revolução da Esperança**: Por uma Tecnologia Humanizada. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

GEORGE, Pierre. **Sociologia e Geografia**. Rio de Janeiro: Forense, 1974.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HAESBAERT, Rogério. **Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo**. Niterói: EdUFF, 2001.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização** – do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

\_\_\_\_\_. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.

HAWKING, Stephen. **Uma breve história do tempo** – do Big Bang aos buracos negros. 30ª ed. Tradução de Maria Helena Torres. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

\_\_\_\_\_. **O universo numa casca de noz**. 3ª ed. Tradução de Ivo Korytowski; revisão Técnica de Augusto Daminelli. São Paulo: Arx, 2001.

HAWKING, Stephen [et. al.]. **O futuro do espaço-tempo**. Introdução de Richard Price. Tradução de José Viegas Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Fundamentos da formação do território moderno. *In*: **Boletim Gaúcho de Geografia**. N° 23, Santa Cruz do Sul/RS: UNISC, 1998.

HERRERA, Amílcar. Galileu, Hiroshima e a Liberdade (II). *In*: DAGNINO, Renato (org.). **Amílcar Herrera**: um intelectual latino-americano. Campinas: UNICAMP/IG/DPCT, 2000.

HUNT, E. K. **História do pensamento econômico**: uma análise crítica. Tradução José Ricardo Brandão Azevedo. Rio de Janeiro: Campus, 1981. 24ª ed.

JAGUARIBE, Helio. Tempo e história. *In*: DOCTORS, Marcio (org.). **Tempo dos tempos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

JÖNSSON, Bodil. **Dez considerações sobre o tempo**. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

KANT, Immanuel. **Fundamentos da Metafísica dos Costumes e Outros Escritos**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 28ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LACOSTE, Yves. **A Geografia** – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 10ª ed. Tradução de Maria Cecília França. Campinas/SP: Papirus, 1988.

\_\_\_\_\_. **Geografia do Subdesenvolvimento**. 8ª ed. Tradução de Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: 34 Letras, 1994.

LEFEBVRE, Henri. **Estructuralismo y Política**. Tradução para o espanhol de Luis Alberto Ruiz. Buenos Aires: editorial La Pleyade, 1971 (publicação do original).

\_\_\_\_\_. **A Revolução Urbana**. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LIPERT, Generi Maximo. **Terra de Areia: idéia, sonho e realidade**. Porto Alegre: Editora Tchê, 1991.

MACHADO, Nilson José. **Cidadania e Educação**. 2ª ed. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

MAGNOLI, Demétrio. **GLOBALIZAÇÃO**, Estado nacional e espaço mundial. 12ª ed. São Paulo: Moderna, 1997.

MALLMANN, Andréia Denise. **O fluxo das informações jornalísticas no tempo-espaço das mídias digitais / online**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social/PUCRS. Porto Alegre, 2005.

MARAFON, Gláucio José. Considerações sobre as redes técnicas e a organização do território. *In: Boletim Gaúcho de Geografia*. Nº 21, agosto de 1996. Porto Alegre: AGB, 1996.

MARTÍN, Antonio Zárate. **El espacio interior de la ciudad**. Colección Espacios y Sociedades. Serie General, nº 12. Madrid: Editorial Síntesis, 1991.

MÉNDEZ, Ricardo. **Geografía Económica** – la lógica espacial del capitalismo global. Barcelona: Editorial Ariel, 1997.

MENDONÇA, Francisco A. **Geografia física: ciência humana?** 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

METROPLAN. **Página oficial**. Disponível em: <http://www.metroplan.rs.gov.br/index.htm>. Acessado pela última vez em 04/03/2008.

MORAES, Antonio Carlos Robert e COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia crítica: a valorização do espaço**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?** Por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Pensar e ser em Geografia:** ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez Editora; Brasília, DF: UNESCO; 2002.

\_\_\_\_\_. **Ciência com consciência.** 8ª ed. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na Era Planetária.** Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

MUSSO, Pierre. A filosofia da Rede. *In:* PARENTE, André (org.). **Tramas da rede.** Porto Alegre: Sulina, 2004.

OLIVEIRA, Luiz Alberto. Imagens do tempo. *In:* DOCTORS, Marcio (org.). **Tempo dos tempos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERRA DE AREIA. **Página oficial.** Disponível em: <http://www.terradearcia.rs.gov.br/>. Acessada pela última vez em 04/03/2008.

REICHHOLF, Josef H. **O Enigma da Evolução do Homem:** o aparecimento da espécie humana em interação com a natureza. Lisboa: Inst. Piaget, 1990.

RÉMY, Jean; VOYÉ, Liliane. **A cidade:** rumo a uma nova definição? Tradução de José Domingues de Almeida. Porto (Portugal): Edições Afrontamento, 1994.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **O tempo e a cidade.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2005.

SANTOS, Douglas. **A reinvenção do Espaço** – diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem.** São Paulo: Hucitec, 1982.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Método.** São Paulo: Nobel, 1985.

\_\_\_\_\_. Metrôpole: a força dos fracos é o seu tempo lento. *In:* **Ciência e Ambiente:** cidades. Ano IV, número 7, julho/dezembro de 1993. Santa Maria: Editora da UFSM, 1993.

\_\_\_\_\_. **Técnica Espaço Tempo** – Globalização e Meio Técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia Nova**. 6ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SCHILLING, Voltaire. **Confrontos**: o pensamento político alemão. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1996.

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E GESTÃO DO RIO GRANDE DO SUL. **Atlas Socioeconômico Rio Grande do Sul** – versão eletrônica. Disponível em: <http://www.scp.rs.gov.br/ATLAS/default.asp>. Acessado pela última vez em 04/03/2008.

SHYAMALAN, Night M. **A vila** (The Village). Los Angeles: Buena Vista Home Entertainment, 2004. 1 DVD, 108 minutos.

SILVA, Aldo Dantas da; GALEANO, Alex (orgs.). **Geografia – Ciência do Complexus**: Ensaios Interdisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SILVA, Valdenildo Pedro da. **A inovação em tempos de globalização: uma aproximação**. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona. Vol. VIII, núm. 170 (33), 1 de agosto de 2004. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-170-33.htm>. Acesso em: 17 de janeiro de 2007.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. **Redes e Território**: uma breve contribuição geográfica ao debate sobre a relação sociedade e tecnologia. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona. Vol. VIII, nº 451, 15 de junio de 2003. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/b3w-451.htm>. Acesso em: 20 de janeiro de 2007.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (orgs.). **Cidade e Campo** – relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: editora Expressão Popular, 2006.

STROHAECKER, Tânia MARQUES; TOLDO JR., Elírio E. **O litoral norte do Rio Grande do Sul como um pólo de sustentabilidade ambiental do Brasil Meridional**. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona. Vol. XI, núm. 245 (39), 1 de agosto de 2007. Disponível em <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24539.htm>. Acesso em: 20 de março de 2008.

SUERTEGARAY, Dirce Maria A.; BASSO, Luís Alberto; VERDUM, Roberto (orgs.). **Ambiente e Lugar no Urbano** – a Grande Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

\_\_\_\_\_. (orgs.). **Rio Grande do Sul** – Paisagens e Territórios em Transformação. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

TELES, Antônio Xavier. **Introdução ao estudo de Filosofia**. São Paulo: Ática, 1990.

WHITROW, Gerald James. **O Tempo na História** – Concepções do tempo da pré-história aos dias atuais. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica de César de Queiroz Benjamin. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

\_\_\_\_\_. **O que é Tempo?** – Uma visão clássica sobre a natureza do tempo. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.